

Tiamat-World apresenta:



Mudança de Estação

Anya Bast

Moira sofre de ataques psíquicos que dão não somente dor, mas também visões de um homem chamado Dain d'Ange. Dain é um dos malditos Treze Senhores de Aeoli, um homem que dizem que matou a sua esposa com a magia do caos e da escuridão que possui. Desesperada para encontrar uma cura para seus ataques, viaja a Aeoli e à maldição dos Trezes Senhores. O duro inverno se fecha sobre ela e logo se encontra presa com um homem que é tão frio quanto o tempo. Sem dúvida, Moira sente que Dain nem sempre é frio e se promete descobrir o calor que se encontra debaixo de seu frio exterior. Não leva muito tempo separar o homem do monstro. Quando Killian, o irmão de Dain chega, Moira se encontra seduzida pelos dois em sua cama e logo se perde em uma rede de prazer carnal.

Também se acha perdida por Dain porque enquanto o tempo passa descobre que o ama.

Disp. em Esp: Club de las Excomulgadas

Envio e Tradução: Gisa

Revisão Inicial: Cris Rios

Revisão Final: Tessy

Formatação: Greicy

Tiamat - World

Comentário da Revisora Cris: Livro lindo! É hot, hot, hot... Claro! É uma história muito bonita





de gêmeos, um amargurado pelo fim trágico de seu casamento e o outro super divertido (imagino que logo terá história dele também) e uma mocinha com uma disposição, que que iiiisso??? Confesso que tive inveja!! Vale a pena ler, por que é hot, mas tem história.

Comentário da Revisora Tessy: Resumindo o que a Cris disse: A história é ótima, e dá um calorrrr.....kkkkkkkk. E gostinho de quero mais!!!

Prólogo

A partir de uma breve história da Nova Civilização Ecasiana, por Thomas ki Haeffen.

Como todos os livros de texto diriam, Ecasia se desintegrou por uma guerra no ano 602 e se dividiu em dois países, Sudhra e Nordan. Esta separação se deu principalmente por causa de uma maldição enviada pela Deusa Ariadne, em vingança pela forma em que suas filhas estavam sendo mal utilizadas pelos seus filhos varões. Ariadne ordenou que a semente dos homens não criasse raízes, ao menos raramente e assim começou a longa luta pela sobrevivência de ambos, de Nordaneses e Sudhraianos.

Todos em Sudhra renunciaram à Deusa e optaram por adorar o Deus Anot, principalmente. Todos em Nordan optaram por tentar apaziguar a Deusa e a adoraram em primeiro lugar, tratando a suas mulheres com amor e respeito, se esforçando por fazer que a Deusa suspendesse a maldição.

No ano de 1163, explodiu uma guerra entre os dois países, instigada por Sudhra, mas foi ganha por Nordan. Esta guerra, ainda que curta, foi um dos eventos mais importantes da história de Ecasian. Reuniram-se as duas metades de um todo e terminou a maldição da Deusa, através de um incidente conhecido atualmente como O Milagre, um evento que se explora em profundidade no capítulo intitulado como Lorde Gregor e Lady Anaisse.

Assim, o país unido de Nova Ecasia nasceu. Foi o primeiro compêndio de territórios de Nordan e Sudhra, mas no ano de 1165, sob o governo de Lorde Rue d'Ange e Lady Lilane, o território de Aeoli se formou. Aeoli é o bastião de Aviat e existe nos confins setentrionais de Nordan. Sob a direção de Lady Anaisse e Lorde Gregor, outro pequeno território se formou chamado Porto do Paraíso. O pequeno território de Porto do Paraíso fica na fronteira de Sudhra e Nordan e continua sendo até hoje um lugar neutro de governabilidade democrática para o país de Nova Ecasia.

Não só fez que a Deusa suspendesse a maldição, mas também concedeu a eles um dom especial aos primeiros filhos concebidos e nascidos no final da guerra. Não a todos, mas a maioria das crianças do pós-guerra nasceram com diferentes níveis de magia que continuaram em sua



linha de sangue até o dia de hoje. Chamam-se Os Abençoados, ou em algumas partes do território de Sudhra, Os Malditos.

Depois da guerra Sudhraiana-Nordanesa e a suspensão da maldição da Deusa, houve um período de paz na história de Nova Ecasia. É conhecida como A Paz dos Cem Anos.

Lorde Gregor de Nordan e sua esposa Lady Anaisse de Sudhra renderam homenagem especialmente para unir as terras em guerra, pondo um fim a maldição de longa duração da Deusa Ariadne nos homens. E brindar a esse momento de paz em abundância. Outros são citados nos livros de história dando uma mão. Lorde Marken e Lorde Talyn e suas esposas, Sienne Raven, tinham uma relação a desempenhar. Lorde Rue e sua esposa, Lilane, foram os que se arriscaram em uma viagem ao território inimigo e um perigoso ardil para ajudar Nordan em sua campanha.

Mas os cães de guerra estavam sempre desejando e os humanos são lentos para aprender as lições da vida. Finalmente, a guerra chegou uma vez mais a unida terra de Nova Ecasia, quando o General Morgan organizou o exército de Nova Ecasia para derrotar o sistema democrático de governo em Porto do Paraíso e se encarregar. O General Morgan prontamente se transformou em Imperador Morgan, quando conquistou e arrastou as terras vizinhas sob seu comando com fria mão de ferro. E Nova Ecasia sofreu uma vez mais.

Mas só se pode submeter e escravizar as pessoas até um ponto. Uma vez que cruzam a linha e seus rostos se empurram no barro muitas vezes, seus campos e suas casas cobram impostos com muita frequência, seus estômagos rugindo de fome enquanto que a classe dominante come trufas e engordam com queijos finos e vinho, uma noite.....Explode a revolução.

No ano 1280 começou a revolução. Destruindo o país desde o extremo sul de Sudhra até os picos mais setentrionais das Montanhas Aeoli. A guerra terminou em 1283 com o ditador Morgan vencido e o sistema democrático de Nova Ecasia uma vez mais restabelecido em Porto do Paraíso.

Capítulo 1

Nova Ecasia, território Nordan, no ano 1288

O copo deslizou dos dedos de Moira e se estilhaçou contra o chão de madeira de sua casa. A dor lacerou pela sua mente, levando-a se enrolar. Apoiou suas mãos nas coxas e se concentrou no copo quebrado, respirando pelo nariz e exalando pela boca. Sentia a cabeça quebrada também, como se sua mente tivesse se dividido, como o copo e os fragmentos roçando um contra o outro, se esforçando para ficar de novo juntos. As náuseas a invadiram, engoliu seco fazendo um esforço para que passassem.

Os episódios pioravam a cada dia que passava. Apertou seus punhos ao se dar conta que não havia maneira de evitá-los antes que a consumissem. Pensava que a última beberagem a base de ervas suprimiria o faiscar de imagens, mas obviamente, não ajudaram nem um pouco.

A dor desapareceu junto com a última imagem que permaneceu em sua visão mental. Com uma crescente sensação de temor, recolheu os pedaços do copo e se levantou. Moira os colocou



sobre a mesa e se deixou cair em uma das cadeiras de madeira rústica que estava ao seu lado. O fogo na lareira ardia alegremente, em direto contraste com suas emoções, afugentou o frio insidioso do final de outono que passou por baixo da brecha da porta de sua cabana e pelas beiradas das janelas fechadas.

Sua cama estava em um canto, coberta com uma colcha colorida e várias almofadas que o povo da aldeia havia trocado por seus remédios a base de ervas e assessoramento. Ervas secas penduravam das vigas de madeira por cima de sua cabeça.

Sua casa não estava bem mobiliada nem era grande, mas era confortável, quente e segura, e não queria deixá-la, especialmente em obediência a compulsão que implacavelmente a perseguia todos os dias.

Este Lorde Cyric. Que a Deusa a protegesse. Um profundo temor acompanhou o sussurro de seu nome em seus lábios ou a imagem de seu rosto que parecia gravado em sua visão mental. Seus olhos eram cinza como o céu noturno cheio de nuvens e sem alma. Todo o conjunto, sua mandíbula, os lábios finos apertados, o queixo pontudo. Todas suas características as viu com cada respiração e daria qualquer coisa para que desaparecessem. Estremeceu com repugnância. *“Porque a percepção do homem enchia sua mente com tanta frequência nestes dias, acompanhadas por dores agudas através de suas têmporas, que podiam fazê-la cair de joelhos?”* Os Poderes, a Deusa Ariadne e o Deus Anot, estavam gritando que deixasse sua cabana e viajasse, provavelmente para esse repulsivo estranho. Quanto mais ela resistia, mais forte crescia a compulsão. Este homem tinha uma aura de maldade. *“Porque os Poderes queriam colocá-la em perigo?”*

“Tinha que ser um erro”, raciocinava.

Moira se pôs de pé, pegou seu casaco de lã cinza do cabide na porta e colocou sobre seus ombros, depois recolheu o balde que se encontrava no chão. Era melhor deixar a imagem de lado em sua mente. Era melhor seguir em frente com sua vida como se esses ataques não a perseguissem, como se O Poder não a mandasse buscar um homem cujo nome sentia como sinônimo de morte e destruição. Precisava de água pra se lavar e cozinhar. Tinha madeira pra recolher e remédios pra fazer. Era assim que deveria passar seu dia. O vento tirava seu fôlego enquanto saía de sua cabana. Fechou a porta atrás dela com um golpe violento. A manhã estava revestida de penumbra, o bosque em tons escuros e os ramos das árvores rangiam com o vento frio.

Moira nasceu de uma linha familiar conectada a Lady Sienna e Lorde Marken, e como descendente direta de seu filho primogênito, Galen, havia herdado uma boa dose de magia. Havia sido o dom da Deusa Ariadne ao primeiro filho da Nova Ecasia quando haviam suspenso a maldição.

Tinha mudado para o bosque depois que a magia latente em seu interior se havia manifestado. Seus poderes empáticos haviam crescido tanto que viver perto dos demais era insuportável por causa dos ruídos.



Ao menos nesta parte do território de Nordan as pessoas aceitavam sua magia. Em algumas regiões do território sudhraiano, dentro da parte central da Nova Ecasia, os que tinham magia não eram considerados abençoados, e sim amaldiçoados. Sim, havia sido pensado como uma bênção, um dom, mas em alguns atrasados na parte antiga do país de Sudhra, a magia era considerada como a marca do diabo. Tinha mais controle sobre suas habilidades agora, mas havia se acostumado a viver na solidão. Fora no bosque, longe da maioria das pessoas, era tranquilo e pacífico. Aqueles que valorizavam sua capacidade de ler o presente e o passado, e aconselhá-los sobre o que via, viajavam para vê-la regularmente. Havia feito uma vida decente com sua habilidade até agora. Moira mantinha suas visitas a aldeia a um mínimo, só ia quando necessitava fornecimentos. Sua família e amigos, os que não tinham aversão a sua magia, viajavam para vê-la ocasionalmente. Se alguma vez se sentia um pouco sozinha, bom, que assim fosse.

Tudo tinha seu custo.

Andou caminho a fora. Os galhos rangiam sob suas botas e o vento açoitava sua saia em volta de suas pernas, e seu cabelo a seu rosto.

Amarrou seu balde na corda e tirou água. Suas coxas protestaram pelo movimento e descansou o balde na beira do poço de pedra, olhando os reflexos na superfície ondulante da água. Por um momento, a hipnotizaram com a brilhante luz minguante. De repente, se formou uma imagem.

Uma cegadora dor explodiu pela sua cabeça e caiu pra trás com um grito. Desta vez não foi o rosto de Lorde Cyric que encheu sua mente, foi o rosto de outro homem. Não reconheceu os traços rudes e os olhos claros de outro tom de azul. Sem dúvida, reconheceu o homem que sussurrava na sua mente. Ainda que nunca houvesse colocado fisicamente seus olhos nele, conhecia o nome e a reputação de quem o levava. Lorde Dain d'Ange. Mas não queria estar em nenhum lugar perto de Lorde Dain, o devorador de mulheres alado. Nenhuma mulher com juízo perfeito iria querê-lo.

Lorde Dain.

Sim. Todo o mundo conhecia o louco Lorde de Aeoli, um homem também descendente do primeiro dos mágicos. Era um Aviat, da linha de Lorde Rue e Lady Lilane. Até bruxas ermitãs como ela tinham ouvido histórias sobre ele.

Oh, que perigos e emaranhada rede do destino havia tecido a Deusa a seu redor agora?

Seu rosto se reinseriu na sua mente com uma fresca e perversa dor. Graças a deus, ela se deslizou na escuridão.

Dain se ajoelhou no chão seco e rochoso no que uma vez tinha sido o jardim de sua esposa e tirou um defeituoso Narrdine¹ do chão. Levantou-se e deu um olhar ao redor na zona de mato muito alto. Andreea tinha amado seu jardim quando era viva. Tinha uma habilidade especial com

¹ Narrdine se refere a vegetação nativa, jardim. Planta aromática originária da Índia. Foto ilustrativa no final do livro.



plantas e flores, os jardineiros mal haviam sido capazes de manter o jardim domesticado, já que florescia tão profusamente.

Mas, como tudo o mais, o jardim havia morrido quando Andreea morreu.

O verão havia se transformado em outono e logo a desolação, o frio inverno em Aeolian chegou. As flores haviam desaparecido.

Ainda tinha os jardineiros e os servos, os cavaleiros e a maior parte de seus homens. E tinha a maioria de seus arrendatários agricultores e servidão. Dain tinha enviado a maioria deles pra longe, levando o restante para fora do castelo. Alguns mais obstinados ficaram.

E a magia. A magia que corria por suas veias era um companheiro sempre presente, lembrando-o de seu fracasso, sua falta de controle. Deixou cair a flor no chão e se afastou.

Dain passou embaixo do arco de pedra que separava o jardim do pátio. O latido de seus dois cães mal chegou a tocar sua consciência, estava tão absorto em seus pensamentos, submerso na memória.

— Milord.

Dain olhou para cima para ver que William o observava do centro do pátio. O negociante de meia idade coçou a parte de cima de sua cabeça calva.

— Tem um visitante nos portões — Fez um gesto para a barbacana².

— Um visitante?

Não houve uma alma que se aproximasse da Fortaleza Aeodan voluntariamente durante mais de um ano e meio. Não houve quem se atrevesse.

— Sim, uma moça veio de Nordan, da parte rural, pelo aspecto de suas roupas. Perguntando por você.

Dain ficou olhando a William por um momento, pasmo.

— Quer que a afugente, Milord?

Dain franziu os lábios. Estava suficientemente intrigado para fazê-lo ele mesmo.

— Não, eu farei que se vá.

Cascalhos e areia rangiam sob suas botas enquanto caminhava para a barbacana. Podia ver que William havia deixado a pesada porta de madeira aberta, ainda que o portão estivesse abaixado. Uma figura magra e pequena estava aconchegada junto a porta, vestida com um manto cinza apagado de uma plebeia. Uma égua selada cinza estava ao seu lado, limpando o caminho de cascalho de uns teimosos matinhos.

Blix e Athna, seus cães negros de grande porte, trotaram até ele ladeando-o enquanto se aproximava da porta. Curiosamente, não latiram e nem grunhiram, como sempre faziam com os estranhos. Athna deu um pequeno gemido quando se aproximou da mulher e se sentou aos seus pés. Blix se sentou no lado oposto, com as orelhas para frente e seu ágil corpo alerta.

² Barbacana (esp).do latim medieval termo usado em arquitetura militar se referindo a um muro anteposto às muralhas de menor altura que o muro base,com a função de defesa do fosso de uma fortificação,onde era oferecida a primeira resistência ao agressor.



Apreciou a mulher antes de se dirigir a ela. Um cachecol velho e puído envolvia sua cabeça, escondendo seu cabelo, ainda que algumas mechas de cor vermelho sangue escaparam deixando-se cair ao redor de seu rosto pálido em forma de coração. Manchas escuras desvirtuaram a pele debaixo de seus olhos verde escuros. Olhos que o olhavam agora com bastante inquietude. Tinha os lábios entreabertos e uma mancha de terra marcava uma de suas bochechas. Parecia uns cinco anos mais nova que ele. Seus enrijecidos e gretados dedos se apoderaram das barras do portão.

— O que quer? — Ele grunhiu a ela — Não temos trabalho aqui nem fazemos caridade.

— Só peço uma entrevista, Milord. Umas poucas horas se tiver.

— Para que?

Moveu-se com evidente mal estar.

— É um assunto delicado, Milord, e um que requer uma grande quantidade de cuidadosa explicação. Basta dizer que requer um diálogo.

Seu discurso o desconcertou. Não falava como uma plebeia, e sim como de alto berço. Fosse quem fosse, era educada.

— Que demônios do submundo poderia te obrigar a desejar passar um tempo comigo, menina? Não sabe quem sou?

Apertou a mandíbula com teimosia e franziu o cenho.

— Sim.

Levantou seu queixo para ela.

— Diga. Diga quem sou.

— Lorde Dain d'Ange, um dos Treze Aviat governantes do território de Nova Ecasian de Aeoli. Você descende do filho de Lorde Rue e Lady Lilane, que foram um dos primeiros dos mágicos. Você é o Lorde da Fortaleza Aeodan. Quando Ecasia foi a guerra com o país de Laren'tar, ajudou a liderar nossas forças a vitória. Sua obra se fala em todo o país, levadas a cabo pelos bardos. Você foi um herói durante a guerra.

Dain sacudiu a cabeça.

— Não, menina. Diga-me quem sou na realidade. Fale da parte sombria da história. Diga-me o que aconteceu quando cheguei em casa da guerra. Diga-me o que foi dito nas noites escuras, de tempestade pelos seus amigos e sua família. Diga-me a história de terror. Continue.

Segurou-se nas barras até que os dedos ficaram brancos.

— É o décimo terceiro Lorde de Aeoli, alguns o chamam o príncipe maldito. Dizem que ficou louco com suas experiências na guerra e quando voltou continuou afetado por elas — Sua voz baixou — Eles... Eles dizem que voltou e matou a sua esposa, Andreea, com magia negra e retorcida. Dizem que quando ocorreu, cada pedacinho de vidro, todas as janelas, todos os pedaços de cerâmica.... Igual a sua esposa.

— Então, em nome da Deusa Ariadne, que está fazendo aqui?

— N-Não estou certa.

— Está maluca, então?



Seus lábios se retorceram em um leve sorriso.

— Ainda que tenha em meu povoado quem possa debater esse ponto, não estou maluca, Milord.

— O idiota nunca sabe que está louco, neném. Outros devem julgar. Julgo que deve estar louca para querer passar seu tempo aqui, a sós, comigo. Qualquer que seja a quantidade de tempo. Entendeu?

— Eu não sou idiota e sim, entendi, Milord, mas isso não muda minhas necessidades. Necessidade.

A mulher não sabia nada de necessidade. Não da forma que ele o fazia.

Aproximou-se da porta, arrastando seu olhar fixo ao longo dela... Não podia ver muito em suas dobras e ondulações de sua roupa de inverno, mas tinha uma boa imaginação. Seu corpo parecia leve, por isso achou que seus seios seriam pequenos de sugáveis mamilos vermelhos. Sua doce carne suave e cremosa provavelmente enrijeceria quando despertasse. Seus dedos se encurvaram um pouco enquanto a olhava sustentando seus seios.

Suas pernas eram longas e provavelmente muito musculosas, ideais para envolvê-las ao redor da cintura de um homem enquanto ele se enterrava com suas bolas até o fundo dentro de sua pequena vagina.

Pensou em qual seria seu gosto em sua língua. Como os músculos de seu apertado e pequeno sexo agarrariam seu dedo, sua língua, seu pênis.

Dain estremeceu excitado, enquanto que seu corpo respondia as imagens dela embaixo dele em sua cama. Como seus cabelos vermelhos se espalhariam sobre os travesseiros, como seriam roçando suas coxas, enquanto chupava seu pênis e como enterrava a mão atrás de seu pescoço e...

De repente, se voltou.

— Vá — Ordenou bruscamente — Pare essa loucura e se afaste de mim.

— Milord!

Afastou-se da porta e se dirigiu ao seu posto e sua garrafa de cerveja.

— Blix, Athna, venham.

Blix lhe devolveu o olhar, com choramingsos, e Athna apoiou a cabeça sobre suas grandes patas. Deu meia volta e se afastou.

— Muito bem, então fiquem com a louca.

Ela o chamou de volta.

— Milord, por favor! Tenho que falar com você. É de suma importância! — O chamou.

De importância para ela, não para ele. Apesar de que soava tão desesperada que quase se sentiu mal por ela quando dobrou a esquina e caminhou pra fora do alcance dos seus ouvidos.

Quase.



Moira fristou seus dedos nas barras do portão e deixou cair suas mãos ao lado. Bom, não havia sido como esperava, que desse as boas vindas. Não sabia o que havia esperado, mas não havia sido nada fácil. E não era como se pudesse dizer que estava tendo cegadores ataques psíquicos dolorosos em que seu rosto e nome se queimavam em sua mente. Não era como se ela pudesse simplesmente deixar escapar “*Quem é Lorde Cyric e qual é sua relação com ele?*” Algo assim. Sentia intuitivamente que essa situação requeria um manejo mais sutil.

Olhou além do portão, pelo pequeno caminho que provavelmente conduziria ao pátio da Fortaleza Aeodan. Alto, o sol e a chuva beijavam as paredes de pedra rosa a cada lado da entrada. O vento assobiava pela via, mas fora isso havia um silêncio total. Por um momento teve um flash de um tempo anterior. O cheiro de suor de cavalo e de couro chegaram a suas fossas nasais e ouviu o tinido das correias e os cascos de cavalo no caminho de cascalho. Mais além disso, chegou o som de uma saudável e próspera manutenção, os comerciantes gritavam uns aos outros, crianças chorando, conversas e risos.

Com um apertão forte de sua cabeça, saiu disso. Algo horrível havia acontecido de fato aqui, e o que passou envolvia diretamente o mantenedor amo e senhor. Mas Moira não havia percebido nenhuma má intenção que emanasse do homem. Não tinha nenhuma sensação de terror quando ela disse seu nome e viu seu rosto.

Não.

Estava zangado. Estava na escuridão. Estava consumido completamente pelo seu passado. Mas Moira sabia instintivamente que não estava em perigo, sem importar o que os bardos cantavam. Ele podia grunhir e latir, mas não mordia. Seu estômago disse isso. Seu medo havia sido em vão.

Tirou um pedaço de pão do alforje e o partiu em dois, e alimentou os dois cães através das barras. Então se levantou e tomou as rédeas de seu cavalo para guiá-lo pelo caminho longe do Senhor. Sim, poderia ser empurrado um pouco, e Moira tinha uma forte vontade e muita paciência.

Capítulo 2

Dain se sentou em seu grande salão com uma garrafa de vinho em frente a ele. Olhou para o lado enquanto tomava um longo gole. O amplo lugar era frio, os juncos rançosos que cobriam o chão de pedra haviam crescido muito e as teias de aranha haviam se encarregado dos cantos do grande salão, a medida que o vinho esquentava suas desagradáveis recordações de anos atrás que dançavam por ele. Um amável caos era usado como regra nas quentes noites de verão, quando a cerveja corria, os homens perseguiam as mulheres e as mulheres se deixavam apanhar. Agora, quando uma pessoa meramente suspirava havia eco no lugar. Agora, os ventos de inverno sacudiam com beijos de gelo as janelas, e uma camada de neve cobria o chão. Agora todas as pessoas tinham ido, e isso era uma boa coisa.



Mas ainda ficava a mulher.

Estabeleceu acampamento nos campos que ficavam um pouco além das almeias de Aeodan e havia ficado ali durante uma semana. Podia ver seu acampamento pela janela de seu quarto. Inclusive no meio da noite, podia ver seu fogo vacilante mais além do vidro, as brilhantes estrelas sobre sua cabeça. Era como se soubesse exatamente aonde ir para presentear sua consciência, ou talvez sua consciência fosse mais efetiva.

Todas as noites via a fogueira, enquanto que o homem que estava acostumado a ser incomodava sua mente. Esse homem que havia perdido muito tempo atrás instigou que a trouxesse para dentro afastando-a do frio. Sussurrava na cabeça de Dain, dizendo que era o correto a fazer. Dizia que qualquer idiota se encarregaria da mulher que havia nela não deveria permitir sacrificar sua vida por ele. Mas Dain ignorou esses pensamentos. A mulher deveria saber que dentro das paredes Aeodan estaria num perigo maior. Melhor que tentasse sua sorte com os elementos.

Deu uma última golada em seu vinho e empurrou seu prato com o desjejum. Inclusive agora, William preparou os cavalos pra ir caçar. Um longo inverno os esperava e eles não tinham se preparado o suficiente para ele. Até agora ameaçava ser uma dura temporada. A neve tinha começado faz umas semanas e ainda caía na noite. Iariam necessitar peças extras de carne para salgar e secar, restos de madeira pra seus fogos. Mais de tudo. Especialmente desde que seu irmão Killian estava para chegar a qualquer dia. Killian era seu irmão gêmeo e era maior em tamanho que Dain, mas Killian parecia ser capaz de guardar o dobro de alimentos.

— Está pronto, Milord? — Disse a voz de William na entrada do grande salão.

Dain se levantou e se reuniu com ele. Chamou a Blix e Athna que levantaram suas grandes cabeças de seus lugares no chão perto de sua mesa e juntos os três saíram da fortaleza para o pátio.

Dain colocou sua roupa de montaria e montou em seu cavalo. Ele e William passaram na frente da barbacana e foram pra fora, nos campos que se estendiam em frente a Aeodan. Seus cães trotaram com graça pela neve junto ao cavalo negro, brincando entre si e uivando de alegria por terem sido incluídos na excursão.

Ele e William cavalgaram a esquerda do acampamento da mulher. Sem dúvida, podia sentir seu olhar pesado sobre ele enquanto se acomodava junto ao fogo.

“Porque a desventurada não pensava em voltar pra casa em vez de ficar congelada no chão frio?” Não tinha nada a oferecer. Não tinha nenhuma razão suficientemente importante pra fazê-la arriscar sua vida desta maneira. Era sua decisão, sua escolha e se encontrasse seu cadáver congelado na primavera se lembraria disso, a garota teimosa. Obrigou-se a afastar o olhar da direção de seu acampamento para o bosque.

Sacudiu a cabeça e examinou a linha de árvores levantadas diante dele, obrigando-se a pensar na caça que estava por vir. Esperando encontrar veados e alces neste dia. O vento frio açoitou a pele exposta de seu rosto. Piscou ao frio cortante, seus olhos lacrimejantes. Podia tomar



ar e explorar o local, mas um dos inconvenientes era seu tamanho e envergadura. Tendo um efeito indesejável de assustar os animais fazendo que se escondessem, ainda que sua visão era muito superior quando estava no ar. Ele esfregou o queixo, contemplando suas opções. Quando voltou a olhar a Blix e Athna, os viu correr em direção oposta.

Direto ao acampamento da mulher.

Parou seu cavalo e xingou baixinho.

— Já volto, William. Explore o terreno para o jogo enquanto vou recuperar meus cachorros.

William assentiu com a cabeça e Dain puxou as rédeas de seu cavalo dando a volta e com um apertão de seus joelhos, se pôs a galope.

Quando chegou ao acampamento, viu a mulher agachada com sua volumosa camada de roupa diante de seu fogo. Sentou-se em uma manta de fios usados em frente a uma estrutura provisória que havia construído de galhos. Sobre o fogo havia uma espécie de fogão onde tinha uma panela pequena pendurada.

Seu cavalo pastava perto dali, na neve, arrancando a grama seca de inverno. Blix e a Athna se escondiam junto a mulher enquanto se aproximava, como se acreditassem que ia machucá-los. Eles o irritaram. Nunca tinha levantado a mão para eles, nunca.

— Blix, Athna — Ordenou severamente — Venham.

Eles não se moveram. Levantou a vista de Athna para a mulher com um olhar furioso. O cavalo sacudiu sua cabeça e como foi criado por ele, sentiu o mau gênio de seu cavaleiro.

— Você é feiticeira? Enfeitiçou meus animais?

— Sou feiticeira mas não encantei seus cães — Deu umas palmadinhas na cabeça de Blix e esboçou um sorriso — Eles só gostam de mim.

Havia pouquíssimos mágicos. Eram os descendentes dos primeiros filhos, nasceram logo depois que a Deusa Ariadna rompesse a maldição sobre os sudharianos e nordaneses. A magia progrediu sob as linhas dos primeiros bebês de forma aleatória, se manifestando nas cores azuis dos olhos e no cabelo castanho. Ainda que os Aviat nunca haviam sido tocados pela maldição da Deusa, herdaram também a magia dos primeiros bebês.

Dain também era feiticeiro. Era sua grande maldição. Era uma força sombria em seu interior que mantinha cuidadosamente amarrada. Se pudesse rejeitar a magia dentro dele, o faria em um abrir e fechar de olhos.

Dain entreabriu seus olhos, se fixando nela. Não confiava na magia, nem um pouco.

— Se você é de fato feiticeira, como vou saber que está me dizendo a verdade? Talvez tenha enfeitiçado Blix e Athna numa maneira de me ganhar e assegurar sua entrada na fortaleza.

Ela olhou para cima

— Mas Milord, você também é feiticeiro, não é verdade? Porque não pode simplesmente olhar em minha mente ou emoções pra ver que não estou mentido? — Recomeçou a acariciar a cabeça e as costas de Blix.

Ele suprimiu um grunhido furioso.



— Nunca uso minha magia... Nunca — Concluiu com um grunhido — Não desde... — Fechou a boca de um golpe.

Ela fez uma pausa o acariciar Blix e o olhou durante um bom tempo.

— Sente que sou uma ameaça? Você é um dos Treze Lordes de Aeoli e se acredita que assassinou sua própria esposa. Já estabelecemos isso, não é certo? Portanto, sou eu quem se arrisca, não?

— O que quer de mim?

— Só uma tarde pra falar com você — Olhou o arco e flecha amarrado em sua sela — Se você está caçando poderia te ajudar. Talvez possamos falar enquanto cavalgamos.

Soltou uma gargalhada que soava enferrujada.

— Você não sabe nada de caçada e pensa que podemos falar enquanto o fazemos. Assustaríamos as presas — Olhou seu corpo leve — De qualquer forma, como pode nos ajudar? Pode disparar um arco?

— Não.

— Pode usar uma faca ou transportar cargas pesadas?

— Não posso.

— Então como espera ajudar?

— Com minhas particulares habilidades mágicas posso dizer a vocês onde as caças passeiam no bosque e ajudá-los a localizar melhor que qualquer método de rastreamento que possa ter — Inclinou a cabeça — Entendo que como um Aviat tenha uma visão superior, mas minha capacidade de detecção será mais uma ajuda que as habilidades de visão.

Fez uma pausa, franzindo os lábios. Se deveria dizer sim ou não. Não deveria permitir de nenhuma maneira que entrasse em Aeodan e sem dúvida...

— Se puder nos ajudar a trazer carne para o inverno, terá um lugar em minha mesa esta tarde e a oportunidade de falar comigo, se isso é o que deseja. Uma refeição e nada mais. Será forçada a ir depois desta tarde. Não acampará mais nos campos. Terá que voltar pra casa antes que o verdadeiro inverno se estabeleça.

Ela se levantou e sacudiu a pesada saia cinza.

— De acordo.

Os três viajaram através dos bosques de Aeodan durante a maior parte da manhã. William havia enganchado um carrinho a seu cavalo e o depositaram na linha das árvores a fim de transportar mais facilmente lenha e carne. Bem treinados, Blix e Athna fizeram silêncio quando foram para o interior do bosque. Tudo que se ouvia era o ranger dos ramos embaixo dos cascos dos cavalos e o ranger do couro da sela. William e Dain tinham os arcos prontos, flechas entalhadas e prontas pra voar.

A inclusão da mulher na caçada fez Dain decidir não voar por cima da selva para detectar as presas. Tinha herdado as asas de uma coruja nevada como seu direito de nascimento Aviat e



instintos de caça também. Hoje ia permitir que a mulher usasse sua magia. Apesar de si mesmo, o intrigava.

A seu lado cavalgava a mulher. Tinha ficado quieta como a superfície de um lago em um dia de verão sem brisa. Em sintonia com o bosque, talvez. Finalmente murmurou.

— Ali.

Olhou para ela. Apontou quase em linha reta, um pouco a esquerda. Entrecerrou seus olhos, sem ver nada. Em continuação, piscou revelando um movimento que chamou sua atenção. Um arbusto se moveu. Dain entrecerrou os olhos. Parecia ser um javali tirando as raízes do chão do bosque em busca de alimento.

Muito ruim para o javali que eles também estivessem buscando alimento.

No outro lado William o olhou, baixou seu arco e pegou a lança que estava em sua sela. Se comunicaram em silêncio. Dain era o melhor disparando com o arco, William viria depois com lança.

Dain respirou fundo e levantou seu arco. Diferente dos contos dos bardos, não podia saborear tomar uma vida em qualquer forma, fosse animal ou humano. Nem sequer a coruja em seu interior poderia eclipsar o humano nesse sentido. Tomaria o javali, porque significava a sobrevivência durante o inverno e por nenhuma outra razão. O javali se aproximou evitando sua presença, e Dain mirou e disparou. Com um chiado, o javali caiu no chão. William se pôs em cima do javali e deu um fim a sua miséria. A besta ficou imóvel.

A mulher saltou de sua montaria, foi até o javali e se abaixou. Pôs sua mão ao lado da besta e olhou para cima, movendo os lábios enquanto falava algo em voz baixa. Dain olhou onde seus joelhos estavam na neve, deixando que seu olhar se deslizesse pra cima do arco de seu pescoço fino e a curva de sua bochecha. Tinha uns lindos lábios, notou, cheios e suaves.

Deixou de orar e se levantou.

— Que fez? — Perguntou. Sua voz parecia rude a seus próprios ouvidos.

— Agradei a besta pelo sacrifício de sua vida e dei graças a Deusa e a Deus por nos prover. O cavalo de Dain se moveu sob seus pés, dando patadas no chão.

A olhou em silêncio.

— Como se chama?

— Moira.

— Ganhou um lugar em minha mesa esta tarde, Moira.

No minuto que Moira entrou na fortaleza de Dain, uma senhora gordinha correu para ela.

— Minha querida senhora — Exclamou ela com um sorriso — Estou tão aliviada que Dain tenha te convidado a entrar — A mulher deu a Dain um olhar penetrante cheio de reprovação — Eu temia que nunca o fizesse.

Moira olhou de Dain a mulher, esperando que a esbofeteasse, mas ele continuou tranquilamente com o trabalho de se despojar de seu arco e flecha, que colocou na mesa próxima.

— Moira, conheça a Bess — Disse sem olhar a nenhuma das duas.



— Está extremamente frio lá fora! Eu te vi em seu acampamento pela manhã e temi por você — Disse Bess com preocupação, colocando-lhe uma pesada capa nos ombros.

Ainda estava frio dentro da fortaleza de pedra mas muito mais quente ali que no campo aberto. Um pequeno fogo chispava na lareira mas não o suficiente para esquentar o lugar cavernoso.

— Sou forte, Bess — Moira respondeu com um sorriso — Estava de passagem no campo, mas agradeço sua preocupação.

A seu lado Dain murmurou algo sobre teimosia. Moira o ignorou.

Bess olhou seu corpo e estalou a língua.

— Não acredito nisso. Está frágil como uma andorinha. Qualquer um pode dizer ainda que esteja com todos esses panos te envolvendo — Bess puxou seu braço — Deixa que os homens arrumem a lenha e o resto. Te prepararei um banho quente e agradável antes de ceiar — Estendeu outro olhar duro para Dain e farejou — Vamos mostrar que ainda temos hospitalidade em Aeodan.

Moira olhou para Dain, mas parecia ter se esquecido dela. Encolheu seus ombros e permitiu que Bess a levasse.

Bess a levou para fora do salão por um corredor e subiu um lance de escadas, conversando todo o caminho.

— Ainda há alguns de nós que ficaram, olhe. Eu mesma, cozinho para Lorde Dain. Meu marido, William, faz todo tipo de trabalhos ocasionais. O irmão de Dain, Killian, vive aqui a maior parte do ano, também. Killian está ausente agora, mas voltará a qualquer momento. Somos mantidos por Sua Senhoria, esperando que ele saia de....Bom, o que quer que seja isto — Deixou escapar um suspiro — Sei que o acusaram injustamente, sempre disse isso. Injustamente acusado.

Bess a levou a um quarto, um dos muitos que estavam vazios, Moira supôs. Uma cama com dossel dominava a antecâmara, penduravam pesadas cortinas vermelhas. Um armário estava junto a lareira, de onde ardia um fogo alegremente. Uma tina estava em um canto, cheia de água.

Moira franziu o cenho, olhando da lareira e a tina cheia d'água para Bess.

— Tomei a liberdade quando te vi montando além dos campos com Lorde Dain e William. Espero que não se importe.

— Subiu toda essa água quente você mesma?

Bess negou com a cabeça.

— Não se preocupe. Há um poço e um balde no final da sala. Na realidade, não foi nenhum trabalho.

— É muito amável, Bess. Obrigada.

Bess deu um grito de êxtase que sobressaltou a Moira.

— Estou tão feliz de ter outra mulher em Aeodan. Passou tanto tempo — Bess se apressou a sair do quarto e voltou um minuto depois com um vestido que cobria os braços e um par de



sapatilhas na mão — Não sei se ficarão bem em você mas pensei que desfrutaria trocando essa roupa.

Moira os pegou e ofereceu um sorriso em troca.

— Mas que amabilidade. Não posso dizer o quanto estou agradecida.

Bess deu uma palmadinha no braço e piscou um olho.

— Só o fato de tê-la aqui já é agradecimento suficiente.

A empregada ajudou a se despir e depois a entrar em seu banho. Enquanto Moira se banhava, Bess trouxe vários baldes cheios de água, esquentando-os no fogo e os acrescentou na tina. Moira se esfregou até que sua pele brilhasse, depois saiu secou seu cabelo e corpo com as toalhas que Bess tinha proporcionado.

O vestido rosa claro era de lã macia e um pouco grande, mas as sapatilhas ficaram perfeitas. Quando Moira acabou secar seu cabelo no calor do fogo, Bess a chamou pra jantar.

A empregada a conduziu através de uma série de corredores, não até o salão onde esteve primeiro, mas sim a uma pequena saleta de madeira junto a cozinha. Supunha que era mais fácil de manter o calor. Definitivamente era menos solitário e muito menos teias de aranha decorando os cantos. Uma mesa estava no centro com um fogo esquentando o ambiente. Juncos frescos cobriam o chão de pedra e tapeçarias colocadas nas paredes dos dois lados da lareira. Dain já estava dentro do local quando ela entrou.

— Moira — A saudou.

— Milord.

— Não me chame assim. Só me chame Dain.

— Dain, então — Replicou ela e inclinou sua cabeça.

Fez um gesto a cadeira a sua frente.

— Por favor, sente-se.

Se sentou em sua cadeira e sentiu seu olhar pesado sobre ela. Parecia que a olhava da ponta dos pés até a cabeça. Sentiu-se quente e quase parecia acariciar sua pele. A luxúria explodiu ao longo de seu corpo, procedente de Dain. Havia sentido seu desejo antes, quando haviam falado pela grade. Se sentia claramente atraído por ela e seu próprio corpo respondia a isso. Era perigoso. Tinha que se lembrar quanto tempo este homem havia estado só, sequestrado pela sua própria escolha no castelo. A abstinência não era um estado normal para um nordanese ou um Aeolian. Ambos eram pessoas altamente sexuais, criados em uma cultura altamente sexual. Ela mesma havia passado muito tempo sem um homem e podia sentir a necessidade dentro de seu corpo como a isca pronta pra pegar fogo. A última coisa que precisava era se acender com esse homem em frente a ela. Era muito bonito, mas com temperamento muito intenso pra um encontro casual. Levantou a vista e sustentou seu olhar de maneira uniforme. Estava aqui a negócios, nada mais. Era melhor que ele entendesse isso.

Bess serviu uma refeição simples de nabos fervidos e pescado salgado, provavelmente capturados no rio próximo a Soren. Havia tantas coisas que queria perguntar a Dain, mas sentia



que não devia. *“Porque havia despedido a todos seus homens? O que exatamente havia acontecido quando voltou da guerra? Porque permitiu que as pessoas acreditassem que estava louco quando claramente não estava?”* Mas estas perguntas não tinham nada a ver com a verdadeira razão pela qual estava aqui e só satisfariam sua própria curiosidade. Como o vinho desapareceu pela sua garganta e a comida de seu prato, sabia que estava ficando sem tempo.

— Fale-me de sua magia — Disse.

Bebeu um gole de vinho.

— Desenvolvi a capacidade de ler as pessoas faz uns cinco anos. Minha magia estava latente em meu corpo e simplesmente floresceu um dia. Posso ver o passado das pessoas e seus presentes. As vezes eu tenho um pouco de premonição sobre o futuro das pessoas. As pessoas do meu povoado as vezes me pagam por aconselhamento — Ela encolheu os ombros — Foi assim que minha magia se manifestou até agora, pelo menos. Não é muito forte, com toda a honestidade.

— O que fazia antes de sua magia se manifestar?

— Vivia no povoado e trabalhava no negócio da minha família, treinamento de cavalos.

— Isso explica sua habilidade com um cavalo — Levantou uma sobrancelha — E também talvez com meus cachorros — Concluiu com voz estrangulada. Sentiu uma pontada de diversão apesar de sua expressão séria.

Ela se pôs a rir.

— Não sei por que Blix e Athna me seguiram.

— Você já não vive em seu povoado?

Encolheu os ombros e olhou para cima.

— Não. Uma vez que a magia estava em mim, achei a presença constante das pessoas muito agressiva. Naquele momento não podia controlar minhas habilidades muito bem e podia sentir suas emoções mesmo quando não desejava.

— Você é empática — Afirmou rotundamente.

Sentiu uma parede sólida entre eles. Já não podia sentir inclusive um sussurro dos seus sentimentos.

— Sim. Sou descendente de Lady Sienne — Era uma figura reconhecida na história de Nova Ecasia desde que desempenhou uma relação em como a guerra de Sudhrain-Nordanese havia começado e seu companheiro, Marken, havia desempenhado um papel decisivo para seu fim — A magia dentro de mim começou a agir de maneira estranha faz uma duas semanas. Comecei a ter ataques psíquicos.

Ele se inclinou para frente, mas era o único sinal exterior que ele queria que continuasse. Moira percebeu um brilho de interesse intenso além da barreira que havia criado entre eles.

— Tudo começou faz umas duas semanas — Continuou — Comecei a ver seu rosto em minha mente e escutar seu nome, ao mesmo tempo. E eu chamo ataque porque são muito violentos. Ficam cada vez pior. Melhoraram desde que cheguei aqui, assim sei que estou no caminho certo.



Deu uns golpezinhos com o dedo contra o lado de seu copo.

— Mas você e eu não temos nenhum vínculo. Porque deveria estar vendo meu rosto nesses ataques?

Ela balançou a cabeça

— Não sei por quê. Nunca nos vimos antes. Não entendo porque estamos juntos neste caminho. Mas tem mais. Eu estive vendo outro rosto e outro nome por muito mais tempo que o seu — Ela vacilou.

— Continue.

— Conhece alguém chamado Lorde Cyric?

Seu rosto se escureceu e um músculo se mexeu em sua mandíbula. Uma onda de ira poderosa saiu dele. Fez com que Moira deslizesse em sua cadeira para trás longe da mesa.

— Então ele te enviou, não é verdade? Te pagam muito por isto?

Seus olhos se arregalaram.

— Não. Por favor, não acredite nisso.

Dain se levantou.

— Pode ir agora. Farei com que Bess pegue suas coisas.

— Não, espere. Por favor, me ouça.

Se pôs de pé. Ao mesmo tempo que se levantou a dor atravessou sua cabeça.

“Oh, Não. Agora não.”

Uma visão de Lorde Cyric encheu sua mente e com isso veio a sensação de náusea. Se deixou cair de joelhos ao lado de sua cadeira e agarrou seu braço numa tentativa desesperada de evitar perder a consciência.

Seu cabelo caía sobre seu rosto como duas pesadas cortinas vermelhas como sangue. Ouviu Dain furioso em cima dela, mas logo o tom se transformou em preocupação. Sentiu suas mãos na parte superior de seus braços ao mesmo tempo que a dor chegava ao máximo e explodia através dela. A escuridão seguiu rapidamente, puxando-a pra baixo do negro poder com o qual não podia lutar.

Dain ficou olhando a figura encolhida em seu chão e xingou em voz baixa. *“Pela Deusa, isto era algum tipo de truque? Estava fingendo isso? Cyric a havia enviado para atormentá-lo?”* Se acomodou junto a ela. Estava imóvel, mas porém respirava. Pelo que parecia havia desmaiado. Sacudiu vários cachos de seu cabelo vermelho escuro pra longe de seu rosto. Se era uma atriz, era uma muito boa.

Bess se apressou pela porta com uma travessa cheia de pão quente, gritou e deixou cair a travessa.

— Milord, que aconteceu? — Deu um olhar de horror.

— Não fiz nada, Bess — Disse.

Franziu o cenho.



— Nunca pensei que você tivesse feito, Milord. Acha que eu teria ficado aqui se o acreditasse uma ameaça?

— Disse que tinha ataques psíquicos. Creio que pode ter tido um justamente agora. Ela é mágica.

— É uma descendente dos primeiros filhos?

— Foi isso que me disse.

Bess se acomodou junto a Moira e pôs sua mão em sua testa.

— Está num sono profundo. Será melhor levá-la para a cama— Se voltou para Dain e explodiu — E juro pela Deusa, Dain, que se jogá-la lá fora no frio eu pegarei William e o deixarei pra sempre pra seu próprio bem — Sacudiu seu dedo embaixo de seu nariz — Não se atreva a duvidar de minhas palavras!

Dain levantou Moira. Pesava duas onças mais que nada. Tinha que ser alimentada.

— Se acalme, Bess. Não a abandonarei.

“A menos que Cyric a tenha enviado”, acrescentou em silêncio. Então poderia se congelar bem embaixo de sua porta da frente e olharia enquanto o fazia.

A levaram para a câmara onde Bess preparou seu banho e a pôs na cama. Bess e William fizeram fogo enquanto Dain contemplava a mulher. A luz do fogo piscava sobre seus traços enquanto estava ali. Seu longo cabelo de cor vermelho escuro jazia sobre seu travesseiro. Se havia dado conta de seus olhos de imediato. Eram verdes e cheios de inteligência. Seu corpo era leve, quase de aspecto frágil, ainda que a mulher tinha uma tenacidade que o fez saber que a fraqueza não fazia parte de sua personalidade.

Mas além do que aparecia em seu exterior tinha uma uniformidade, uma espécie de paz sobre ela. Parecia emanar dela e envolvendo-o em seu interior, fosse ou não paz, era o que queria sentir. Paz era a última coisa que merecia sentir.

Deu meia volta e caminhou para a janela na noite escura. O vento havia levantado a neve e agrupava nos cantos e esquinas da soleira. Ficou olhando como se pudesse ver na escuridão.

Os pensamentos do passado pululavam em sua mente e o fizeram apertar os punhos.

— Onde você está, Cyric? — Murmurou.

Capítulo 3

Moira abriu os olhos apenas o suficiente para ver o toldo vermelho drapejado da cama onde estava deitada. Lutou para se sentar enquanto rajadas de dor se deslizavam por sua cabeça e ombros. Com uma careta de dor se recostou nos travesseiros. Tinha sido tão idiota em assumir que os ataques a haviam deixado pelo mero fato de que tinha vindo até aqui. Apesar disso, este havia sido o pior que teve até agora.

Ficou admirando o fogo na lareira adornada e suspirou. *“Que queriam os Poderes dela?”* Não tinha vínculo nenhum com este lugar, com estas pessoas. Pelo que foi sua vida, da maneira que



era, começava tanto a se alterar. Era descendente dos primeiros filhos, sim, mas de forma aleatória. Não havia herdado as riquezas ou terras. Era uma plebeia, levando uma vida anônima.

Foi assim até agora.

Fechou os olhos. *“Deusa... Só queria ir pra casa”*. Lar para ela era sua pequena cabana e suas ervas.

Uma vez mais tentou se levantar esta vez muito lentamente.

Colocou as pernas para fora das mantas e seus pés descalços no chão frio. Levou alguns minutos para sentir confiança suficiente para se levantar. Por último, andou com passo lento, medindo seus passos para a janela... E se encontrou com um branco cegador. A neve cobria tudo além do vidro.

— Sente-se melhor?

A voz baixa, suave, veio do canto em frente a cama. Um calafrio percorreu a espinha dorsal ao som do mesmo, e ficou rígida ante a inundação de Dain, de repente o sentiu no quarto. Não havia sentido sua presença em absoluto quando havia acordado, talvez por causa de sua dor de cabeça. Lentamente se virou.

Dain estava sentado em uma cadeira em um canto. A luz do fogo iluminava a metade de seu rosto, deixando a outra metade na escuridão. Seus olhos escuros estavam fixos nela. Olhava para ela de uma maneira que a deixou com a boca seca e os joelhos fracos. Ela se perguntou como seria ser o único foco de atenção dessa intensidade quando ambos estivessem nus na cama a sua esquerda. Seu estômago se apertou de cima abaixo, e se segurou nas costas da cadeira perto dela para manter seu equilíbrio.

— Está bem? Devo te ajudar a voltar para a cama? — Ele perguntou com sua voz sedosa.

Engoliu seco e apertou suas mãos na cadeira.

— Me surpreendeu. Pensei que estava sozinha.

Inclinou a cabeça de lado.

— Me desculpe. Sente-se melhor?

Estabilizou seu olhar.

— Não fabriquei esse episódio a noite como um estratagema para permanecer aqui. Primeiro isso.

— Moira, a ideia me passou pela cabeça, não vou te mentir, mas acredito em você. Não creio que fabricou nada disso. Te observei a noite toda e não se moveu, nem sequer um gemido, até um momento atrás. Se fingiu a imobilidade, deve ter a formação de um monge Anot. Agora, como se sente?

“Te observei a noite toda”. Seu estômago fez outro pequeno apertão com essas palavras.

— Minha cabeça está doendo e estou um pouco tonta, mas de todas as maneiras estou bem

— Ela apertou seus lábios — Posso ir essa manhã, se quiser.



Um silêncio desceu sobre eles. Moira esperava que ele dissesse que se fosse e voltasse para a neve e o frio sem a informação pela qual tinha vindo. Não podia sentir nada de suas emoções. Este homem bloqueava os empáticos como ela com um toque de magia.

— Está presa aqui agora, Moira. Apanhada pelo inverno até a primavera — Disse finalmente. Moira olhou pela janela e apertou os braços sobre o peito.

— Mas posso viajar — Respondeu com uma nota de incerteza em sua voz. Não queria ficar aqui se não fosse bem vinda. Mordeu os lábios. De todos os modos, não o diria em voz alta, mas era importante encontrar a Cyric. Por tudo isso, sabia que ele tinha razão em estar apanhada.

— Não com os ataques que está tendo. Pode ser que não seja capaz de conseguir atravessar este frio e a neve, independente de sua condição. Meu irmão Killian é um soldado comprovado, com sangue acostumado a viajar no inverno de Aeolian e poderia ter problemas pra conseguir passar através dessa tormenta fora de hora que nos pegou.

— Sinto me impor.

— Moira, não entendo o que está acontecendo aqui, mas acho que exagerei a noite anterior. Me pegou de surpresa ao dizer seu nome. Eu tento não pensar muito nele e é um que não se nomeia em voz alta em Aeodan em muito tempo.

— Nem eu entendo o que está acontecendo, Dain e não sei nem sequer como sei seu nome, nem porque — Sacudiu a cabeça e lamentou quando a dor a atravessou — Não entendo a conexão aqui.

— Talvez o possamos entender.

Fechou os olhos por um momento. Graças a Deusa que ia ajudá-la.

— Espero que sim, Dain. Realmente o faço. Acredite em mim quando digo que tudo o que quero é cumprir com o que os Poderes querem de mim para que eu possa ir para minha casa em paz.

A olhou fixamente durante vários segundos de uma maneira avaliadora, seus olhos refletiam a luz do fogo.

— Vou pedir a Bess que prepare um desjejum pra nós — Assentiu com a cabeça. — E te falarei sobre Cyric.

Usava um vestido de lã branca que era muito grande para ela. O amplo decote se deslizava de vez em quando enquanto se movia e se abaixava o suficiente para expor a clavícula e a primeira mostra do seu ombro.

Bess deve ter conseguido uma loja de roupas para ela, Dain pensava enquanto partia outro pedaço de pão no meio e passava manteiga. Moira não parecia perceber do tamanho muito grande de seu vestido e seu interesse pela forma que a parte do pescoço deslizava para baixo. Havia passado muito tempo desde que havia visto uma mulher bonita. Era natural que a achasse atraente.



Inclusive enquanto estava inconsciente a noite anterior e havia passado longas horas estudando a subida e descida de seu peito, a suave curva de sua bochecha e a plenitude de seus lábios, havia fantasiado com ela. Estava há tanto tempo sem uma mulher que o tentou sem piedade. Ontem a noite em seu quarto iluminada pelo fogo, havia imaginado deslizar suas mãos embaixo dos lençóis, debaixo de sua roupa e correr seus dedos sobre seu seio, seu sexo.

Imaginou provando seu corpo sem piedade até que formasse creme para ele, gozasse para ele, até que acordasse e implorasse que a tomasse. Que suave e apertada seria essa vagina perfeita, como seria ao redor de seu pênis. Como seus gemidos soariam em seus ouvidos enquanto a tomava com calma a princípio, logo mais rápido e mais duro até que o castelo se enchesse com os sons de seus gritos.

Seu punho apertou a base da taça enquanto uma imagem de sua extensão amarrada a sua mercê se levantou em sua mente. O pensamento disparou os nervos em sua virilha. Se ela tão somente soubesse tudo o que sonhava em fazer com ela, todos os jogos sexuais que queria fazer com seu doce corpo. As coisas seriam aceitáveis na classe nobre Nordanese um século atrás, mas eram menos praticadas agora e eram especialmente eróticas e estranhas para um plebeu. Teria corrido da Fortaleza Aeodan agora mesmo, com duro inverno ou não.

Deu um longo trago e clareou a névoa de seu cérebro. Foi somente auto-tortura se permitir pensar nesses prazeres. Estava fora de seu alcance. Não era para seduzi-la e nunca seria. Nunca se permitiria um tesouro como esse em sua vida de novo.

— Cyric — Começou abruptamente.

Ela levantou os olhos de seu desjejum de pão com mel e chá.

Não devia a história que estava a ponto de contar. Não devia nada e muito menos a dor muito crua que poderia ofendê-la. *“Porque desejaria dar a ela um pedaço empapado de sangue de sua história pessoal?”* Não estava muito seguro. Só que essa mulher o fazia querer fazer e dizer coisas que não faria normalmente.

— Costumava ser um dos meus proprietários de terras — Continuou com força — Tinha um pedaço de terra ao sul daqui e um grande solar. Foi um... — Não pode evitar a expressão azeda que sabia estava estampada em seu rosto, o fato de que sabia que se chocaria com a seguinte palavra — Amigo uma vez.

Moira estava sem fôlego. O talher se manteve em sua mão, aquietando os movimentos de sua boca.

Bebeu outro gole de vinho aguado antes de continuar.

— Quando fui para a guerra, deixei Andreea sozinha. Desde que Cyric tinha um joelho ruim e não podia ir pra guerra, concordou em proteger minhas terras e minha esposa em meu lugar — Sentiu um músculo se mexer em sua mandíbula e levou um momento pra respirar profundamente antes de continuar — Quando cheguei em casa, descobri que havia feito muito mais que protegê-la. Se havia encarregado de todos os deveres de um marido.

— Sinto muito — Disse em voz baixa.



Havia muito mais nesta história, mas não quis revelar a parte mais sombria. Ela saberia de qualquer forma. Tinha ouvido sobre como havia chegado da guerra meio louco pelo derramamento de sangue, a violência e a morte. Tinha ouvido também sobre quando havia descoberto que sua esposa tinha sido infiel, sua magia latente havia explodido para fora dele em um frenesi assassino, tomando sua vida em um ataque de ciúmes.

— Onde está Cyric agora? — Perguntou a ele.

— Fugiu. Deixou tudo para trás em um esforço de escapar de minha ira. Pegou seu contrabando de dinheiro em efetivo e joias e saiu correndo. Não sei onde está.

Ela afastou o olhar.

— Então estou condenada.

Uma sacudida de preocupação passou por ele. Deusa, ser condenada! Não queria sentir nada por esta mulher. Não queria sentir nada e ponto. A última coisa que merecia ter era a emoção. Assassinar bastardos como ele merecia só insensibilidade e miséria.

Se pôs de pé.

— Se alguma vez o encontrar, o matarei — Disse com voz fria — E estou cansado de matar.

Ela o olhou. Seus olhos brilhavam com lágrimas.

Outra punhalada o pegou, o que não desejava, passou por ele. Olhou para o outro lado.

— Pode ficar até que o tempo melhore e a neve se derreta, nem um minuto a mais. Não será até a nova temporada primaveril. Se trata de um grande castelo. Mantenha-se afastada do meu caminho até então.

Saiu do local a fim de se afastar da mulher com grandes e bonitos olhos verdes, cheios dos sentimentos que parecia ser capaz de trazer para a superfície nele.

Um dia se transformou em dois, dois dias se transformaram em uma semana.

Finalmente, um mês inteiro havia se passado.

Moirá se sentou no final de um dos corredores do castelo. Puxou sua manta de lã com mais firmeza pelos ombros e olhou por uma janela grande que fazia parte da parede. Tinha se transformado um dos seus lugares preferidos e constantes. Aqui podia dar uma olhada no campo que se estendia a frente da barbacana, no seu caminho para casa. A neve não tinha deixado de cair desde a tempestade original que a havia apanhado aqui.

A neve e o gelo cobriam em camadas o chão até o ponto que não tinha nenhuma esperança de viajar por ela... Se teve alguma vez antes. Se tentasse, seria sua morte certamente, pela quantidade de neve no chão, como também devido as temperaturas intensamente frias que tinham baixado sobre a terra. As árvores estavam cobertas com uma camada de gelo e quando o sol se punha atrás delas, fazia o mundo parecer como se fosse feito de açúcar e cristal.

No mês transcorrido desde que Dain havia dito que poderia ficar, tinha sido fiel a sua palavra e se esfumou. Havia visto só vislumbres dele quando dobrava uma esquina, ou captava flashes dele pela janela do andar superior, enquanto trabalhava treinando um cavalo no pátio coberto de



neve. Várias vezes o tinha visto de relance pela janela, se precipitando sobre as torres do castelo com suas asas de coruja brancas e enormes estendidas. Se não fosse por Bess e William, Moira perderia a prudência no enorme e solitário castelo, em que cada ruído parecia fazer eco sem fim e todos os fantasmas pareciam uma multidão no meio da noite.

Uma rajada de vento sacudiu a janela e Moira enrolou mais a manta ao seu redor. Ao menos não havia tido mais ataques. Talvez por hora, Os Poderes se mostrassem satisfeitos com os passos que ela tinha dado ao aceitar seus desejos, quaisquer que fossem.

Outra rajada de vento sacudiu a janela, forçando Moira a sair da cadeira. O frio aumentou muito pra ficar parada ali, olhando o mundo branco por mais tempo. A decisão de continuar seu percurso pelo castelo parecia interminável, procurou as escadas e desceu. Tinha passeado pelo andar de cima de Aeodan mas não havia explorado a parte de baixo. Suas pegadas ressoaram nas escadas de pedra enquanto descia mais abaixo, nas entranhas da fortaleza. *“Encontraria alguma câmara de tortura aqui embaixo? Com um Senhor estranho e cheio de raiva como Dain, talvez sim.”*

Por fim chegou ao último degrau da escadaria. Os corredores eram escuros ali devido a falta de janelas. Sua respiração ficou condensada pelo ar frio, ainda que a temperatura fosse um pouco mais quente ali. O cheiro de mofo e umidade a fazia espirrar.

Fez uma pausa, olhando para a escuridão. Porque se sentia obrigada a continuar? Era mais que desagradável aqui. A escuridão e umidade não eram coisas que desfrutava, inclusive estava abeira de perder a cabeça. Sem dúvida, algo a empurrou a pegar uma tocha da parede e avançar pelo corredor, na escuridão. Não era como se houvesse outra coisa a fazer e ... Quem no submundo estava pensando?

Se deteve e deu a volta, sacudindo a cabeça ante sua ridícula inclinação. O som de passos no chão de pedra a fez parar e agarrar a parede. Conhecia a cadência de Dain, que era a que pisava agora. Doce Deusa, não queria vê-la em nenhum lugar perto dele. Já havia deixado bem claro. Deveria ir. Moira se dirigiu para as escadarias com essa intenção. Logo escutou assobiando uma velha canção de bêbados nordaneses.

Ela franziu o cenho. Dain assobiando? Talvez fosse parcialmente humano, depois de tudo.

Incapaz de resistir a sua curiosidade sobre o que havia deixado Dain nesse estado excepcional de ânimo, colocou a tocha em um suporte perto dela e avançou além de uma série de portas de madeira. Uma vez passado o círculo de luz pálida da tocha, estirou a mão e arrastou seus dedos pela parede em frente, sentindo a areia e umidade da pedra. Uma luz esquentava o corredor mais acima e se aproximou. Por fim chegou a uma porta aberta. Se abaixou e olhou para dentro do quarto.

As tochas acesas nas paredes de uma câmara larga faziam que sua luz refletisse em uma grande piscina de pedra. Uma fonte de água, talvez uma fonte termal, gorgolejava no centro dela. Dain estava perto da borda, tirando a camisa sobre a cabeça. Seus olhos se abriram. Seus ombros eram largos e seu peito musculoso fechava numa cintura estreita. Os músculos de suas costas



trabalhavam enquanto tirava a camisa e jogava no chão perto dele, junto a suas botas, que já havia tirado. Suas mãos foram aos botões de suas calças e sabia que tinha que afastar o olhar. Sua mão apertou o umbral da porta. Parecia completamente incapaz de fazer isso, de qualquer forma.

Dain abaixou as calças para revelar um traseiro bem formado e forte, pernas musculosas. Algo abaixo reviveu entre suas coxas. Seu sexo ficou quente, pulsando de vida. Seu ritmo cardíaco acelerou e sua respiração ficou fechada em sua garganta. Haviam se passado muito tempo desde que tinha estado com um homem. Pensou que sua libido havia tomado uma pausa permanente, mas ao que parece não era assim. Tinha notado antes como Dain era atraente. Qualquer mulher o faria, mas agora seu corpo parecia se dar conta realmente.

Viu como Dain se tencionava e se voltava. Deu uma olhada a seu pênis flácido, ainda assim impressionante. Doce Deusa, o homem era enorme! Inclusive em repouso o órgão era grosso e longo. Na forma ereta seria positivamente aterrador...Ou não. Já estava se molhando ante a visão dele. Um fio de suco escorreu de sua vagina, pelas partes internas de suas coxas, só com a ideia de tomar esse belo órgão dentro dela.

Por sorte, Dain se sentou na água, escondendo seu corpo dela. Moira se sentiu aliviada e decepcionada por sua vez.

— Moira. Deixe de se esconder e venha aqui.

Ficou imóvel, em choque, e a vergonha a atravessou. Dain nadou até a borda da piscina mais perto dela. Seu olhar se chocou com seu rosto enrubescido.

— Deve saber que é impossível espreitar um Aviat — Disse — Temos sentidos muito aguçados. Soube que estava aqui desde que desceu as escadas.

— Oh — Clareou a garganta incomodada e se levantou — Sinto muito. Só estava explorando o castelo e vagando por aqui. Quando escutei uns ruídos vim investigar — Balbuciou — Mas não queria falar nada pois sei que não queria me ver e...

— Moira, está bem.

Respirou fundo.

— Sinto ter espiado.

Se afastou de lado e nadou de costas até a outra borda da piscina. Atraía brilhos de seu corpo quando era visível embaixo d'água mas tratou de não olhar...Verdadeiramente tentou.

— Porque não compensa vindo até aqui? — Perguntou.

—Q-que? Na piscina?

— Tire o vestido e venha nadar. A água está bem quente e cheia de minerais curativos. A água vem de um manancial quente debaixo da terra. É bom para uma pessoa em meio a uma estação fria.

“Na piscina? Nua? Com Dain?” Poderia ser desperta pelo corpo desse homem, mas sua personalidade não era a que queria para se envolver sexualmente. Seu corpo o desejava mas sua mente sabia que era uma má ideia permitir que isto acontecesse.

— Não deveria.



— Posso resistir. Não sou tão descontrolado.

Por alguma razão que a fez se arrepiar, colocou a mão nos quadris.

— Não tirarei meu vestido na sua frente.

Ele inclinou a cabeça de lado.

— Sua linha é Nordanesa, Moira. De verdade se afastou de sua cultura? Seus antecessores praticaram o amor livre em seus domínios. Levaria com vergonha sua nudez como um Sudhraiano o faria?

— Não é isso — Deu um passo atrás — É que quase não te conheço e estou longe de confiar em você.

— Então tem medo de mim.

— Medo de você? Não tenho.

— Deveria me temer — Disse em voz baixa — Sou um assassino, depois de tudo — Se afastou dela.

Deu um passo para frente, mexendo a cabeça.

— Você não é um assassino.

Essas palavras eram a verdade. Como o sabia, não podia dizer. Só sabia. Não importava o que esse homem acreditava, não tinha assassinado sua esposa. Sentia nas suas entranhas.

Parou no centro da piscina e a olhou em silêncio.

— Estive lá. Meu irmão Killian estava lá. A vimos morrer com nossos próprios olhos. Eu a segurei em meus braços quando o fez e ela me amaldiçoou com seu último suspiro. Não há dúvida de que a assassinei.

Moira negou com a cabeça.

— Minha intuição não se equivoca nunca, Dain. Não sei o que viu, ou o que aconteceu nesse dia, mas acredito piamente que não matou a sua esposa.

Seus olhos se nublaram de raiva.

— Está mentindo. Foi enviada aqui por Cyric para me atormentar.

— Não! Eu vim aqui para encontrar Cyric! Não fui enviada por ele!

— Então, está tão insuflada como suspeitei no início — Se afastou e começou a nadar para longe.

Ela soltou um som enfurecido, tirou seu vestido deixando cair no chão mas continuou com sua camisa.

Dain nadou para ela.

— O que está fazendo? — Perguntou.

— Vou entrar na piscina — Respondeu com voz sumida.

— Achei que não confiasse em mim.

Caminhou para a beira da água mas com sua camisa. Era um pouco fina e branca. Uma vez molhada seria transparente, mas seria o suficiente pra fazê-la se sentir como se fosse uma camada



protetora entre ela e Dain. Não podia usar seu vestido, pois molharia e morreria de frio até subir para seu quarto.

— Não confio em você — Espetou — Mas de que outra maneira posso provar que realmente não creio que matou sua esposa?

— Porque acredita que me importa o que pense?

Suspirou exasperada e se meteu na água morna e encontrou o primeiro de uma série de degraus de pedra lisa que conduziam até a piscina.

— É completamente insuportável, sabia?

— Me disseram — Nadou para ela e estendeu sua mão. — Tenha cuidado.

Olhou a mão com cautela e declinou.

— Estou bem, obrigada.

Se afundou na água com um gemido de satisfação. Realmente era maravilhoso. O calor parecia se fundir em cada um dos seus músculos liberando a tensão que tinha estado sobre seus ombros e costas.

A mudança se agarrou a seu corpo enquanto nadava e sua camisa se embolava ao redor de suas pernas. Queria tirar mas não se atreveu. Dain ficou a olhando a distância. Seus olhos cinza tinham se escurecido tanto que pareciam... Fundidos. Em que estaria pensando? Engoliu o nó na garganta e devolveu seu olhar fixamente.

— Então, está vendo? Teria entrado na piscina com você se achasse que era um assassino?

— Se fosse idiota o faria.

Rodou os olhos.

— Na realidade é impossível.

— Porque acha que sou inocente? É sua precognição que diz isso?

Ela negou com a cabeça.

—Não, parece mais com uma sensação de conhecimento que tenho a respeito de algumas coisas. É minha intuição. Logo que te vi no portão eu soube que nunca faria mal a um inocente.

— Estive na guerra. Prejudiquei e matei a muitos.... Talvez muitos fossem inocentes.

Ela negou com a cabeça.

— Isso é diferente. A guerra é assim.

— Como? — Ele espetou, com os olhos repentinamente brilhantes — Como é diferente?

— Não estou aqui pra participar de filosofia e debater semântica. Quando me aproximei da porta soube que estava atormentado, mas não um assassino... Ao menos não de sua esposa.

Não disse nada. Ele só olhou para o outro lado.

— Adoraria acreditar em você, Moira. Realmente gostaria.

Seu nome em seus lábios fizeram seu corpo se contrair e seus seios se incharam. Sua mente fez estragos por um momento, imaginando ele murmurando seu nome quando estivesse metendo dentro dela. Clareou a garganta e nadou de costas para longe dele pra se distanciar um pouco.



— Esta piscina é maravilhosa — Disse levemente, em um esforço de mudar de assunto. Deu meia volta para fazer outro lance e deu de cara com Dain.

Se inclinou para frente se colocando entre seu duro e magro corpo e a parede da piscina. Sua boca baixou para a dela a um suspiro de distância de seus lábios. O coração martelou em seu peito e sua respiração ficou dura e pesada.

— Suponho que estava certa em não confiar em mim — Murmurou Dain antes de mergulhar nos lábios dela. À luz, deu um beijo que roubou seu fôlego. Procurou alguma coisa em que se segurar e só encontrou a Dain. Seus dedos se envolveram ao redor de seus ombros musculosos e suas mãos acharam sua cintura, se enroscou no tecido úmido de sua camisa que cobria seu corpo. Ele se abateu sobre sua boca só roçando seus lábios. Cada nervo em seu corpo se estremeceu com o toque leve, no fôlego que banhava seus lábios.

Um pequeno som, um gemido de necessidade encheu seus ouvidos e ela levou um instante para perceber que saía de sua própria garganta. Finalmente acabou com seu tormento e com um pequeno grunhido inclinou sua cabeça e cobriu sua boca com a sua. Ao mesmo tempo, encostou seu peito em seus seios.

Todo o corpo de Moira chegou a vida gritando. Seus seios estavam pesados e seus mamilos ficaram sensíveis e erguidos enquanto seu peito raspava neles. O material de sua camisa era a única coisa que separava a pele dele da sua e o roçar da camisa em seus mamilos sensíveis a fizeram tremer, disparando até sua coluna vertebral. Dain trabalhou seus lábios sobre sua boca, mordendo suavemente seu lábio inferior, e depois desenhou preguiçosamente entre os dentes puxando-o. Se fez uma linha invisível direta até sua vagina. Se sentia primitiva por ele, seu próprio sexo pronto para seu membro.

Dain coagiu seus lábios a se separarem e deslizou sua língua dentro de sua boca. O primeiro toque de sua língua contra a dela esteve a ponto de lhe dar um orgasmo. Se sacudiu contra a língua lenta e metodicamente. O homem a beijava da mesma forma em que a olhava, pensou com um calafrio. Intenso e consumia tudo.

Se estremeceu e se levantou contra o corpo dele com súbita necessidade. Suas mãos iam a deriva para baixo, seus dedos exploravam as cristas e vales incríveis de seu peito e estômago. Seus dedos se cerraram ao redor de seu membro duro, enorme. Não pode fechar seus dedos em volta de toda a circunferência de sua ereção.

“Deus, o que iria sentir quando...”

Suas mãos navegaram pra cima, sobre seus seios pesados, brincando com seus mamilos sensibilizados sobre sua camisa. Ela se queixou contra sua boca enquanto ele deslizava uma mão para baixo.

Achou seu clitóris e esfregou. Sem dúvida o material de sua camisa separava a mão de sua carne. O material causava fricção adicional contra seu corpo já superaquecido.



Ele deu voltas e voltas ao redor e o acariciou, até que ela levantou a cabeça para trás e só podia ofegar e gemer. Sua boca desceu na pele exposta de sua garganta, mordiscando suavemente e beijando.

Ela gritou quando seu corpo tencionou e chegou a seu clímax com facilidade por ele. O prazer baixou até o centro dela, crispando seu corpo em uma deliciosa onda após outra. Havia duvidado do quanto poderia ser bom. Tinha passado tanto tempo desde que um homem tinha colocado suas mãos sobre ela. Por fim as ondas cessaram, deixando uma massa de satisfação e desejo, deixando-a querendo mais dele.

Sua mão deixou seu corpo e ela abriu seus olhos, se sentindo meio bêbada e querendo atraí-lo para ela e beber até se faltar. Ela prendeu seu olhar e instantaneamente ficou quieta. Nuvens de emoção formaram redemoinhos através de seus olhos azuis claros.

Ele se afastou.

— Me perdoe.

Ela negou com a cabeça, tentando formar palavras, tentando lhe dizer que estava bem. Sem dúvida, suspeitava que essa desculpa não era por ofendê-la porque tinha esse triste olhar em seus olhos. Ela se arrependeu rodando por cima dele e a golpeou uma onda enjoativa.

— Prometi a mim mesmo que me manteria sob controle. Sinceramente, pensei que poderia. Faz um longo tempo para mim — Deu meia volta e saiu da piscina.

Moira segurou a borda da piscina, por fim encontrando sua voz.

— Faz um longo tempo para mim também, Dain — Disse em voz baixa.

Ele a olhou fixamente durante um bom tempo, um aflitivo momento, e depois saiu do lugar.

Capítulo 4

Dain se sentou em seu quarto, sua cabeça apoiada entre as mãos. O fogo ardia na lareira em frente a ele. Foi a primeira vez que tinha tocado numa mulher desde que Andreea morreu. Passou suas mãos no cabelo.

Quando Moira tinha tirado seu vestido pela cabeça, todas as suas boas intenções tinham desaparecido, junto com seu controle. Sua pele era tão suave a vista, e tão sedosa. Seus pés eram longos e finos e seus tornozelos delicados e bem formados, fizeram lamentar a camisa que usava. Queria ter visto o resto das longas pernas para fantasiar em como seria tê-las envolvidas na sua cintura enquanto se enterrava até as bolas dentro dela, até o fundo. Tinha vislumbrado seus pequenos mamilos rosados pressionando contra a tecido fino de sua camisa, e quando se moveu só um pouco para a direita tinha sido capaz de ver em parte os pelos vermelhos que cobriam seu doce monte.

Quando ela desceu na água, o calor o fez distinguir o cheiro distinto dela, Jacinto e algumas outras flores que não podia identificar, ficou mais forte.



Esse cheiro o perseguiu no último mês. Tinha sentido perto dela e tinha que ir em direção oposta a fim de evitar fazer algo realmente irracional e estúpido...Como beijá-la ou levá-la ao orgasmo. Dain se levantou bruscamente, se aproximou do fogo e deu a volta. Killian estaria muito orgulhoso. Ele pensava que Dain castigou a si mesmo o suficiente pelo que tinha ocorrido quando chegou em casa da guerra. Tinha sido um acidente e pensava que tinha que tomar outra esposa e começar de novo. Ter filhos. Ser feliz.

Dain sabia que nunca poderia se castigar o suficiente. Nunca seria capaz de se permitir a felicidade.

Moira dobrou uma esquina no andar de baixo da fortaleza enquanto ia para a cozinha fazer o desjejum. Uma semana já havia se passado desde seu encontro com Dain na piscina. Não tinha nem sequer visto de relance, depois do ocorrido. Se não o conhecesse, teria pensado que havia deixado Aeodan por completo.

Segurando o xale nos ombros para se proteger do frio, entrou no calor acolhedor da cozinha. Moira se deteve em seco ao ver a cabeça escura de Dain inclinada sobre uma tigela enquanto se sentava na mesa larga que dominava o salão. Blix e Athna deitavam no chão perto de seus pés.

Sem perder tempo, para que não desaparecesse como um dos fantasmas etéreos do castelo, deu um passo adiante, impulsivamente enquanto falava.

— Dain, por favor, não se arrependa do que aconteceu na piscina. Não o convidei, é verdade, mas isso não significa que não fiz...

Dain levantou a cabeça e se deu conta que não era Dain em absoluto.

Era quase exatamente igual a Dain, o mesmo cabelo escuro, os mesmos olhos azuis celestes, o mesmo bonito rosto, mas havia diferenças sutis. A maior diferença era a luz contente nos olhos deste homem, a marcada falta de tormento.

— Oh — Finalizou, estúpida e fechou a boca. Blix e Athna grunhiram, se levantaram e foram até ela. Acariciou suas cabeças limpas. O homem sorriu e levantou uma sobrancelha escura.

— Algo aconteceu na piscina? De repente estou muito ciumento de meu irmão, pela primeira vez em muitos anos.

Afastou timidamente uma mecha de cabelo vermelho de seu rosto.

— Sinto muito. Não tinha ideia de que não era Dain com a cabeça assim inclinada para baixo. O homem parou.

— É incrível que tenha percebido que eu não era Dain. Em geral ninguém pode nos diferenciar.

Caminhou para ela.

— Sou Killian, o irmão mais novo um minuto e meio.

— Gêmeos idênticos.



— Sim, mas tenho uma personalidade melhor, creio — Piscou um olho para ela, e pegou sua mão e levou-a até a boca, onde pousou um beijo — Não esperava que Dain tivesse uma visitante tão linda no inverno.

— Cheguei antes que grande tempestade caísse com todo seu poder.

— Sorte de Dain.

Uma onda de tristeza se apoderou dela por um momento.

— Desgraça para Dain. Creio que a última coisa que ele queria era companhia. Especialmente a minha.

— Ah, mas aconteceu algo na piscina,não? Ao que parece não é tão resistente a compartilhar sua companhia.

Seu rosto esquentou e não respondeu.

Killian murmurou algo adulator em voz baixa sobre seu irmão, e depois disse.

— Dain não saberia de um acontecimento propício e feliz nem mordesse seu traseiro. Está muito ocupado se auto-flagelando.

Bess trabalhava em excesso na cozinha no extremo oposto.

— Ah, que bom, Killian, já chegou.

Saudou o irmão de Dain com um abraço e um beijo maternal.

— Graças a Deusa, a pobre Moira finalmente tem outra companhia além William e eu. Bess passou os próximos minutos servindo mingau de aveia para Moira e uma segunda tigela para Killian. Depois de se preocupar pelas novidades Bess finalmente saiu da cozinha falando sobre fazer as camas. Blix e Athna trotaram atrás dela, deixando-a sozinha com Killian uma vez mais.

— Então deve me dizer como terminou no castelo do terceiro Lorde enlouquecido de Aeoli, Moira. Não é idiota, não é verdade?

Empurrou a aveia com a colher.

— As pessoas continuam me perguntando isso.

— Bom,deve ter ouvido os rumores sobre meu irmão. As pessoas não o procuram com frequência.

— Ouvi os rumores — Levantou o olhar para ele — Não significa que acredito em todos. Nem acredito na versão da história de seu irmão. Não significa que não sinta que é inocente do crime que se autoflagelo pelo ocorrido.

Killian se deteve e a olhou, uma colher de aveia a meio caminho da boca.

— Bom, agora, isso é intrigante. Deve ser feiticeira.

— Sou — Baixou o olhar — Meu nome completo é Moira ki Sienne.

— Descendente de Lady Sienne, a própria? Essa é uma herança para se gabar.

— Como a sua. Você também herdou a magia, como Dain?

Baixou o olhar para seu prato.

— Não. Não tenho magia, até onde sei. Dain conseguiu ambos, a magia e Aeodan e não quis nada com nenhuma.



— Parece amargurado.

Killian levantou o olhar e deu um meio sorriso.

— Não sou. Sinto por meu irmão, talvez. Não estou ciumento pelo que tem, só que ele não sente nenhum desejo de desfrutar sua boa sorte.

Moira ruborizou e baixou o olhar para seu prato. Este comentário pareceu apontar diretamente para ela.

— Diga-me — Disse depois de um longo silêncio — Sabe alguma coisa de um homem chamado Cyric?

Todos os músculos no corpo de Killian se enrijeceram.

— Por acaso — Disse com severidade — Pôs chifres em meu irmão quando estava na guerra. Roubou o bem mais apreciado para ele em todo o mundo, sua esposa. Ele representa a queda de Dain.

Moira empurrou a colher de sopa no prato uma última vez.

— Lady Andreea tinha um papel a desempenhar nisso, suponho — Disse em voz baixa. Continuando, mais forte — Estou procurando esse homem. Sabe onde está?

Killian soltou um som de brincadeira.

— Procura em vão. Se alguém soubesse onde estava, estaria morto por mim ou pela mão de Dain, agora.

A voz de Dain chegou da porta da cozinha, surpreendendo-a.

— Porque insiste assim, mulher? Deixe assim. É melhor que fique longe de mim e de Killian.

— Dain — Disse Killian, levantando-se de sua cadeira e foi até ele.

Os dois homens se abraçaram, sorrindo e golpeando um nas costas do outro.

— Foi difícil fazer o caminho até aqui desde a corte de Arvand? — Perguntou Dain.

— Quase não consegui.

— Porque se foi? Há muitas mulheres bonitas na cama envolvidas lá, sem dúvida — Disse Dain.

— As coisas estão bem lá, mas estou contente em estar em casa na temporada de frio. Poderia ter um pouco de paz e tranquilidade. Além do mais, parece ter encontrado uma mulher bonita aqui — Killian indicou a Moira.

Se pôs de pé, com uma expressão dura no rosto.

— Mas não sou a favor de camas — Disse com recato. Enquanto o fazia apanhou o olhar de Dain. Tudo que tinham feito na piscina chegou rapidamente, fazendo-a umedecer entre as coxas, e supôs então que havia mentido.

Killian acabava de fazer um som especulativo de “Hmmmm.” Era assim tão transparente?

Recolheu suas saias e caminhou até a porta. Amaldiçoando sua tez pálida. Se deu conta de que suas bochechas estavam vermelhas.

— Tenho muitas coisas a fazer — Disse distraidamente. Só precisava sair dali.

Killian se pôs a rir baixinho.



— Sim, há muito a fazer em um castelo vazio no meio de uma temporada de frio, minha senhora — Disse atrás dela — Coisas a fazer na piscina.

— Como sabe o que aconteceu na piscina? — Murmurou Dain, observando a bonita Moira sair rapidamente.

Killian sorriu.

— Achou que eu era você quando entrou na cozinha. Disse que não tinha que se arrepender, irmão — Seu sorriso se alargou — Seja o que for que tenha feito, ela gostou.

O pênis de Dain se torceu em suas calças. Pelo Deus Anot, o que teve. Queria mais dela. A queria nua embaixo dele. A queria ofegando e gemendo de prazer por suas mãos, boca e membro.

— Porque não a toma, irmão? — Perguntou Killian em voz baixa.

Negou com a cabeça.

— Não. Não veio aqui para ser seduzida. Veio a mim pra ter uma perspectiva, em busca de ajuda. Não seria correto...

Killian levantou uma mão para deter suas palavras.

— Meu irmão, sempre preocupado pelo que é correto. Você é o homem mais nobre que eu conheço.

Dain olhou para outro lado pra esconder brilho de dor em seus olhos. “Nobre?” Não era nobre o suficiente para deter a onda de fúria que tinha provocado sua primeira e única manifestação de magia. O que tinha feito pedacinhos de todas as janelas do castelo, destruindo todos os vidros ou cerâmica e matou a sua esposa.

— Não me fale de nobreza — Grunhiu.

Killian suspirou.

— Bom, se não pegar a oportunidade de levar a linda para sua cama, eu o farei — Killian começou a se afastar — É um longo inverno, já sabe. Espero que não se importe. Meu nariz Aviat não me engana. A mulher está implorando por uma longa e dura queda. Pessoalmente, creio que ela te quer, irmão — Deu um olhar rápido — Mas talvez ela se conformasse com alguém que se parece com você.

Dain levantou a cabeça e se fixou na nuca de Killian enquanto ele saía da cozinha. Uma curiosa mistura de emoções torciam seu estômago. Não importava. Não deveria se importar.

“Mas que a Deusa o condenasse, Se importava!”

Dain fixou suas mãos aos lados, mas ficou petrificado em seu lugar enquanto ouvia a risada de Killian e este começava a assoviar enquanto avançava pelo corredor a fora.

— Ah, é bom estar em casa — Gritou de novo.



Os fantasmas pareciam seguir Moira onde quer que ela fosse pelo castelo. Sussurravam com vozes muito suaves para que só ela entendesse. Puxavam sua roupa com dedos que mal se percebiam quando virava os canots. Respiravam pela sua pele, fazendo-a sentir como se estivesse parada em uma teia de aranha, quando não haviam teias de aranhas pelas quais passar.

Seus talentos não englobavam a comunicação com os desencarnados.

Premonições, intuições, sim. Ser médium era uma habilidade que talvez estivesse dentro dela, mas ainda assim estava fora de seu alcance. Havia muitas coisas de seu poder que ainda não tinha explorado, muito que ainda não sabia.

Os fantasmas tinham segredos a compartilhar. Tinham coisas a dizer pra ela, e pareciam querer fazê-lo desesperadamente. Por mais que Moira tentasse, não era capaz de ouvir.

Dobrou uma esquina no segundo andar de Aeodan e um deles alisou sua bochecha com um suspiro. De alguma estranha maneira, a consolou. Ao menos não estava sozinha. Moira procurou o quarto que tinha encontrado uma semana atrás. Tinha sido o solar das damas em algum tempo, e telas, carpetes de linho, tecidos e fiados ainda estavam ali. Faz uns dias tinha tirado pó, deixando o quarto como deveria estar. A tinha surpreendido que Bess não tinha reclamado essa câmara. Uma vez que esteve limpo, tinha começado a fazer algumas roupas novas. Um xale bastante novo para Bess, túnicas para Killian, Dain e William e uma bata de serviço para ela.

Se ia ficar por uma temporada ali, bom, poderia fazer algo útil, algo para ganhar seu sustento. Costurar e tecer nunca foi sua atividade favorita, mas era uma alternativa muito melhor que cortar os pulsos de aborrecimento.

Se instalou numa cadeira pegando o xale de Bess. Tinha começado bordando um padrão pequeno, colorido nas beiradas no dia anterior. Como sempre, seus pensamentos foram a Dain. Todos os dias tentava não pensar nele, tentava não pensar no olhar atormentado de seus olhos azuis claros. Tentava não imaginar seus lábios sobre os seus, seu corpo nu, se deslizando contra o seu. Tentava não pensar em suas mãos sobre seu corpo, fazendo-a alcançar um clímax estremeecedor.

Era difícil não pensar nele.

Certo como os fantasmas no castelo, ele a atormentava. Seu cheiro, uma fragrância amadeirada e picante, brincava em seu nariz enquanto entrava numa zona do castelo onde tinha estado. Acordou no meio da noite depois de ter um sonho em que fazia amor lentamente, uma e outra vez. Era um sonho que tinha constantemente. Seu corpo doía de necessidade até de manhã, e se masturbar sozinha não era bom. Parecia não satisfazer a profunda necessidade que sentia por ele.

Só ele podia fazer isso.

Passos soaram fora da porta. Sentiu-o no ar, apunhalando-a e pegando de surpresa.

— Ai! — Choramingou. Baixou o olhar vendo o sangue brotar de seu dedo. O levou a sua boca.

— Quem te deu o direito? — Se ouviu a voz de Dain, baixa e rouca.



Moira levantou bruscamente a cabeça diante o som de sua voz dolorida e franziu o cenho. Dain parado na porta, parecendo congelado...Parecendo enfurecido. Olhou ao redor do quarto e logo dirigiu seu olhar para ela.O coração de Moira quase parou pelo seu olhar.

“Ela o machucou de algum modo, mas como...”

— Este foi seu quarto — Disse em voz baixa e fria — Não tinha o direito de alterá-lo — Deu as costas e se afastou.

Aturdida, Moira ficou olhando para a porta vazia por um instante, recobrando seus sentidos, pôs o xale de lado e correu atrás dele. Ele seguiu pelo corredor a um ritmo rápido enquanto se afastava dela.

— Dain, espere por favor — Disse a ele.

Se deteve, mas não se voltou.

O alcançou e colocou uma mão sobre seu braço. Seus ombros encurvados e tensos em seu corpo. Ela imediatamente retirou a mão.

—Não deveria ter tocado nesse quarto. Esse era seu quarto — Disse com uma voz enganosamente tranquila.

— Eu-eu sinto muito, Dain. Não sabia.

— Deveria ter adivinhado. Pensei que fosse mágica. Achei que era intuitiva.

— Não sou infalível — Suspirou — Peço desculpas,Dain. Sei que quer manter sua memória o mais intacta possível...

Se virou para ela e engoliu seco ao ver a expressão dura em seus olhos. Deu um passo adiante e ela deu um passo para trás.

— Pensa isso por quê? — Ele perguntou com um sorriso estranho brincando em seus lábios — Acredita que é por isso que não quero que mexam em suas coisas?

— Uh, sim — Suspirou ela. Estendeu a mão e pegou uma mecha de seu cabelo entre seus dedos. Esfregou-a de um lado a outro, e depois a levou ao seu nariz e inalou. Dain fechou os olhos e gemeu. O desejo se estendeu por seu sexo. Seus seios ficaram pesados e seus mamilos apertados.

— Oh, Deus, você me tenta — Ele murmurou. Deslizou uma mão pela sua cintura e a arrastou contra ele. Ela foi de boa vontade, encaixando em seu corpo como se pertencesse a ele. — Pensar na energia e em como me senti na piscina, isso segue em meus pensamentos — Ele sussurrou em seus ouvidos — Quero me inundar em você, Moira. Quero te levar ao meu quarto e tirar este vestido. Quero que se deite na minha cama e te devorar, afundar meu membro dentro de você.

Se fôlego ficou preso em sua garganta com suas palavras.

Ele afastou o cabelo de sua garganta e pousou um beijo em sua clavícula.

— Nos meus sonhos, te tomo com calma e depois rápido e forte.Te tomo uma e outra vez, do entardecer até o amanhecer, até que ambos tenhamos chegado ao clímax tantas vezes que dormimos durante um dia inteiro, nus e enrolados juntos em minha cama.



Moira cerrou seus olhos. Seus joelhos estavam fracos, mas ele a estava sustentando. Seu peito, suavemente musculoso sob sua camisa, esfregava seus mamilos doloridos com cada respiração. Seu membro, enorme, duro e esticado, pressionava através de suas calças em seu ventre.

— Se pergunta por que não quero que mexam em seu quarto, minha doce Moira? — Murmurou em voz baixa que retumbava — Não é pra preservar sua memória.

De repente a afastou. A ação dura e brusca a fez ofegar.

Se pôs de pé, recortado pela luz minguante do entardecer que entrava pela janela atrás dele.

— É para que me lembre que posso fazer de novo.

Girou sobre seus calcanhares e se afastou.

O viu dobrar a esquina ao final do corredor, ouviu que suas pegadas se esvaneciam.

— Oh,Deus — Sussurrou. Seus joelhos finalmente se debilitaram o suficiente para que se visse obrigada a se agachar no piso de pedra. Seu corpo zumbia e vibrava. Sua vagina doía e estava tão, tão vazia. Como Dain tinha esse poder sobre ela, não sabia, mas o homem ia deixá-la louca — Oh,Deus — Sussurrou de novo, pressionando uma mão em seu peito e sentindo os rápidos galopes de seu coração.

Moira deu um último olhar no espelho largo de seu quarto antes de sair e desceu ao andar de baixo da fortaleza. Havia fechado o solar das damas depois de seu encontro com Dain, mas havia levado seu trabalho para seu quarto a fim de terminá-los. No dia seguinte tinha terminado o xale de Bess e o tinha dado. A criada tinha se encantado tanto que tinha decidido chamar a todo mundo em Aeodan pra ceiar esta noite.

Moira não se sentia preparada para enfrentar a Dain esta noite, sem dúvida, não tinha nenhum desejo de ofender a Bess e portanto não tinha opção.

Tinha terminado o vestido essa tarde. Era de um rico e profundo verde e era feito de veludo macio. De corte simples com um decote quadrado e mangas bufantes. Lhe sentava comodamente até a cintura, de onde saía de uma caída suave, uma saia tripla. Algo que poderia usar muitas vezes. Um tempo atrás as mulheres de Nordanese tinham usado um material chamado flaxcloth. Mantinha quem usava aquecido, mas era quase transparente.

Naqueles tempos os Nordaneses estiveram sob a maldição da Deusa Ariadne, e tinha sido especialmente difícil para as mulheres conceberem. Em Nordan, isto havia fomentado uma cultura que considerava as relações sexuais livremente. Uma relação aberta de sexo era muito comum entre os nobres, as mulheres e os homens copulavam com muitos parceiros, muito raramente tinham companheiros monógamos.

Em Sudhra, ao sul, tinham sido muito mais reprimidos.

Depois que a guerra entre Sudhra e Nordan tinha terminado, a Deusa Ariadne tinha suspenso a maldição, e as culturas dos dois lugares tinham mudado. Nordan, porém um pouco mais livre em muitos aspectos que Sudhra, mas os Nordaneses já não praticavam mais relações



sexuais abertas. Bom, na maioria do país, de todas as formas. E as mulheres já não usavam vestidos com flaxcloth.

Não usava joias e tinha prendido seu cabelo o melhor que pode em cima da cabeça. Brigava consigo mesma pelo pouco cuidado de sua aparência, se dirigiu a saleta onde Bess disse que serviria a comida.

Todos estavam já reunidos quando Moira chegou. Os três homens se levantaram quando entrou na saleta. Bess se preocupou e a sentou em uma cadeira entre Dain e Killian.

— Boa noite ,Milady — Disse Killian com um sorriso cálido.

Ela assentiu e sorriu pra ele.

Dain não disse nada e não a olhava nos olhos.

Estava bem, ela não sabia o que lhe dizer. Podia senti-lo, sem dúvida.

Cada respiração que tomava e cada leve movimento que fazia parecia correr por ela. era como se o mesmo calor que seu corpo desprendia esquentava a ela. Tomou um gole de vinho e falou de coisas sem importância. William e Killian discutiam do que plantariam no pequeno campo a esquerda do castelo. Ela e Killian discutiam as idas e vindas em Porto Paraíso e um pouco de política.

De repente, Dain se levantou , quase derrubando seu copo de vinho.

— Não tenho fome e me retirarei um pouco mais cedo esta noite.

Aturdidos,todos o olharam.

Nesse momento, Bess apressadamente ia e vinha da cozinha com seu primeiro prato.

— Claro que não o fará, Milorde Dain. Se sentará e agirá como o senhor civilizado deste castelo pelo menos uma vez — Ela estalou a língua — Seu irmão está aqui e tem uma convidada. O mínimo que podemos fazer é tomar vinho e comer pão com eles no mesmo lugar.

Dain se deteve um momento em silêncio. Um músculo tremia em sua mandíbula. Por fim, se deixou cair para baixo em sua cadeira com uma expressão similar a pedra em seu rosto.

Um sorriso se desenhava nos lábios de Moira. Que fingiu tossir e cobriu sua boca com um guardanapo. Bess era uma mulher formidável. Talvez fosse a única pessoa no mundo suficientemente formidável para controlar a Dain.

Bess sorriu.

— Muito melhor. Não é agradável?

Dain fez uma careta, mas Moira pensou que estava realmente tentando sorrir.

— Muito agradável — Grunhiu.

Bess serviu um caldo de frango com pão, em continuação , um faisão assado que Killian tinha trazido. No final do prato, Moira estava cheia de vinho e risos. Se sentindo mais relaxada, se permitiu sorrir e brincar com Killian, William e Bess.

Bess serviu um lindo bolo de açúcar com glacê branco de sobremesa. Moira comeu um pouco já que estava cheia da deliciosa comida.

Killian cortou um pedaço maior de torta e acrescentou ao que havia servido.



— A vida é curta, Moira. Vamos, deve se aproveitar do prazer quando o servem.

Ela riu e pegou o garfo.

— Fala como meu pai — Disse Moira.

— Ah, sim, Milady — Disse Dain em voz baixa — Mas nenhum de nós é seu pai. Será melhor que se lembre disso.

Se levantou e saiu da saleta.

— O que tem meu irmão que a atrai tanto?

Moira se afastou de seu lugar na janela. Onde esteve admirando a neve que caía. Tinha estado absorta em seus pensamentos sobre muitas coisas. Seus ataques não tinham acabado. Teve dois nas últimas três semanas. Cada dia se encontrava isolada, buscando respostas dos Poderes. Todos os dias não podia encontrá-los. Esteve tão sumida em seus pensamentos que não ouviu Killian falar vindo de trás. Tinha que ter sido ela, os fantasmas e seus pensamentos.

Deu um meio sorriso distraído.

— Porque diz que me sinto atraída por ele?

Começou a rir.

— Porque tem esse olhar divertido em sua cara cada vez que está no mesmo local com ele e o evita todo o possível.

— Bom, possivelmente eu esteja evitando e se tiver o olhar divertido em meu rosto quando ele está perto, pode ser que não goste dele. Não pensou nisso?

— Não — Disse sem se alterar — Sei que se sente atraída por ele. Posso dizer.

Ela afastou o olhar.

— É tão óbvio?

— Se sente atraída por ele mas não por mim. Porque isso? — Estendeu suas grandes mãos e sorriu — Ambos temos o mesmo aspecto, de qualquer forma.

— A atração é muito mais profunda que a estética, Killian — Colocou a cabeça de lado e sorriu — De todos os modos, quem te disse que não me sinto atraída por você? Eu estou. MUITÍSSIMO, de fato — A verdade é que sentia atraída fisicamente por Killian mas havia muito mais quando se referia a Dain.

— Bom, me alegro de ouvir a última parte, mas tem que explicar a primeira parte. Desde que Andreea morreu, foi mais um urso que um homem — Encolheu os ombros — O que a atrai tanto?

Ela não respondeu um bom momento. Em troca olhou pela janela.

— Dain é um homem complicado, que sustenta as sombras perto dele. Por escolha se envolveu nelas. É um bom homem que se acredita mal. Mas, as vezes, na profundidade de seus olhos na forma em que olha para Bess, vejo o homem que ele deveria ser, o que era antes de que Andreea morresse. Esse é o homem que me atrai, mas é todo o homem que ele é que me cativa. — Tem olhos que enxergam mais que o exterior — Respondeu solenemente Killian.

Devolveu o olhar para ele.



— Vamos, você é seu irmão, não só isso, é seu gêmeo. Não me diga que não vê o que eu vejo.

— Quando olho a Dain não vejo seu verdadeiro ser cortando a escuridão como você — Negou com a cabeça — Quando olho a meu irmão vejo um homem quebrado, torturado, e sei que de alguma maneira não posso tirá-lo desse lugar sombrio onde colocou a si mesmo, que vou perdê-lo para sempre. O tempo, Moira, o tempo se acaba para Dain. Não sente isso?

Olhou para baixo e logo de volta para ele.

— O faço — Ela sustentou seu olhar constante.

Nesse momento se forjou um vínculo com o enlace de Dain entre eles.

Ambos viam a Dain de maneira diferente, sem dúvida, o núcleo de seus sentimentos sobre ele era o mesmo. Ambos se preocupavam com o mesmo homem e isso dava a eles um terreno comum e uma conexão.

— Meu irmão me falou de seu problema. Porque procura a Cyric e porque buscou a Dain? — Disse Killian.

— Sim — Dobrou a mão nas mangas como se tentasse se proteger — Eu tive visões por alguns anos, mas estes ataques são algo novo e que não são bem vindos .

— Tem muita dor?

Umedeceu seus lábios.

— As vezes sim. As vezes desmaio. As vezes ambos, dor agonizante e perda do conhecimento.

— Deve ser aterrador.

— Eu gostaria de saber por que os estou tendo. Há uma razão. Há algo que me conduz para Cyric e Dain — Deu de ombros — A explicação mais provável é que tenha algo a ver com o acontecido no dia que Dain voltou da guerra. Que pode me contar sobre isso?

Sorriu.

— Bom, isso é uma longa história, mas creio que tenha o direito de saber, tendo em conta sua conexão aparente aos dois. É uma boa que esteja aqui. Provavelmente não há forma de alguma vez Dain falar desse dia.

Moira olhou para a janela. Sabia que era verdade. Seus pensamentos se desviaram de novo para o incidente no corredor faz uma semana e se estremeceu. Dain tinha excitado seu corpo e suas emoções e esmagado tudo no mesmo instante.

— Porque não vem comigo? Vamos a algum lugar que não esteja tão frio, tomar algo quente e falar.

Ela concordou e sorriu.

— Está bem.

Um pouco mais tarde , se encontraram sentados na saleta junto a cozinha. William tinha acendido o fogo para eles, e Moira se acomodou com uma manta grossa, quente em uma cadeira ao lado da lareira e segurava uma caneca de sidra na mão. Ela cerrou os olhos um instante,



desfrutando da comodidade. O fogo, a sidra e a manta puderam afugentar finalmente o frio que parecia se assentar definitivamente em seus ossos.

— Meu irmão não é o melhor dos anfitriões, como já notou — Disse Killian em voz baixa. Se sentou em frente a ela. A luz do fogo lambeu o rosto, e a camisa escura e calças que usava. Se não fosse pelo olhar de satisfação em seus olhos, ou a ligeira diferença no comprimento de seu cabelo e na forma que sustentavam seu corpo, não seria capaz de distingui-los.

Assim era, poderia dizer a diferença entre eles a um olhar, com uma simples inalação. Dain usava um sabão diferente quando se banhava, e o mero cheiro fazer seu sangue queimar.

— Não, me dei conta disso. Sem dúvida, não é como se eu fosse uma convidada — Respondeu ela.

— Estava preparado pra te jogar no inverno — Seu tom era leve, mas percebeu que havia fechado os punhos sobre as coxas — Quase aconteceu isso — Seu sorriso se fez justo.

— Me deixou ficar no momento que realmente precisei — Ela respondeu levemente.

— É muito indulgente, Milady.

— Me chame Moira, por favor.

— Se me chamar Killiam.

Ela sorriu.

— É óbvio. Conte-me, Killian, de sua família em primeiro lugar. O fará?

— Nossa família? Não há muito a contar. Somos descendentes de Rue e Lilane. São os que construíram Aeodan e estabeleceram o território Aeolian. Eles, juntos com outras pessoas como Lorde Talyn e Lady Raven, pensavam que era importante que os Aviats reclamassem seu herança e cultura. Aeodan passou através dos séculos para nossa família.

— Como eram seus pais?

— Sim? — Ele sorriu. — Ainda estão vivos. Vivem na parte sul de Nordan. São muito apaixonados, inclusive depois de todos esses anos — O sorriso se desvaneceu — Ainda que Dain não tenha nada a ver com nenhum deles. Por alguma razão ela não se surpreendeu ao ouvir isso. Sorveu um pouco de sua bebida cuidadosamente.

— Fale-me daquele dia em que tudo mudou. Entendi que estava aqui — Umedeceu os lábios — E que você...O viu.

Killian ficou olhando o fogo.

— Tínhamos voltado de Larent'ar, da batalha final da revolução. Os senhores dos três territórios tinham formado por fim uma aliança de ferro forte — Moira viu seus olhos vidrados com as recordações. Sua voz baixa quando continuou falando — Foi a pior batalha de toda a guerra, a mais sangrenta. Dain quase foi assassinado por um soldado leal ao ditador. Lutamos ombro a ombro durante toda a batalha e quando acabou, caminhamos através do campo queimado de batalha semeado de cadáveres, juntos — Se voltou e olhou com tristeza em seus olhos — Estávamos felizes de voltar para casa.

— O que encontraram quando chegaram em casa?



Killian suspirou e fixou a caneca de lado. Apertou os lábios sensuais por um momento, os mesmo lábios cheios que Dain possuía.

— Assim que limpamos os portões os criados nos cercaram, nos contando do assunto entre Andreea e Cyric. Dain se enfureceu pela traição e irrompeu na fortaleza. Andreea e Cyric estavam ali, no quarto juntos. Dain queria surpreender Andreea, assim não tinha enviado um mensageiro na frente. Ninguém tinha advertido a Andreea e Cyric, embora o choque no pátio os houvesse alertado. Eles se vestiam quando Dain os encontrou.

— Sua magia se manifestou pela primeira vez com sua raiva — Terminou Moira. Tinha ouvido as histórias.

O rosto de Killian ficou pálido.

— Foi uma demonstração incrível. A força que quebrou todas as janelas. Cada pedacinho de vidro e cerâmica em Aeodan. Nos colocou a todos de joelhos, sob a sua força. Quando terminou havia um morto e era Andreea.

— E Dain se culpou por isso — Disse Moira.

— Todo mundo culpou a Dain por aquilo. Diziam que veio enlouquecido pela guerra, que tinha crescido muito confortável na vida. Alguns se foram. A maioria deles...

— Saíram daqui — Concluiu ela.

— Sim.

Ela tomou um gole de sidra e olhou as chamas do fogo.

— Ele está tentando afastar a todos — O olhou — E Cyric?

— Fugiu. Nunca voltou pelas suas posses. Suponho que pensou que Dain queria matá-lo pelo que tinha feito. Dain poderia querer matá-lo, poderia dizer que o mataria, mas ele não o faria — Fez uma pausa — Eu o faria, sem dúvida. Por ser a causa do estado atual de meu irmão, o mataria.

Ela negou com a cabeça.

— Ainda não acredito que Dain matou a Andreea.

— Eu estive ali. Eu o vi, Moira. Meu irmão não tinha intenção de matá-la, mas o fez. Foi um acidente nascido da raiva.

Deixou sua caneca sobre a mesa perto de sua cadeira.

— Não. Ela morreu de outra coisa, talvez uma doença do coração — Se levantou e foi parar junto a porta. Ela envolveu seus braços sobre o peito para se proteger do frio que emanava da cozinha grande e vazia — Talvez Andreea tenha morrido de causas naturais — Concluiu em voz baixa.

— É boa ao pensar nisso dele — Killian se levantou e se aproximou. Ela sentiu seus mãos enormes segurar seus ombros. O calor de seu toque transpassou pelo material de seu vestido. Cerrou os olhos por um momento, se perguntando se as mãos de Dain seriam da mesma forma. Killian pressionou seu peito a suas costas e sua voz ressoou por ela ao falar.

— Se fechar os olhos, imagina que sou meu irmão, Moira?



Seu fôlego ficou preso em sua garganta. Sua voz era como um bom vinho servido em copo de veludo. Por um momento o queria com todo seu corpo e alma. Dain ou não. Era como se tivesse lido sua mente, mas então era mais que óbvio que o desejava.

Suas mãos baixaram por seus braços e baixou sua cabeça, então falou perto de seu ouvido.

— Queria... Fechar os olhos e imaginar que sou eu?

— Eu... — Não sabia o que queria, mas as mãos de Killian sobre ela, sua voz em seu ouvido... Ah, Deusa, era bom. Seria tão fácil se render a fantasia disso.

— Se fechar os olhos não pode ver os meus, e não saberá que não sou Dain — Disse Killian. Ao mesmo tempo levou suas mãos para baixo, roçando seus dedos sobre seus mamilos. Eles voltaram a vida, pedras duras ante o contato, sendo tão sensíveis. Se moveu involuntariamente, mas não se afastou.

Não era uma criada e Killian tinha que saber disso. Sexo aberto, ainda que não abertamente praticado como o foi há tanto tempo, porém era algo dado livremente pelos adultos que não estivessem comprometidos. Moira havia estado com bastante homens, embora eles fossem meros flertes, nada mais.

Nunca tinha se sentido da forma quando Dain colocava suas mãos nela.

Se imaginasse que era Dain, que colocava suas mãos nela agora, que era ele que estava com sua boca em sua garganta dando-lhe um beijo suave, que eram suas mãos as que alisavam suas costelas e pegava seu vestido em suas mãos para levantá-lo.

Seu coração batia mais rápido quando começou a se perder na fantasia. Seu fôlego ficou preso em sua garganta. Isto poderia ser o mais perto que podia ter a Dain, mas não pode fazê-lo. Se deixasse que Killian a tocasse e ele desse prazer em troca tinha que fazer sem essa ilusão em particular. Sentiu o frio pelas costas de suas saias que estavam acima de suas coxas. Sua mente dizia que devia detê-lo, mas não podia verbalizar. Em vez disso, levantou seus braços no alto e lhe deixou tirar o vestido pela cabeça.

Ficou somente com a camisa, fina de tecido branco. A pele arrepiada a fazia tremer, mas era menor o frio procedente da cozinha do que eram as grandes palmas de Killian que lentamente percorreram por seus braços de forma suave, descendo até o topo de seus seios. Engoliu em seco e deixou seus braços cair, deixando-os tocar tudo o que puderam de Killian, como a posição lhe permitia. Ele a fez se calar e levou os braços a suas costelas, depois voltou a puxar seus mamilos. Killian beijou a sua nuca e a mordeu suavemente.

Seu sexo pulsou enquanto seus dentes raspavam sua pele sensível. Seu clitóris voltou a vida. Como se Killian supôs que seria, baixou sua mão pela sua camisa levantando-a e brincando com seus dedos sobre sua vagina necessitada.

Killian suspirou.

— Já está molhada, Moira. Tão pronta. Passou as últimas semanas em agonia, não? Quer que te toque agora? Que te dê prazer?



— Sim, Killian — Sussurrou, usando seu nome de propósito, recordando-se que não era Dain, e sim seu irmão.

Fechou seus olhos enquanto ele a instigou a separar suas coxas e lhe acariciou com seus dedos sobre seu clitóris, tocando -a até que seu fôlego ficou preso em sua garganta e sua vagina cremosa pra ele. Precisava dar prazer assim como recebia, tentou envolvê-lo em seus braços. Ele a impediu com um agarre de aço.

— Te quero nesta posição — Grunhiu em seu ouvido. Assinalou uma cadeira perto — Ponha um de seus pés nessa cadeira e abra-se para mim.

Moira levantou uma sapatilha e a apoiou sobre o assento da cadeira. O ar frio entrou por baixo de sua camisa, arejando seu calor, em seu sexo dolorido. Nesta posição se sentia completamente vulnerável a ele e alimentava seu desejo.

— Tão linda — Murmurou em seu ouvido enquanto esfregava seus lábios inchados. Deslizou um dedo dentro dela, depois dois, e se arqueou contra ele — Mmmm, é bom, não é? — Ronronou perto de seu ouvido.

— Sim — Sussurrou a ele.

— Está morrendo para que Dain te faça isso, não? — Meteu a mão embaixo de sua camisa e acariciou sobre seu seio enquanto empurrava dentro e fora dela lentamente. Killian puxou seus mamilos entre seus dedos polegar e indicador tornando difícil para ela responder. Se sentia pronta pra acabar a qualquer momento. Ter as mãos de Killian sobre ela era muito melhor que se masturbar.

— Sim,sim — Suspirou ela.

Agarrou o ritmo de seus embates e abriu a palma de sua mão contra seu clitóris.

— Está morrendo para que ele abra suas coxas e te foda até que não possa respirar, não é verdade? Você imagina que ele está fazendo agora, doce Moira? Pode senti-lo empurrando dentro de você agora? Seu fôlego quente em seu pescoço, seu corpo quente se deslizando contra ele?

Moira gozou contra Killian. Seu clímax a golpeou duro e para fora, deixando seu corpo em êxtase. Sentiu que os músculos de sua vagina se relaxaram e liberaram em volta dos dedos de Killian.

— Ah, era isso que queria — Killian ronronou. Acariciou sua vagina molhada enquanto as ondas de seu clímax diminuía e depois parou.

Moira deu a volta, deixando cair sua camisa no lugar e caiu de joelhos na frente dele, decidida a devolver o prazer que ele tinha dado a ela. Justamente quando tinha as mãos em sua calça ele se abaixou e a levantou.

— Não, Moira.

O olhou por um momento, confusa.

Cerrou os olhos por um momento.

— Não — Disse sem se alterar — Por muito que eu deseje, não. Volte para seu quarto.

— Mas...



—Vá.

Depois de um momento de vacilação, fez o que ele queria. Perplexa por seu comportamento, se foi.

Das sombras da cozinha, Dain viu Moira fugir de seu irmão usando somente a camisa. Tinha visto tudo e seu pênis estava mais duro do que tinha imaginado que podia ficar.

“Deusa! Maldito Killian!” Não havia maneira de que seu irmão não soubesse que ele estava olhando. Tinha feito só para tentá-lo, empurrando-o para Moira. Seu irmão estava se intrometendo...Forte. Dain viu Killian se levantar por um momento, olhando depois a Moira.

Então também se foi.

Dain saiu das sombras e se abaixou perto de seu vestido. Xingou longamente em voz baixa e recolheu seu vestido. O levou a seu nariz e inalou, fechando seus olhos. O cheiro de sua essência podia deixar um homem bêbado. Uma mistura de emoções faziam redemoinhos dentro de Dain enquanto se lembrava do que Killian tinha falado para ela sobre fingir ser ele. Como ela havia ido a seus braços depois de imaginar que era ele quem a tomava. Seus gritos tinham soado tão doces. Seu corpo era tão maduro e sensível. Tinha feito tudo que pode para sair e se reunir com seu irmão. Não seria a primeira vez que compartilhavam uma mulher.

Dain empurrou sua mão na roupa de Moira. Não queria machucá-la.

Qualquer mulher...Qualquer uma...Que se conectasse a ele estaria em perigo. Sua magia e suas emoções eram apaixonadas, voláteis. *“O que aconteceria se o que aconteceu com Andreea se repetisse?”*

Para sua própria proteção era melhor que as pessoas se mantivessem longe.

Mas o cheiro de Moira. A ideia dela. A fantasia dela. Essas coisas o perseguiram em cada momento que estava acordado e em seus sonhos. A curva de sua bochecha, ele imaginava que cabia em sua mão. A elevação de seus seios ele imaginava roçando seu peito enquanto ela atravessava seu doce sexo no seu pênis rígido. Foi pior para o poder de seus sentidos de Aviat, pois podia sentir o cheiro de sua excitação na distância.

Cada vez que compartilhavam o jantar, seu cheiro o deixava louco de necessidade, mantendo seu membro o tempo inteiro duro. Cada vez que a via de relance em um corredor falando com Bess e William, sua proximidade o deixava louco de desejo.

Era impossível ter a mulher em seu castelo e não desejá-la. Foi uma tortura inimaginável negar a si mesmo o toque dela, especialmente quando sabia que ela o queria exatamente da mesma maneira que ele a desejava. E se fizessem só uma noite? Uma noite para livrar da luxúria que tinha. Uma noite que se afogariam no gosto e no tato um do outro.

Ajudaria? Ajudaria a tirá-la de seu sistema? Então talvez pudesse se distanciar dela, mantê-la a salvo de sua volatidade.

Dain fechou os olhos, tentando resistir a tentação... E falhou.



Capítulo 5

Dain pressionou seus punhos no colchão nos dois lados de sua cabeça e subiu sobre ela. Seus olhos estavam escuros e sua expressão intensa. Sustentando seu olhar, ele deu um golpe com seus joelhos para abrir suas coxas e apertou seu membro contra sua abertura que gotejava de seu centro. Isto o deixou confuso. Seu sexo estava liso e cremoso pra ele, apertado em resposta..

— Me quer, Moira? — Perguntou Dain pra ela com sua voz aveludada.

— Sim, te quero — Murmurou.

— Está disposta a me deixar tê-la em todos os sentidos... De qualquer maneira que eu escolha? Ainda me quer sabendo que pode ser que te tome de maneiras que nunca foi tomada antes? Ainda me quer sabendo que pode ser que te compartilhe com outro, ver como outro homem entra em você?

Seu estômago se agitou. Ela se deteve por um momento, sentindo o duro empurrão contra ela, desfrutando da suavidade dela. Oh, Deusa, ela daria qualquer coisa. Qualquer coisa que quisesse fazer estava pronta pra aceitar. — Sim — Ela contestou suavemente.

— Está disposta a se entregar a mim por completo, ainda sabendo que posso ser um perigo em potencial pra você?

— Sim — Disse ela. Ela moveu seus quadris, fazendo que seu pênis encostasse em seu clitóris. Ambos gemeram em uníssono — Sim — Suspirou ela — Por favor, Dain, por favor.

Moira acordou com um grito assombrado no meio da noite. A lua cheia além da janela refletia no mundo de neve e iluminou o quarto numa tonalidade prateada que guerreou com a luz do fogo na lareira.

Sua respiração era rápida e forte, e os restos do sono atormentaram seu corpo em alerta. Ela deslizou a mão por baixo das mantas para tocar com sua crua necessidade. Pensou em levar a si mesma ao clímax mas só a deixaria mais vazia e mais necessitada que antes.

Só tinha uma cura para essa doença em particular.

Se sentou, sem saber que tinha acordado, e empurrou o cobertor de lã para o lado com seus pés descalços. Fora da cama fazia tanto frio que o fogo e o cobertor pouco fizeram pra acalmar o frio do quarto.

Ela fechou uma vista ao redor do quarto sentindo algo estranho, uma presença. Talvez fosse um fantasma que estava pedindo uma audiência impossível. Nesse momento seu olhar pairou em uma figura na cadeira no canto do quarto.

Seu coração batia forte em seu peito. Esta necessidade por ele estava se voltando tediosa e a tentação por ele cada vez mais insuportável para ela.



A sombra escondia o rosto de Dain e a luz do fogo pairava sobre ele, lambendo a pele exposta de seu peito da maneira que ela queria fazer.

— Quanto tempo você está aí? — Ela perguntou com voz temerosa.

— Você gritava em seu sono — Respondeu ele, sem responder realmente a sua pergunta — Você choramingava, gemia e sacudia sua cabeça.

Ela levantou o cobertor até o peito.

— Sonhava com você...Sobre nós dois.

Seus olhos se acenderam com interesse, tão intensamente que poderia vê-los do outro lado do quarto pouco iluminado. Suas mãos levantaram e pousaram na cadeira, como se estivesse ali há algum tempo, se colocou confortável.

— Quanto tempo está aí? — Perguntou ela.

Dain não respondeu. Ficou sentado ali, a olhando de um jeito que parecia deixá-la vulnerável e nua ante o mundo.

— Deixa, Dain — Disse de forma entrecortada — Se você quiser só se sentar e me olhar e não me tocar, saia deste quarto agora. Não posso suportar isto por mais tempo. Saia e não me atormente mais.

Ficou sentado mais um tempo, olhando fixamente, e depois se levantou. Seu coração deu um tombo e seus pensamentos se precipitaram.

“Por favor, não saia. Aceite o desafio que te fiz”.

— E se eu quiser te tocar, Moira? — Perguntou com uma voz que foi como uma carícia em sua pele — Então? Ainda quer eu me vá?

Ela se acalmou enquanto ele deu um passo para a cama. Incapaz de contestá-lo, só podia olhar como ele se movia cada vez mais e mais perto dela.

— Moira — Sussurrou — Porque me quer? Como pode querer a um homem como eu?

Se deteve na beirada da cama e a olhou fixamente.

A cólera a tomou repentinamente. Ela jogou as cobertas de lado e saiu da cama pelo lado oposto a ele. O chão de madeira do quarto estava gelado em seus pés descalços.

— Não brinque comigo desta maneira, Dain — Ela disse — Me preocupo com você. E estou desde o momento que me aproximei de seu portão e você me deu as costas, idiota que sou.

Ele estendeu as mãos.

— Mas por quê? Porque eu? Porque um homem quebrado, um assassino como eu?

Ela ficou olhando pra ele.

— Não sei — Moira caminhou para a porta e a abriu de golpe — Só saia. Não posso suportar mais isso. Você me dá vontade de fugir no inverno pra escapar de Aeolian. Você é muito mais frio do que a viagem poderia vir a ser.

Se aproximou da porta lentamente. Seus passos soaram no quarto, embora em silêncio. Ela recuou quando chegou até a porta, mas ele a agarrou pela cintura e a puxou contra ele.

— Nem sempre sou frio — Murmurou enquanto sua boca baixava sobre a dela.



Moira ficou rígida, e depois relaxou contra ele, se ajustou a curva de seu corpo. Sua boca era dura e quente na dela, e o choque roubou sua capacidade de respirar por um momento. Ela fez um som baixo na garganta e levantou na ponta dos pés, tentando abarcar a maior quantidade possível, e devolveu o beijo ferozmente.

Dain deslizou as mãos pela sua cintura até suas costas e enredou suas mãos no cabelo e na sua nuca. Seus lábios dançaram no boca de Moira, os lábios alternativamente se separavam pra permitir a sua língua roçar na dela. Ele tinha gosto de menta e selva, o picante cheiro dele a fez ficar bêbada. Seu corpo, já preparado, mais do que qualquer homem já tivesse feito, explodiu em vida. Não quis se afastar dela neste momento. A única coisa que queria era a este homem entre os lençóis da cama.

O beijo foi como nenhum outro que recebeu. Não era um beijo de mero desejo. Se tratava de posse. Uma tomada de fôlego, lábios e língua de Dain. Estava mais que feliz em dar tudo a ele. Se sentia como se estivesse esperando uma eternidade para fazê-lo. Mais que isso, se sentia completamente bem. Ele agarrou a beira da camisa dela e tirou pela sua cabeça. Se agitou com um suspiro no chão junto a eles. Ela ficou completamente nua enquanto ele estava vestido. Havia algo erótico nisso. Algo que a fazia se sentir vulnerável a ele e que a excitava.

Recuou e a olhou da cabeça aos pés. A luz em seus olhos estava longe de ser fria quando voltou a capturar seu olhar. O frio do quarto não a tocou. Em troca, sua carne estava quente, ansiosa. Se moveu para desabotoar a camisa mas ele a segurou pelos pulsos e a levou até a cama. Ele a virou para ele, pressionando a parte posterior de seus joelhos até a beirada do colchão, e deu um suave empurrão. Caiu de costas e ele se acercou dela, olhando-a, e tendo a sua vista cada centímetro de seu corpo excitado.

Ele encontrou seu olhar e o sustentou. Seus olhos não se separaram enquanto ele se despiu. Tirou sua camisa, as botas e deixou cair suas calças escocesas. Por último, se arrastou para a cama sobre ela, prendendo-a debaixo dele com suas mãos dos dois lados de sua cabeça.

Ela então afastou o olhar do seu e mirou seu peito. Largas cicatrizes grossas marcavam as protuberâncias dos músculos de seus braços e peito. Da guerra, provavelmente. Com um dedo, ela traçou a longitude de um, e depois o outro. Quando percorreu seu relevo, no seu masculino mamilo, brincou com ele até que Dain estremeceu.

— A guerra — Murmurou — A guerra me marcou desta maneira em todo o corpo.

Ela o empurrou pelo peito o obrigando a cair de lado. Ela se levantou em um braço e alisou com a palma de sua mão a seu incrível peito.

— É lindo — Sussurrou.

Ela deslizou sua mão para baixo, até que se enredou no pelo grosso de seu eixo. Ela fechou os dedos em volta de sua base. Ele era enorme, muito maior que qualquer homem que ela tocou antes, e duro como uma pedra. Se perguntou a quantas mulheres ele teve desde que sua esposa havia morrido.

—Tão lindo — Repetiu enquanto o acariciava com curiosidade, com a ponta de seus dedos.



Dain gemeu, e o som reverberou através dela. Ela se inclinou para baixo e beijos seus lábios, sua garganta, depois lambeu uma cicatriz larga mais abaixo, provando o sal quente de sua pele. De repente se encontrou de costas.

— Minha vez — Grunhiu. Baixou a boca a seu seio.

Ela arqueou as costas enquanto seus lábios sensuais se fechavam em um de seus mamilos e sua língua a banhava. Dain gemeu e cerrou os olhos. Deslizou a mão para sua cintura, seus quadris, para acariciar o exterior de sua coxa.

Moira estremeceu sob suas mãos, seu corpo inteiro sem acreditar que finalmente conseguiria o que desejava durante todo o inverno. Seu clitóris desperto estava tão inflamado e tão sensível que a menor fricção a levaria a um clímax arrasador. Se só seu toque na coxa podia fazer isso, ela não estava segura de poder suportar quando a acariciasse numa zona mais sensível. Seus dedos se fecharam em seus ombros e se agarrou, assim como se remexeu embaixo dele. Seus dentes raspavam suavemente sobre o mamilo e Moira se lamuriou.

— Por favor — Exclamou — Mais.

Dain se afastou de seu mamilo e beijou o estômago, trabalhando para baixo.

— O que quer, linda? — Perguntou a ela — Que mais quer de mim?

Se levantou e o olhou.

— Eu quero tudo.

Ele afastou as coxas e se estabeleceu entre elas. Dain roçou o dedo por seu sexo inchado e a examinou de perto. Ele fechou seus olhos e gemeu.

— Tudo? Não faz ideia de todas as coisas que quero te fazer. Deusa, é o mais bonito que já vi, Moira — Gemeu — Pegue seus joelhos com suas mãos e me mostre tudo — Ordenou — Separe-se para eu te contemplar e para minha língua.

Ela hesitou.

— Você disse que queria tudo de mim, Moira — Disse sombriamente — Sou muito dominador na cama. Se quiser que eu fique aqui, você deve se sentir confortável com isso. Deve fazer o que eu pedir no quarto, seja o que for. Está de acordo?

O sonho havia voltado a ela. Em seu sonho ele tinha feito que ela estivesse de acordo em se submeter a seus caprichos, não importa quão desviados fossem. Algo se agitou em seu estômago, algo mostrou uma parte sombria dela mesma. Ela concordou com a cabeça e fez o que ele disse que fizesse, estendeu os joelhos para trás e para cima, dando-lhe uma visão totalmente ampla de sua vagina.

Dain gemeu profundamente.

— Aposto que seu sabor é doce.

— Abaixei sua boca e descubra — Suspirou ela.

— Tudo há seu tempo. A noite se abre para nós.



Ele passou os dedos pelas pregas e deslizou um dedo dentro dela. Com o polegar massageou o clitóris com um movimento circular. Um prazer culminante paquerou duro pelo seu corpo e ela ofegou e arqueou as costas. Deixou a pressão sobre seu clitóris.

— Ainda não. Deve se construir para ser verdadeiramente memorável.

“Deusa, planejava torturá-la antes de que gozasse.”

Ele inseriu um segundo dedo para se unir ao primeiro, estirando os músculos de seu sexo. Revirou os olhos enquanto ele tirava os dedos de sua espessura para fora e os empurrava de novo, muito lentamente. Voltou a acariciar seu clitóris, fazendo seu corpo estremecer.

Ela gemeu e deixou sua cabeça cair para trás no colchão, arqueando as costas e ferroando seus duros mamilos no ar. Sua umidade corria por dentro das coxas.

— Quer gozar? — Perguntou Dain baixinho — Quer inundar minha mão agora mesmo, Moira?

— Sim — Respondeu ela gutural — Doce Deusa, sim.

— Gozará depois que tiver preparado seu corpo no nível adequado, Moira. Eu quero que você grite. Quero que se afogue nele. Está disposta a se entregar a mim por completo?

Molhou seus lábios, tentando se concentrar em suas palavras enquanto ele metia os dedos dentro e fora dela e acariciava de vez em quando seu clitóris inchado.

—Sim.

—Bom — Ronronou ele — Eu só te brindarei de prazer no quarto, Moira. Isso eu te prometo.

Ele tirou os dedos de seu canal e varreu com sua língua por cima dela, traçando os lábios dela com sua boca quente, e chupando suavemente. Sua língua brincava na entrada de seu canal, depois empurrando dentro dela. Ele se queixou.

— É tão doce como eu pensava que seria.

Deslizou a língua pra fora e para dentro dela uma e outra vez, como se fosse seu eixo. Moira ficou sem fôlego e resistiu na cama. Ele a agarrou pelos quadris, sustentando-a em seu lugar.

— Doce, quente e apertada — Disse quando se deteve — Não posso esperar para deslizar meu membro dentro de você.

Ele esfregou ligeiramente seu dedo para baixo para brincar com seu ânus. Nenhum homem nunca tinha tocado ali antes. Ela se moveu de um puxão e ele a fez calar.

— Lembre-se de nosso acordo, Moira. Você disse tudo e deixou seu corpo aos meus cuidados. Me proponho a te dar o tratamento completo. Dain acariciou sobre ele outra vez enquanto cravava a língua em sua vagina. O fez tratando-a com completa suavidade ao tocá-la. Os nervos que nem sabia que tinha saíram a vida e deixou escapar um gemido. *“Deusa, ajude-a, ela gostava disso. Gostava de tudo”*. A encantava a forma em que dava ordens na cama e como a tocava.

— Ah,sim, desfruta de minha forma de amar — Murmurou contra seus lábios quando ela gemeu — Pensei que você podia, Moira. Suspeitei um desejo sem sentido dentro de você. Ah, é a coisa mais bonita — Gemeu — Não posso ter seu gosto o suficiente — Voltou a brincar,



alternativamente, com seu clitóris com a ponta de sua língua e com sua umidade desenhando a fenda de sua boca. Moira deixou escapar um grito afogado e seu corpo ficou tenso. Queria que ele deslizesse seu pênis dentro dela e que chocasse contra ela. Ela queria ouvir o estalo de sua pele contra a sua. Queria se sentir possuída por ele e perder o controle ao mesmo tempo.

— Deus... Moira. Dê a volta. Sobre suas mãos e joelhos — Sua voz tremia.

— Dain?

— Moira — Disse guturalmente — Faça o que te digo. Não se arrependerá — Ele se levantou, permitindo que ela se movesse.

Ela se levantou e deu a volta. Sentiu as mãos dele em suas nádegas e fechou os olhos, apoiando a bochecha contra o edredom fresco da cama. Moira mal sentia o frio do quarto agora. Dain havia esquentado seu corpo num ritmo frenético.

Ele inseriu os dedos no seu canal, uma vez mais, desta vez por trás. Não empurrou, simplesmente deixou seus dedos se estenderem e a encherem.

— Abra as pernas mais afastadas, linda — Ele pediu a ela.

Ela afastou as pernas e deu espaço para ele esfregar seu clitóris com a outra mão. Os dedos do prazer dispararam em sua coluna vertebral e em todo seu corpo. A fazia querer mais, querer gozar.

— Sim, por favor — Soluçou com um nó na garganta — Por favor, me faça gozar, Dain. Sem mais tortura.

Meteu os dedos dentro e fora, e ao mesmo tempo, pegou seu clitóris entre os dedos e esfregou o pequeno molho de nervos sensibilizados para frente e para trás. Seu ponto culminante foi duro e rápido. Se estrelou sobre ela uma explosão e lançou um grito pela força da mesma. As ondas de prazer a invadiram, roubando-lhe o fôlego e causando um grito de assombro. Seus músculos se apertaram e relaxaram em torno de seus dedos e sentiu o líquido de seu fluxo saindo dela. Os espasmos que seguiram fizeram que sua visão escurecesse e esteve a ponto de desmaiar, pela força da mesma.

— Sim, Moira. Assim — Ronronou Dain nas suas costas — Não sabe o bonito que é quando está sem restrições dessa maneira.

Ela se deixou cair sobre a cama e deu a volta para deitar de costas. Ela brilhava de suor, apesar do ar frio. Sua respiração estava rápida.

— Agora, Dain. Quero você. Por favor.

Abriu suas coxas deixando descoberta sua vagina. Ela estava desperta a pesar de seu clímax.

Se ajoelhou e afundou o rosto em suas coxas, lambendo todo seu creme. Moira ficou sem fôlego ao sentir sua língua ambiciosa lambendo seus lábios e clitóris. Fez um pequeno ruído, como se fosse a melhor coisa que havia provado, e Moira ofegou e apertou o edredom com as duas mãos sob seu ataque voraz.

— Por favor — Soluçou. Outro clímax tencionou seu corpo e quando Dain cerrou a boca sobre seu clitóris e o chupou, se precipitou pra frente e a sobressaltou.



— Ah, sim — Sussurrou Dain. Quando os espasmos de seu orgasmo ainda a atormentavam, ele abriu suas coxas de par em par e deslizou a cabeça de seu membro em sua vagina.

— Dain! — Exclamou ela. Se deslizou uma polegada, se retirou a seguir, e se deslizou um pouco mais dentro dela. O suor porejou em sua testa, parecendo que tentava não machucá-la com seu tamanho. Pouco a pouco ela o tomou. Ele a estirou como nunca tinha sido antes, enchendo cada pedacinho dela. Ela sufocou um grito e depois gemeu profundamente em seu delicioso prazer.

— Sua vagina está tão escorregadia, doce e apertado — Com os dentes apertados, tirou quase tudo até o fim e a segurou pelos quadris. Em um suave e duro fluxo, ele se afundou dentro dela até o punho. Ela gritou quando os espasmos a atormentaram uma terceira vez. Os músculos de sua vagina pulsaram e apertaram em torno de seu eixo como quando a ávida boca dele a consumiu. Dain jogou a cabeça para trás e gemeu baixo e profundo. Então ele começou a se mover.

Moira viu estrelas quando a grossa, sulcada longitude dele se moveu como um pistão dentro e fora dela. Ele a abraçou pela cintura e seus quadris golpearam a face interna de sua coxa com cada movimento pra dentro dela, produzindo um som de carne golpeando carne. Ela pegou as cobertas e se segurou quando ele tomou sua vagina duro e rápido, uma e outra vez. A cabeça de seu membro roçou algum lugar sensível dentro dela com cada movimento para dentro, fazendo-a chorar com o prazer.

Ela gemia sem vergonha, indiferente a qualquer pessoa que fosse capaz de ouvi-la. Seus dedos apertavam e liberavam os lençóis e separou seus joelhos mais longe, dando-lhe acesso completo e liberdade de ação sobre ela. Ele ficou admirando-a, com um olhar intenso. Por um momento seus olhares se encontraram. Moira sentia uma espécie de aceleração entre eles, um toque de sua alma contra a dela. Dain abriu os olhos e afastou o olhar. A felicidade de Moira diminuiu nesse momento, mas prontamente deixou de pensar nisso... Não pensou em nada mais. Dain agarrou seus quadris e aumentou o ritmo e potência de seus golpes com um único propósito que tirou o fôlego de Moira. Seu membro se esfregou no ponto de prazer profundo dentro dela. Com cada golpe ele esfregava ligeiramente à perfeição. Isso a reduziu a um ofego, gemendo e envolvendo-a de necessidade.

Ele se adiantou e tomou um seio em cada mão, amassando e massageando. Ele beliscou os mamilos com seus dedos. Seu próximo clímax a golpeou duramente. Ela puxou ar e o soltou com um grito. Os músculos de seu centro ordenharam a seu pênis.

Dain a chamou por seu nome e ela o sentiu explodir dentro dela, seu eixo pulsando enquanto lançava sua semente para banhar seu ventre. Se desabou a seu lado. Sua respiração era áspera em seus ouvidos. Ele a atraiu para si e roçou os lábios em sua têmpora.

— Vai ser a morte para mim, mulher — Murmurou — Quero mais de você.



Fizeram amor de novo, esta vez mais lento, depois outra vez, uma vez mais depois dessa. Não se arriscou a olhar de novo em seus olhos. Parecia relutante a arriscar o tipo de conexão que compartilharam um momento antes.

Um pouco antes do amanhecer desabaram sobre o colchão finalmente, entrelaçando seus membros, e adormeceram.

Quando Moira acordou horas mais tarde seu corpo estava deliciosamente dolorido e sentia-se languidamente relaxada. Ela procurou a Dain que tinha se metido embaixo das cobertas da cama e alimentado o fogo, de modo que agora ardia em vez de apenas ter brasas.

Mas Dain foi embora.

Moira não viu a Dain durante as duas semanas que se seguiram. Era como um fantasma. Menos substancial que um fantasma, na realidade, já que os fantasmas do castelo estavam muito conscientes de sua presença. Ele simplesmente desapareceu, como tinha feito durante o primeiro mês que ela tinha passado ali.

Killian lhe fazia companhia, jogando xadrez com ela de vez em quando. De vez em quando sentia Dain os olhando das sombras. De vez em quando ela percebia o cheiro perfumado do sabonete picante no ar, que só ele tinha, quando ela virava para o canto, ele abria uma porta. Ele a olhava das sombras mas nunca a procurava.

Pensou em tentar encontrar seu quarto, encontrar alguma desculpa pra perguntar a Killian ou Bess, mas decidiu não fazê-lo. Dain era um homem que precisava um tratamento cuidadoso. Se ele não quisesse vê-la, então ela não o procuraria tampouco.

Embora a lembrança de suas mãos nela a fazia tremer de desejo na calada da noite. Ela tinha buscado todos os travesseiros e pijamas com seu cheiro durante dias depois de sua noite juntos. Dain tinha feito seu corpo cantar de uma forma que nenhum outro homem tinha feito. Ele a fez gozar com facilidade, uma e outra vez naquela noite. Ela tinha gozado tantas vezes que ficou inerte, caída, relaxada e satisfeita.

Dain era dominador na cama, único e quase sem piedade em seu estilo de amar. Se adaptou a Moira de uma maneira que nunca teria imaginado se ele não houvesse mostrado a ela. Fez que seu corpo ficasse faminto por mais dele, enquanto que seu coração e sua mente sedentos de sua presença...Por sua atenção. Algo que ele estava negando a ela.

Moira fechou a porta de seu quarto e desceu a escadaria para o café da manhã. Lá fora a neve continuava caindo. Olhou pela janela ao passar perto dela e suspirou. Ela não ia a nenhuma parte aqui. Ela não estava nem perto de encontrar uma explicação para seus ataques psíquicos, que era o motivo pelo qual tinha vindo até ali. O que ela realmente precisava era uma cura para isso. Se deteve no meio do corredor e olhou por uma das janelas do piso até o teto. Quando a neve derretesse o suficiente para que ela pudesse viajar, ela deixaria esse estranho lugar e o autoritário Dain. Estava claro que ele não queria sua amizade ou companheirismo. Era evidente que ele não tinha a mesma fascinação por ela que ela tinha por ele.



Algo ao redor do coração dele foi espremido. Dain estava perdido para o mundo. Isso era triste, mas certo. Ele se afundou para sempre nos acontecimentos do passado, a sua própria escuridão, aos demônios interiores. Já era muito tarde para ele. Ela faria muito melhor em esquecer um homem como ele.

Ela sacudiu levemente a cabeça. Na primeira oportunidade que ela tivesse de ir embora, pegaria sua montaria e iria para o sul, através da passagem de Anthrum até o Porto do Paraíso. Seus instintos lhe disseram que tinha que ir a Cidade do Governo, e assim ela o faria.

Claramente ela precisava localizar Cyric a fim de avançar com este mistério.

Dain não era de nenhuma ajuda para ela.

Ela enrijeceu o sentindo antes que ele a tocasse.

— O que quer? — Perguntou em um tom monótono.

Atrás dela Dain vacilou, depois deu um passo para frente.

— Como sabia que era eu?

Ela o olhou e deu de ombros.

— Tenho uma habilidade para detectar fantasmas, e é isso que você é.

Ele deu um pulo como se ela o tivesse golpeado, e ela se sentiu mal ...Por um momento. Seus sentimentos estavam um pouco divididos já que ele tinha feito amor rudemente uma e outra vez naquela noite e depois passou duas semanas evitando-a.

— Foi seu cheiro também — Continuou — Você e Killian usam sabonetes diferentes e portanto cada um tem seu próprio e diferente cheiro.

— Está zangada — Disse ele.

Ela deu de ombros.

— Não tenho motivos para estar contente.

— O que você quer de mim? — Perguntou em voz baixa.

Parou por um momento e depois se virou para ele. Colocou nesse momento cada emoção que sentia em seus olhos, toda sua ira e desejo, e sim, esperança.

— Mais — Contestou ela lentamente mas com firmeza.

Ele se moveu tão rápido que mal teve tempo de pegar fôlego. Ele a pegou nos braços e a beijou. Seus lábios deslizaram sobre os seus como seda quente, degustando e tomando ao mesmo tempo. Ele a instigou a abrir sua boca com um pequeno movimento de sua língua contra seus lábios e ela apertou os dedos ao redor de seus ombros, e o segurou sob o ataque erótico de sua língua que deslizava e se acoplava com a sua. Um pequeno som de desejo escapou de sua garganta antes de poder ocultá-lo.

— Porque me quer? — Murmurou Dain contra seus lábios em meio aos beijos — Que loucura te invade para que peça mais de mim?

— Estive me perguntando o mesmo — Respondeu ela — Mas não posso negar que é muito... Autoritário para mim.



Ele a empurrou de costas uns dois passos e a fez dar a volta, de cara para a parede. Sua respiração era áspera e doce em seu ouvido.

— Autoritário? — Ele deixou que suas mãos percorressem sua cintura e depois mais alto, suave sobre o sutiã de seu vestido, e seus seios embaixo dele.

Sentir suas mãos grandes e quentes sobre ela a recordou do que podiam fazer com elas e perdeu o fôlego.

— Isso é, mmm...Um pouco complicado — Ofegou enquanto corria as pontas de seus dedos sobre seus mamilos duros — Algo profundo e íntimo. Nem eu mesma entendo.

Ele puxou seus mamilos pelo tecido do vestido, obtendo um gemido dela.

— Quer dizer que me quer, Moira, doçura? — Ele ofegou em seu ouvido — Quer dizer que me quer em sua cama... Ou talvez deseje que te convide para a minha? Ou talvez prefira que te “dê ordens” em minha cama, e solicite o mesmo nível de confiança de nosso encontro anterior? Creio que isso te excita.

Sua vagina respondeu a suas palavras, como se ele a houvesse preparado por suas própria mão. Seu clitóris dilatou, inchado e sensível. Sua vagina se preparou para o sexo.

Ele se abaixou e recolheu a saia em uma mão, levantando-a até a cintura.

— É isso que quer, Moira?

— Sim — Sussurrou ela — Doce Deusa, sim.

Sua mão roçou seu estômago, se inundando no interior roçando no montículo através de sua roupa de baixo. Ele gemeu baixinho.

— Tão impaciente. A impaciência lhe cai bem — Meteu a mão na parte da frente de sua calcinha — É isso o que mais quer? — Passou por cima de seu clitóris e deslizou para baixo até que seu dedo médio estava em seu calor.

Moira agarrou a beirada da janela com uma mão e estendeu a outra para a parede. Uma respiração dura, rápida silvou entre seus lábios. Dain meteu o dedo dentro e fora muito lentamente, uma e outra e outra vez. Assinalou a sua umidade enquanto empapava sua mão com seu desejo. Sua vagina estava sensível, quente e escorregadia com seu creme.

— Ah, Moira — Disse com voz áspera — Estive sonhando em fazer isso desde a noite que passamos juntos. Não há nada neste mundo que seja melhor que você. Eu pensei em te tomar de novo a cada hora de cada dia desde a última vez que nos separamos.

— Então, porque se manteve afastado? — Suas palavras chegaram pouco a pouco pelo prazer que Dain dava a seu corpo e parecia entorpecer sua capacidade perceptiva. O deslizar de seu dedo em seu corpo se deteve um instante, mas ele não respondeu.

— Dê a volta — Disse mais ou menos enquanto tirava sua mão de sua roupa de baixo.

Ela deu a volta. Ele a pegou pelo queixo e a beijou com força. Ao mesmo tempo abaixou sua roupa. Ela levou as mãos a cintura de suas calças e liberou os botões e empurrou para baixo, para acariciar seu pênis duro e pronto. Só a visão dele umedeceu mais entre suas coxas.



Juntos conseguiram levantar sua saia. Ela enganchou uma perna em volta de sua cintura enquanto ele dirigia seu membro nela e empurrou para dentro.

— Ah, sim, Dain — Gemeu ela com uma sensação de alívio de tê-lo perto, enchendo e estendendo até o limite máximo. Era como se estivesse perdendo uma parte de si mesma que ela tinha esquecido.

Dain estendeu uma mão aberta contra a parede ao lado de sua cabeça e soltou um suspiro. Cerrou os olhos como se estivesse em êxtase. Abriu os olhos e olhou diretamente para baixo, para ela.

— Isto é o paraíso — Murmurou.

Ele sustentou seu olhar cruzado com o dela quando começou a se mover. A insistência de seu olhar sobre ela tornou o ato mais profundo e mais agradável, mais íntimo. Desta vez não afastou a vista quando seus olhares se encontraram e sua própria alma sentiu a profundidade de sua conexão explodindo entre eles.

Ele permitiu a ela ver tudo desta vez. Seus lábios entreabertos e sua respiração se detiveram enquanto observava a profundidade e amplitude da dor dentro dele. Suas mãos buscaram e encontraram punhados da camisa dele e moveu seus quadris para baixo, fazendo que seus embates coincidisse e tentando se aproximar cada vez mais profundo dentro de seu corpo, como se tentasse tomar um pouco dessa carga dele e a absorvesse em si mesma.

Por fim, a dor nos olhos dele cintilou e rompeu a conexão. Dain manteve o ritmo lento, tão lento e fácil que a fez tremer de prazer por todo seu corpo. Então ela fechou os olhos e gozou longa e duramente.

Ela sentiu seus músculos se apertarem e liberarem em torno de sua longitude e seu creme se derramando, empapando seu membro e escorrendo pelo interior de suas coxas. Quando o último espasmo a atormentou, Dain pegou seu traseiro com as mãos e acelerou o passo. Empurrou para cima e dentro, metendo mais rápido e mais duro nas profundidades dela. Ao mesmo tempo deixou que uma mão perdida deslizasse por trás e brincasse com seu orifício traseiro. Ela se surpreendeu, mas relaxou quando percebeu que tinha mil terminações nervosas ali que nunca supôs que iriam fazê-la sentir-se tão bem quando estimulados. Dain parecia saber como jogar com cada um deles.

— Dain — Disse ela sem fôlego pela surpresa.

— Gosta disso? — Ele grunhiu em seu ouvido.

— Deusa, sim — Gemeu ela.

Meteu um dedo na pequena abertura estreita, dentro e fora. Os quadris de Moira se sacudiram para frente enquanto o clímax inundou duro seu corpo. Ela cravou os dedos nos braços dele para se apoiar.

— Algumas mulheres gostam que um homem as toque aqui — Murmurou.

— Uhn — Foi a única coisa que pôde dizer em resposta.



— Algumas mulheres gostam que os dois lugares sejam estimulados ao mesmo tempo. Algumas gostam que dois homens a levem de uma vez. Um membro de cada lado. Eu vi você com meu irmão naquele dia.

Ela ficou rígida em seus braços.

— Esteve com ele?

Ela negou com a cabeça.

— Você quer saber, sem dúvida. Posso dizer — Ele se inclinou e agarrou entre seus dentes o lóbulo de sua orelha, puxando suavemente e relaxando-a — Acredito que você gostaria de ter dois homens de uma vez, Moira. Posso imaginar o excitada que estaria. Diga-me. Você gostaria?

— S-sim, talvez — sussurrou ela.

Acrescentou um dedo mais ao primeiro e empurrou suavemente dentro e fora. Era só um pouco dolorido... Só o suficiente.

Moira gritou quando seu orgasmo a golpeou com toda sua força, desta mais forte que a anterior.

Desta vez seu orgasmo alimentou o dele. Dain empurrou profundamente dentro dela e sentiu seu pênis saltar. Gemeu baixinho perto de seu ouvido enquanto disparava a sua entrada. Então, conforme seus tremores foram passando sussurrou— Moira — E se retirou.

Sua saia caiu novamente em seu lugar, mas uma parte dela lamentava a perda dele. Se sentia tão bem quando estava conectado a ela.

Dain se virou e ela agarrou seu braço, o que o obrigou a se virar para ela.

— Não faça isso comigo outra vez — Disse — Não vou permitir que venha a mim, me faça amor e vá — Sua voz era como aço. No mesmo instante se arrependeu de suas palavras de “fazer amor”, mas era assim. Para ela era dessa maneira.

As emoções passaram como nuvens rapidamente se movendo no seu rosto, surpresa, esperança... E dor. Ele balançou sua cabeça.

— Quer mais de mim, mas eu não sei como te dar. Me entende? Eu não sei. Posso te dar sexo, Moira, nada mais.

Ela não disse nada, sua alegria por sua união se nublou com suas palavras e o olhar em seus olhos.

Ele se inclinou para frente, afastou uma mecha de seu cabelo que escapuliu de volta se afastando de seu rosto e a beijou com ternura.

— Meu quarto é no quarto andar da torre norte. Vá ali quando quiser — Sua voz endureceu e passou a mão pela bochecha — Mas quando estiver dentro, saiba que estará em meu domínio. Deve confiar em mim ali, minha doce Moira, e me permitir qualquer coisa que deseje... Dentro do razoável.

Ela lambeu os lábios.

— Está bem — Ela tomaria o que pudesse conseguir dele.

Ele assentiu.



— Está bem.

Moira pegou em seus dedos uma peça de xadrez, encaixando o polegar na elegante peça esculpida ao seu lado. A expressão do rosto de Dain e seus olhos durante seu encontro na sala era tudo o que via em sua mente.

Ele gostava de como a tinha, mas ele temia ao mesmo tempo. Ela não tinha que se perguntar onde estava o medo, mas Moira se perguntava se ele poderia superá-lo. As vezes pensava que talvez ele pudesse, talvez não tivesse a mínima possibilidade de que pudesse superar o passado, e outras vezes se considerou totalmente sem esperança.

— Moira?

Ela levantou a cabeça ante o som da voz de Killian. Parecia desconcertado.

— É sua vez.

— Sinto muito — Murmurou ela. Ela franziu o cenho diante o tabuleiro por um momento, pensando e fez seu movimento.

Killian deu xeque-mate. Pôs sua peça de lado e a olhou fixamente.

— Está bem? Parece distraída.

Moira passou uma mão no cabelo nervosamente.

— A verdade? Pensava em seu irmão. Ele nunca vai conhecer a felicidade novamente?

Killian se inclinou pra frente dela.

— Não, se ele não tem nada a dizer a respeito. Dain não acredita que mereça a felicidade.

Moira... — Se calou e suspirou.

— Sim?

Ele se remexeu no assento.

— Se Dain te deixar de lado, não leve a sério.

Ela sorriu.

— Entendo a situação de Dain, Killian, acredite em mim. Agradeço por se preocupar por mi...

Nesse momento a dor a atingiu enchendo cada parte de seu mundo. Ela afogou um grito e desabou de joelhos ao lado da mesa, agarrou a beira do tabuleiro e as peças se derramaram no chão. Cegadores raios em vermelho vivo pulsaram em sua cabeça.

— Moira — Exclamou Killian — Dain, Bess, venham rápido! — Gritou enquanto se deixava cair de joelhos junto dela.

Ela pressionou a palma de sua mão em sua testa, tentando inutilmente afastar a agonia. Ela se encolheu longe do fogo luminoso, inclusive isso doía.

Ela ouviu passos fortes, duas vozes masculinas... E então não ouviu mais nada.

Capítulo 6



Moira despertou com o som baixo de duas vozes masculinas. Suas pálpebras se abriram mas as cerrou de novo por causa da claridade que entrava pela janela. Sua cabeça doía enormemente, quase sufocando o som de Dain e Killian que estavam numa profunda discussão próximo aos pés da sua cama.

— Pensei que não queria encontrar Cyric — Disse Killian.

Pelos seus olhos entreabertos, viu Dain jogar um olhar para ela.

— Eu não quero mas, isto tem que parar.

A nota de preocupação em sua voz fez crescer algo agradável e quente no centro de seu peito. Quase que expulsou sua dor de cabeça. Esse havia sido o pior ataque desde que tinha ido buscar a Dain.

— Está começando a se preocupar com ela — Disse Killian com a voz cheia de satisfação.

Dain não contestou nada em resposta.

Sentindo-se como se estivesse sendo dissimulada, permitiu que suas pálpebras se abrissem mais.

— A janela — Grunhiu ela — A luz.

Passos fortes e masculinos cruzaram o piso e Moira escutou o som sussurrante das cortinas sendo fechadas.

Uma grande mão cobriu sua testa e o toque pareceu tirar a dor de seu crânio. Ela abriu os olhos para encontrar Dain olhando-a com preocupação. Tentou sorrir mas na realidade foi mais uma careta.

— Este foi muito ruim — Murmurou — Me alivia ver que acordou. Viu algo?

Com uma careta de dor se levantou um pouco na cama. Negou com a cabeça.

— Não — Ofegou ela, e clareou a garganta — Foi só dor.

Dain ficou olhando-a por um momento e depois se virou e se aproximou da janela, passando a mão pelo rosto.

— Isso tem que parar — Disse quase para si mesmo.

Killian lhe entregou um copo d'água que bebeu agradecida.

— Nem sequer sei o que isto tem a ver com você, Dain. Talvez nada — Disse. Ela negou com a cabeça — Nunca pediria que enfrente seu maior inimigo por minha causa.

Se voltou para enfrentá-la.

— Porque não me pediria isso?

Ela encolheu os ombros.

— Você e eu não temos nenhum vínculo real. Não me corresponde pedir algo tão grande para você. Esta é minha batalha, não sua.

Dain caminhou lentamente para ela, seu rosto parecia arder de emoção e de coisas não ditas. Parou ao seu lado e colocou a palma de sua mão em sua bochecha.

— Realmente não temos nenhum vínculo?



Ela afastou o olhar. Estava muito prejudicado para esperar algo além de uma relação física. Ele tinha falado o mesmo no corredor. Não serviria de nada dissimular isso, não com questões tão pesadamente emocionais. Era melhor que mantivessem sua relação tal como era, serem honestos. Era físico, e nada mais. Não importava que sonhasse com mais que isso em seu coração.

— Uns dias atrás, no corredor, estávamos conectados — Disse em voz baixa e depois saiu devagar do quarto e cerrou a porta atrás dele.

Ela tomou outro gole de água, sua mão tremendo só um pouco.

Killian tinha visto todo o incidente com cuidado. Se adiantou e pegou o copo de sua mão.

— Está com fome? Bess estaria mais que feliz em te preparar algo.

Ela negou com a cabeça suavemente e estendeu uma mão com um sorriso.

— Sente-se um pouco comigo. Fará isso, Killian? — Seu desejo era completamente sincero. Desfrutava muito da companhia dele. Era uma qualidade que Killian possuía que a atraía para ele. Era diferente do que sentia por Dain. Sentia simpatia e um profundo afeto por Killian... E sim, uma atração física, mas não era uma atração ardente, apaixonada, do tipo que tinha por Dain.

A Dain poderia amar profundamente, apaixonadamente e com todo seu coração.

Com Killian poderia se casar e inclusive ter uma relação agradável.

Killian se sentou em uma cadeira perto de sua cama e pegou sua mão. A única razão pela qual tinha esse pensamento em concreto, era porque sabia que Killian se sentia atraído por ela de uma maneira romântica. Não só podia senti-lo com suas habilidades extrassensoriais, mas podia ver que brilhavam na profundidade de seus olhos. Killian estava sempre a avaliando a um nível carnal.

— Eu sei — Killian comentou com cuidado — O que está acontecendo entre você e meu irmão. Porque o está afastando ainda mais?

Olhou pra baixo e agarrou a manta de lã azul que a cobria.

— O que acontece comigo e Dain é impossível. Está muito machucado para que possa ter esperança de que possa pensar em uma relação verdadeira comigo.

Killian esfregou seu polegar sobre sua palma e a fez tremer. Seu toque era como o de seu irmão.

— Se preocupou muito quando você desmaiou — Disse em voz baixa.

— Fez? — Respondeu levemente.

— Estava agitado e latindo ordens para todo mundo — Killian sorriu — Sim, ele estava preocupado.

Ela suspirou.

— Seu irmão é um homem complexo.

— Eu também estava preocupado.

Sorriu e apertou a mão dele.

— Vou ficar bem.



— Os sentimentos de meu irmão vão se aprofundando a medida que se conhecem. Posso vê-lo, mas creio que sou o único que pode.

Ela deu de ombros e afastou o olhar.

Killian pegou seu queixo com sua mão e fez virar pra olhá-lo.

— Quero te ajudar a fazê-lo enxergar. Quero ajudar a aproximar mais os dois.

Moira fechou seus olhos brevemente. Queria também, mas... — Ele está muito distante, Killian.

—Não! Nem sequer pense em desistir dele, Moira. Talvez seja sua única forma de voltá-lo para a luz.

Uma parte dela flamejou com esperança em suas palavras. Talvez tenha razão, talvez não fosse muito tarde. Mas o olhar enfeitiçado dos olhos de Dain quando a tinha tomado no corredor diziam outra coisa.

Voltou seu olhar para ele.

—Também deve saber disto, Moira, se Dain estiver de fato muito machucado pra voltar a amar, eu te amo.

Seus olhos se arregalaram.

— Sei que não me ama como ama a Dain, mas você e eu poderíamos ter um bom casamento, um casamento baseado em uma grande amizade e respeito. Entende?

Ela concordou com a cabeça. *Não tinha estado pensando nisso mesmo?*

A beijou na bochecha com ternura.

— Lembre-se do que eu disse.

Dain resistiu o impulso de socar a parede de pedra em seu quarto. *Porque suas palavras o picavam?* Não só cravaram...Haviam golpeado. Ela o queria para o sexo e nada mais. Por alguma razão, esse conhecimento o machucava. Inclusive se tivesse dito o mesmo no corredor, o olhar de seus olhos e o sentimento que vinha de seus lábios tinham sido mais do que podia suportar.

Ela não acreditava que ele fosse capaz de dar nenhuma outra emoção além da que requeria durante o ato carnal. Ela tinha razão, mas isso não impediu que uma parte dentro dele sonhasse com a capacidade de dar mais a ela.

Queria amá-la, cuidá-la, protegê-la, mas não podia fazer nenhuma destas coisas. Não enquanto a caótica, violenta magia que possuía rasgasse suas veias.

De qualquer forma não podia negar o fato de que lamentava seus sentimentos... E os seus próprios. Desejou que não se importasse o fato que ela pensasse que não tinham nenhuma relação além da física, mas a mulher o tinha comovido profundamente.

Tinha se metido sob sua pele e ficou ali. Agora fraquejava em imaginar sua vida sem a presença dela em seu castelo. Sem seu doce cheiro flutuando pelo ar, passando pelo corredor depois que ela tinha ocupado. Sem seu riso soando por uma sala distante enquanto Killian ou Bess a divertiam.



Alguma vez a tinha feito rir?

Sacudiu a cabeça e caminhou para o extremo oposto de seu quarto. Não. Ele só a tinha feito gemer, gritar, arranhar os lençóis. Era incapaz de fazê-la rir.

Talvez no final, não fosse apto para ela.

Sem dúvida, ocupava todos seus pensamentos nestes dias. Sonhava com ela pelas noites e tinha que se forçar para não se levantar e ir para ela.

Enquanto dormia, era sua imagem nua e envolvida só nas sombras de veludo e suas próprias mãos largas. Queria que o cheiro de seu corpo se esfregasse contra o seu próprio como se ela o marcasse. Ele o queria em suas cobertas, nos travesseiros, para que quando acordasse pelas manhãs, o fizesse com o cheiro dela.

Passeava pelo fogo e descansou uma mão contra a ampla lareira. O calor se levantou e o golpeou no rosto. Fechou os olhos e suspirou. Ela o perseguia, total e completamente. Isto quase o tinha feito esquecer uma parte muito importante. Dain abriu seus olhos e fixou no fogo.

A raiva que sentiu aquele dia quando chegou em casa e encontrou a Andreea com Cyric ainda estava dentro dele. A magia escura que tinha destruído as janelas, cerâmica e o vidro e que matou sua mulher ainda estava nele.

Não podia se arriscar a expor Moira a isso. Não podia se arriscar a colocá-la em perigo dessa maneira. Era completamente egoísta da parte dele. Tinha que pensar em sua segurança. Com ele, ela não teria nada.

Com seu irmão, poderia ter tudo.

Por muito que doesse pensar nos dois juntos, a ideia de que Moira poderia encontrar felicidade... Amor com Killian, ignorou seus sentimentos de ciúmes. Só desejava a felicidade de ambos. Talvez pudessem encontrar isso juntos.

Continua...

Uma semana mais tarde saiu o sol e a neve começou a derreter. Moira se levantou de onde estava sentada lendo junto ao fogo. Estava totalmente recuperada de seu último ataque, e por sorte não havia tido mais. Se acercou e puxou as cortinas da janela de seu quarto, abrindo-as para ver o gotejar incessante, o gotejar dos pedaços de gelo que penduravam dos beirais do castelo.

Considerava a vista com uma mistura de emoções. Logo seria capaz de viajar até o Porto do Paraíso em busca de Cyric. Talvez se o encontrasse, ele seria capaz de iluminar o mistério destes ataques psíquicos.

Mas isso também significava deixar Dain.

Era crepúsculo e o sol já estava caindo atrás de uma montanha coberta de neve na distância, misturando o céu numa mistura de vermelhos, laranjas, amarelos e púrpuras. O sombreado de cores intrincadas era tão complexo como seu próprio coração. Logo deixaria este lugar e quem saberia se um dia voltaria?



Observou como o sol se fundia mais e mais, sangrando todas as cores do céu. No leste, a lua cheia refletia sua luz pálida, prateada na neve. Desejou a sensação do corpo de Dain contra o seu, desatou a fita de seu cabelo do nó apertado em sua nuca. Dain se encantava com seu cabelo solto. Depois deu a volta e saiu do quarto. Quando chegou ao quarto de Dain, a porta estava entreaberta, quase como se estivesse esperando-a.

A luz do fogo se apagou no corredor frio, lambendo as paredes de pedra de uma maneira atraente.

Silenciosamente abriu a porta um pouco mais, e entrou em seu quarto. Dain estava apoiado em sua grande cama com dossel e os olhos estavam fechados. Estava sem camisa e sem sapatos, e a luz lambia seu peito largo e musculoso. Deveria estar com frio, mas a temperatura nunca parecia incomodá-lo.

Pisando em silêncio, foi até ele atraída por uma força invisível. Ao entrar, tirou as sapatilhas e seu casaco. Uma vez junto a sua cama, se aproximou e colocou sua mão sobre seu peito, exatamente sobre seu coração.

Seus olhos se abriram de repente. Ao mesmo tempo, ele agarrou seu pulso, a jogou na cama e cobriu o corpo dela com o seu.

— Olá — Disse em voz baixa.

Lutando para recobrar seu fôlego, ela sorriu.

— Olá.

Sentiu a pressão deliciosa de seu corpo sobre o dela. Queria mais contato.

Ele usou seus joelhos para afastar as coxas dela, e apertou seu membro já duro contra ela.

— Você veio — Murmurou, e depois abaixou sua cabeça e a beijou — Estive sonhando que o faria.

—Tentei me manter afastada.

— Por quê?

Em vez de contestar, o empurrou de cima. Permitiu que o deixasse de costas. Passeando por sua saia, subiu sobre ele e começou a desabotoar sua calça, enquanto ela o beijava seus lábios, a garganta e o peito com abandono. Finalmente deslizou a mão por suas calças e acariciou a longitude dura desde a coroa até a base. Dain gemia baixo e longo.

Piscou e se encontrou de costas outra vez.

— Não respondeu a minha pergunta — Disse enquanto levantava sua saia e passava sua mão muito devagar pela panturrilha até na parte de trás de seu joelho e na parte interna de sua coxa — Responde.

Sua respiração se acelerou quando seus dedos encontraram sua roupa de baixo e a rasgou.

— Dain! — Ofegou ela.

— Não precisa disso — Respondeu de mau humor — Agora, responde.

— Eu-eu irei logo.

Fez uma pausa.



— Ah. Bom, isso é uma pena — Dain se voltou para trás e foi para um canto escuro do quarto. Quando voltou, o fez com várias tiras largas de pano na mão. Os colocou sobre a cama e tirou sua calça meio desabotoada.

— Talvez só tenha que te amarrar para me assegurar que fique um pouco mais.

Seu coração começou a bater num ritmo mais rápido.

— Me amarrar?

Levantou a sobrancelha em resposta.

Seu olhar foi para os laços que estavam sobre a cama.

Se inclinou para frente, com uma mão em cada lado dela e a beijou.

— Nervosa? — Perguntou enquanto a beijava — Confia em mim, não?

Olhou em seus olhos, seus lábios entreabertos, e acenou com a cabeça concordando.

— Já te disse que confio.

Ele pegou seu vestido e puxou sobre sua cabeça. O vestido terminou numa cadeira próxima. Seu olhar percorreu seu corpo nu. Ela deveria ter frio, mas seu olhar a esquentava. Dain se inclinou sobre ela, envolvendo um braço pela sua cintura e a beijou até que ela perdesse o fôlego.

—Tudo que quero é te ter aqui em minha cama, atada e a minha mercê — Ele ronronou.

Moira estremeceu ao ouvir suas palavras. Poderia fazer qualquer coisa que ele quisesse. Seu corpo já estava respondendo a ele, e mal a tinha tocado. A levantou para que ficasse no centro da sua cama. Depois tirou os travesseiros e a colocou estendida de costas. Dain pegou seus laços, e com o olhar sempre fixo nela, amarrou seus pulsos, deixando suas pernas livres.

Foi para trás, admirando sua obra.

— É a mulher mais linda que eu já vi, Moira.

Trocou suas pernas e sentiu o rubor em suas bochechas com seu elogio.

Meteu sua mão entre suas coxas e sentiu como estava molhada para ele.

Quando brincou com seu clitóris, ela deixou escapar um gemido.

— Está muito excitada com isto — Murmurou em tom agradado — Lembra do corredor, Moira? Do que disse sobre meu irmão?

Mordeu o lábio e gemeu diante o deslizamento da ponta de seu dedo que tranquilamente lhe acariciava o clitóris.

— Sim — Disse finalmente, ficando sem fôlego.

— Vou convidá-lo agora. Você gostará. Gostará de ter quatro mãos sobre você e duas bocas. Gostará de ter dois membros prontos para te dar prazer.

Acariciou com um dedo pelas suas dobras, recolhendo a umidade, então seria melhor que brincasse com seu clitóris. As imagens de ambos, Dain e Killian, a tomando encheram sua mente. Ter os dois membros para beijar e tocar. Tendo os dois a enchendo... As fantasias passaram por sua mente enquanto Dain trabalhava em seu clitóris de um lado para outro. Gritou quando gozou, empapando sua mão.

Dain riu entre os dentes enquanto passava seus dedos por seus cachos úmidos.



— Creio que gosta da ideia.

Ela estremeceu contra as ondas que ainda sacudiam seu corpo e concordou com a cabeça. Isso não podia negar. A ideia de ter Dain e Killian, ambos de uma vez, a excitava mais do que nunca pensou que ficaria, alimentando seu desejo a um ritmo frenético. Recuou e a cobriu com uma manta. Depois se foi. Quando voltou, o fez com seu irmão. Seu olhar procurou e se fixou em Killian, e se retorceu contra as amarras, sentindo o roçar delicioso do material contra sua pele.

— Esta é uma vista de parar o coração de um homem — Disse Killian ao entrar no quarto. Seu olhar fixo a comeu dos pés a cabeça enquanto se acercava da cama. Isto fez a respiração de Moira ficar mais rápida.

Dain deslizou para junto dela e a beijou enquanto afastou lentamente a manta de seu corpo nu. Killian gemeu, aumentando a umidade entre suas coxas diante o som e seus mamilos enrijeceram. Dain se ajoelhou do lado dela e traçou suas mãos sobre seu corpo, massageando e esfregando a tensão de seus músculos. Se estremecia cada vez que suas mãos largas passavam sobre seus seios e entre suas coxas.

Enquanto Dain esfregava a carne sensível na parte de trás de seus joelhos, Killian se sentou na parte de baixo da cama e pôs sua mão sobre seu estômago.

— Sonhei com isto — Murmurou — Mas está certa?

Mordeu seu lábio e balançou a cabeça concordando. Se importava os dois homens. Confiava neles dois. Já que iria embora logo, desejava a ambos.

Killian se levantou e tirou suas roupas. Viu como cada artigo desaparecia, revelando o lindo corpo que se parecia muito a Dain. Ainda que Killian tinha menos cicatrizes de batalha marcando sua carne...Tinha menos cicatrizes por dentro e por fora. Ficou nu diante dela, seu olhar escuro e concentrado em seu rosto, enquanto passava sua mão por sua impressionante ereção.

Dain também tirou sua roupa e voltou sua atenção a ele, enquanto Killian se deixava cair a seu lado na cama. Os dois homens estavam prontos, gloriosamente nus e de joelhos, um a cada lado dela, ambos dispostos...E querendo...Lhe dar sua atenção exclusiva. Esse conhecimento era quase suficiente para fazer que Moira chegasse ao clímax no ato.

Killian esfregou seu polegar sobre a suave pele de seu ventre, desenhando pequenos círculos que aumentavam mais e mais. Cada passada de seu dedo fazia seu corpo queimar mais. Por fim, chegou a seu seio e fechou a mão ao redor dele, atormentando o mamilo com seu polegar. Ao mesmo tempo, se inclinava e provava seus lábios, seu primeiro beijo.

O beijo de Killian, que era menos urgente que o de Dain. Era doce e mais agradável, e excitante, nas não incendiou seu sangue da maneira que o beijo de Dain fazia. Não tinha fraqueza nos joelhos, revoando em seu peito. Sua língua a atravessou e roçou contra a sua, enviando ondas de prazer por suas costas. Ainda tinha a capacidade de despertá-la, apesar de tudo.

Ela gemeu em sua boca e ele aprofundou o beijo, conduzindo sua língua mais agressivamente contra a sua. Dain se inclinou e pegou seu outro mamilo em sua boca e ela



arqueou suas costas, ofegando na boca de Killian. Killian sorriu contra seus lábios antes sua reação, e deixou cair para lamber o mamilo que estava acariciando.

Moira agarrou os laços que a atavam e cerrou seus olhos extraíndo a sensação de ambas as cabeças escuras inclinadas sobre seus seios, e a sensação de suas línguas e seus lábios mordiscando-a, brincando e refrescando seus mamilos doloridos.

Ao mesmo tempo, com a perícia dos homens que tinham tomado a mais de uma mulher ao mesmo tempo, aliviavam suas mãos para baixo de seu ventre até sua vagina. Abriu suas coxas para eles e, boas vindas e perdeu quem tocava o que. Tudo que ficava era uma maré de sensações quase exaustivas. Um acariciava seu clitóris sem piedade, fazendo-a se retorcer e gemer. O outro esfregava seus dedos ao longo de sua abertura sensível, depois a atravessou empurrando dentro dela. Encontrou seu ponto sensível e raspou a ponta de seu dedo sobre ele uma e outra vez com uma autoridade que a levou direto até a borda do clímax.

Então os dois estavam ali, cada um com um dedo enterrado profundamente dentro dela. Juntos, o par, acariciando dentro e fora dela.

Killian se afastou com um ofego.

— Tão sedosa e quente — Gemeu.

Moira segurou os laços enquanto seus quadris corcoveavam pra frente. Gemeu enquanto seu clímax a levava, desejando mais, querendo seus membros. Por fim, gritou ao atingir o orgasmo, cavando seus calcanhares na cama com as pernas tão abertas como podia.

Eles a acalmaram gentilmente com murmúrios e pequenas palmadinhas.

Quando passaram, por fim, respirou trêmula.

— Me soltem — Murmurou — Preciso tocar vocês dois.

Dain estendeu sua mão e soltou suas amarras, e ela se jogou em seus braços, beijando-o, passando as mãos pela parte superior de seu braço e por suas costas, e enredando seus dedos por seu cabelo. Se sentia selvagem por senti-lo perto e não podia obter o suficiente com bastante rapidez. Esmagou-a contra ele, esfregando a longitude de seu corpo contra o dela e beijando sua boca e sua língua como se estivesse seco.

Atrás dela, Killian se aderiu a suas costas, deslizando seu peito ao longo de sua pele. Suas mãos trabalhavam sobre suas coxas, seus quadris e finalmente até a copa de seus seios. Pela frente sentiu o membro duro de Dain pressionando contra ela. Moira soltou um ronronar decadente saindo de sua garganta. Gemeu na boca de Dain. Seus centros de prazer estavam elevados ao sentir o contato destes homens agarrando-a pela frente e por trás.

Nunca se sentiu tão quente, tão segura, tão excitada.

Moira se virou dos braços de Dain para ficar de frente a Killian. Não sentia por ele o mesmo que sentia por Dain, mas continuava sendo um homem ao que mantinha profunda e carinhosamente em seu coração.

Era um homem que jamais esqueceria e se não era amor, sempre pensaria nele com a devida importância e carinho.



Captando seu olhar e pupilas dilatadas, o presenteando com sua excitação.

Se inclinou e o beijou nos lábios suavemente. Não era o suficiente para ele. Esmagou sua boca na sua e devolveu o beijo com fome voraz, deslizando sua mão para trás puxando sua nuca pra ele. Quando afastou seus lábios para ele, deslizou sua língua dentro e se acoplou a ela.

Atrás dela Dain a beijou longamente seus ombros e costas. Passou os lábios sensualmente sobre suas nádegas e beijou a parte de trás de suas coxas. Em todo lugar que sua boca tocava, o fogo a arrastava.

Killian a pressionou para baixo na cama, apesar de que suas mãos buscavam seu membro. O ar silvou por seus lábios enquanto seus dedos se fechavam ao redor de sua longitude rígida e palpitante. Era do mesmo tamanho que Dain, quase.

Dain afastou facilmente suas coxas e ficou entre elas. Abriu seus lábios inferiores e a examinou. Sentiu uma gota de creme na entrada de sua vagina gotejando pelo interior de suas coxas. Com um profundo gemido Dain o lambeu. Moira ofegou e Killian cobriu sua boca com a sua, comendo todos seus gemidinhos e ruídos que fazia enquanto Dain começava a lambê-la.

Sua língua comprida parecia o paraíso. Seu clitóris imediatamente começou a necessitar mais uma vez depois disso.

Dain era implacável com a atenção que dava a seu sexo. Fez que o coração de Moira batesse mais rápido e sua respiração se estancava em sua garganta. Isto a levou direto a beira do clímax, mas ele a manteve ali, sem lhe permitir gozar. Moveu seus quadris sem parar, fazendo de propósito, sabendo que não faria bem nenhum em implorar. Queria levá-la ao mais profundo êxtase e aumentar o poder de seu clímax quando por fim gozasse.

— Killian — Disse sem fôlego — Deixe-me te provar. Tenho que te ter em minha boca.

Se levantou e se sentou escarranchado nela, presenteando-a com seu membro grosso e largo a seus lábios.

O agarrou da ampla base de seu eixo e acariciou suas bolas.

— Oh, Anot, sim — Disse entre dentes para ela — Queria tanto isto antes.

Cerrando seus olhos de antecipação, ela lambeu a cabeça, sentindo a suavidade da coroa. Passou a língua ao redor dele, e acariciou de cima a baixo ao longo de seu eixo.

Entre suas pernas, Dain a segurou pelo interior de suas coxas, abrindo-as e as firmou na cama enquanto enrolava seu clitóris com pequenas lambidas de sua língua, o que a fez ficar sem fôlego.

Dain fez um ruído baixo em sua garganta, enquanto estremecia de prazer. Lambeu de seu ânus até seu clitóris uma e outra vez, até que ela jogou sua cabeça para trás deixando o membro de Killian e deu um lamento delicioso.

Ao perceber de que estava se descuidando de Killian, ela levantou sua cabeça pra frente e envolveu seu membro entre seus lábios. Killian gemeu e arqueou suas costas, deslizando seu membro mais dentro de sua boca. Ela o chupou, movendo seus lábios de cima abaixo pelo seu



comprimento. Moira moveu sua língua de cima abaixo de seu eixo, brincando sobretudo com o pequeno nó de nervos logo abaixo da coroa, onde sabia que um homem era mais sensível.

Dain enfiou sua língua dentro de sua vagina, fazendo que seus quadris empurrassem para frente. Brincava com seu orifício inferior com seu dedo, acariciando e fazendo círculos. Todos os diminutos nervos saltaram a vida gloriosamente. Ela gemeu em volta da longitude de Killian e cerrou os olhos. Killian agarrou a cabeceira da cama por cima dela, e gemeu seu prazer enquanto o mamava cada vez mais forte, de acordo com o crescente prazer entre suas coxas.

Dain se afastou.

— Chega! — Conseguiu murmurar — Tenho que tê-la.

Killian concordou com a cabeça e se afastou. Seu membro parecia insuportavelmente duro, mas ela o aliviaria. Ela sabia que significava para Dain aliviar os dois. Killian se moveu para um lado, revelando Dain. Ele a olhou fixamente com uma intensidade decidida que a fazia palpitar ainda mais forte. Se estirou e pegou algo da mesa junto da cama, o frasco que tinha colocado ali quando tinha ido buscar os laços.

— Venha aqui — Murmurou.

Se levantou e se arrastou sobre a cama para ele. Seu longo cabelo, grosso, caía como cortinas em seu rosto. Avançou lentamente de forma que devia parecer tão selvagem e tão desejosa como se sentia. Quando o alcançou, Dain enroscou uma mão na parte de trás de sua cabeça. Arrastando-a contra ele, e a beijou longa e duramente. Moira pode provar seu próprio gosto em sua língua. Isso a fez curvar seus dedos sobre seus ombros e se pendurando para salvar suas queridas vidas no erotismo. A tinha ofegando quando foi para trás. Dain a atraiu para baixo, assim a estendeu de barriga para baixo sobre seu colo.

Killian se moveu para se sentar perto. Estendeu a mão e esfregou suas nádegas. Sua vagina parecia estar pegando fogo. Estava avermelhada e úmida, e pronta como um fruto maduro. Ela teve que lutar não para levantar seus quadris e nádegas, mas teve que lutar para não suplicar pelo toque de Killian, e gozar. A única coisa que podia fazer era gemer.

— Killian, um travesseiro — Disse Dain. Voltou o rosto para um lado e viu a Killian pegar um travesseiro. Dain o colocou embaixo dela, e levantou seu traseiro no ar um pouquinho. Ao que parece, Killian sabia o que estava por vir. Ela não. Se levantou um pouco diante uma apreensão súbita e Dain a pressionou e jogou para trás.

— Lembra do que disse no corredor, Moira? Se entrasse neste quarto seria minha para fazer o que quisesse. Dê uma oportunidade a isto. Se não desfrutar não irei mais além. Só tem que dizer — Disse — Não faria nunca nada que não te cause prazer.

Ela se relaxou e se acomodou de novo. Killian segurou sua mão e afastou o cabelo do rosto, passou os dedos massageando sua nuca. Dain começou por seus pés, esfregando suavemente afastando a pequena tensão que sentia pelo desconhecido. Killian trabalhou embaixo, passando as mãos até a parte de trás de suas costas e finalmente em seu traseiro.



Dain alcançou suas coxas e disse que separasse suas pernas. Ela o fez e ele passou a mão por seu sexo atormentando-o, o que fez que mordesse o lábio inferior. Killian traçou sobre o montículo de suas nádegas e passou o dedo dobre sua dobra. Na outra mão, segurou seu próprio membro. Com a cabeça voltada para um lado ela observava fascinada, como ele acariciava a si mesmo. Lamentou não poder sentir seu gosto de novo, mas sentiu que tinha outros planos neste momento. Killian e Dain, os dois correram seus dedos sobre o coração dela, e Moira soltou um suspiro e pegou punhados de manta nas mãos.

— Isto melhorará, amor — Ronronou Killian — Devemos te preparar, deixando-a pronta para que te tomemos.

Deixou escapar uma risada afogada e atormentada.

— Fala como se já tivesse feito isso antes.

Killian arrastou a ponta de seus dedos sobre sua carne excitada.

— Isto é Nordan, é óbvio que já fizemos.

Dain se aproximou e pegou o frasco que tinha colocado sobre a cama. Espremeu um pouco de óleo sobre a mão de Killian e depois na sua.

— Que é isso? — Perguntou ela.

Dain baixou seus dedos a seu sexo e esfregou o óleo em seu clitóris e lábios vaginais. Era escorregadio, quente e a fez ofegar de prazer.

— Este óleo é o que as pessoas usam para ter sexo mais facilmente. Não se preocupe, eu nunca faria nada pra te machucar — Estalou cerrando a boca no final da frase, como se percebesse do que tinha falado. Moira conteve a respiração por um momento, deixando o passado desaparecer, hesitando só por um momento — Só relaxe. Se mantenha aberta para nós — Concluiu com voz lisa.

Tinha pouco tempo para considerar suas palavras, porque Killian meteu a mão para baixo e esfregou óleo na sua entrada inferior. Moira se queixou.

— Você gosta disso, amor? — Perguntou Killian.

Cerrou os olhos e assentiu.

— Então, você gostará muito mais disso — Murmurou enquanto roçava seu ânus com a ponta de um dedo.

Ela afogou um grito com a sensação. Se sentia melhor que nunca teria imaginado. Se colocou dentro e fora com cuidado, lentamente, dirigindo o primeiro dedo, depois o segundo. Sua ação atraiu longos gemidos de sua garganta.

Viu Killian compartilhar uma olhada com seu irmão e um pequeno sorriso. Não fazia ideia do muito que se sentia bem acariciando essa zona. Dain esfregou sobre seus lábios e meteu dois dedos dentro de sua vagina. Os quadris de Moira corcovearam com a sensação de ter os dois orifícios cheios ao mesmo tempo. O prazer correu seu corpo, fazendo-a apertar as mantas. A umidade escorria para fora dela, se misturando com o óleo e fazendo que a penetração nela fosse mais fácil.



Killian gemeu e seu pênis saltou em sua mão.

— Doce Anot, Moira. Seu corpo foi feito para este tipo de jogo. Mesmo agora relaxada e alargada para mim.

Passou mais óleo em seu ânus, depois deslizou dois dedos nela. Segurou seu fôlego, e depois se queixou diante a sensação dele estirando seus músculos de forma tão deliciosa. Doeu um pouco... Só o suficiente para fazer pulsar de prazer seu clitóris e chamuscando acima de sua coluna.

— Oh, sim, Moira — Murmurou Dain — Está mais além de doce e cremosa. Perfeita, não faz a menor ideia do efeito que isto tem em Killian e em mim — Acrescentou em voz baixa, tensa.

— Me tome — Sussurrou — Não posso suportar este tormento mais tempo.

— Logo — Respondeu Killian — Logo o faremos — Fez uma pausa — Quando estiver pronta para ter os dois.

Fechou os olhos e eles aumentaram os empurrões. A acariciaram de maneira sincronizada, trabalhando sua vagina e ânus com uma precisão magistral que quase a fez gritar. Ela sentiu que os músculos de seu ânus se abriam com facilidade para a invasão de Killian. A dor diminuiu e foi substituída pelo puro êxtase. Dain torceu seu punho, mudou o ângulo de sua investida para que seu dedo raspasse sobre aquele lugar profundo dentro dela onde se sentia melhor.

— Goze pra nós — Sussurrou Dain — Moira, deixe ir.

Por fim. As cores fizeram redemoinhos diante seus olhos enquanto seus golpes se fizeram mais longos, mais profundos, mais duros. Seu mundo se reduziu a posse de seu corpo por eles. Apertou seus punhos e resistiu em seu colo enquanto seu clímax a golpeava. Ela gritou pelo prazer de fazê-lo, empurrou seus quadris para frente como se estivesse buscando um membro que a enchesse.

Seu orgasmo a golpeou com toda a força, mas antes que seus espasmos acabassem por completo, Killian e Dain se afastaram. Dain deitou plano sobre a cama e Killian colocou seu corpo trêmulo escarranchado sobre ele. Ansiosa e necessitada, baixou sua gotejante vagina até seu membro, empalando a si mesma. Dain gemeu devagar e a agarrou pela cintura e ela jogou sua cabeça para trás ofegando de satisfação ao sentir a longitude grossa a enchendo.

— Moira — Murmurou.

Ela baixou sua cabeça e o beijou, deixando cair seu cabelo ao redor dele, como cortina.

— Se sente tão bem dentro de mim, Dain — Murmurou — Tão.Tão perfeito.

Afastou seu cabelo de seu rosto com um gesto terno e segurou seu olhar capturando-a fixamente.

— Eu sei — Respondeu em voz baixa. Algo se moveu através de seus olhos — Meu irmão será tão bom quanto eu.

Killian a montou por trás. Sentiu a pressão e o calor de seu peito contra suas costas e o empurrar da coroa de seu membro contra seu orifício inferior. O havia coberto com uma grande quantidade de óleo, mas isso não evitou que seus músculos todos ficassem tensos. Dois dedos era



uma coisa. Seu longo e grosso pênis era outra muito diferente. Moveu seus quadris na ansiedade repentina de ter o membro de Killian dentro do seu traseiro.

Como seu corpo poderia acomodar dois homens de uma vez?

— Calma, Moira — Disse Dain — Não tentaríamos isto se não estivesse pronta. Conhecerá um prazer como nunca antes, se nos permitir seguir em frente.

Ela vacilou e depois assentiu.

Killian se inclinou por sua cintura, no pequeno espaço entre seu corpo e o de Dain, e acariciou suavemente seu clitóris. Respondeu no mesmo instante ao contato. Estava inchado e sensível, e deliciosamente vulnerável ao toque de Killian. Seus quadris impulsionaram para frente involuntariamente, e seu fôlego silvou por ela enquanto um dedo lubrificado a acariciava.

— Ah, assim, amor. Só relaxe e se abra para mim, Pode tomar meu membro aqui — Ronronou ele — Seu corpo foi feito para isto.

Ela estremeceu enquanto seus centros de prazer disparavam a vida uma vez mais. Sua vagina e seu ânus estavam necessitados. Doendo por isto. Parecia impossível que ela quisesse mais deles depois dos três climaxes que ela teve, e sem dúvida... Oh, ela queria. De repente, ela não podia esperar para estar cheia pelos dois de uma só vez.

Killian se manteve acariciando seu clitóris enquanto empurrava contra seu ânus. Dain capturou um mamilo em sua boca lambendo-o por cima do bico distendido. A superfície escorregadia, da coroa lisa do membro de Killian a atravessou e ela gritou, agarrando com os punhos a manta dos dois lados da cabeça de Dain.

— Oh, sim — Sussurrou ela — É bom. Oh, Doce Deusa! Tão bom.

Killian deixou escapar um grunhido atrás dela e acomodou a si mesmo um pouco mais dentro dela. Se sentia *empalada* deliciosamente, eroticamente assim. Se sentiu completamente a mercê com suas pernas abertas e como um sanduíche colocada entre ambos, e sem dúvida, nunca se sentiu mais segura ou mais apreciada em sua vida.

— Oh, amor — Murmurou Killian — Se sente tão bem ao redor do meu membro. É tão quente e apertada e... — Ele gemeu.

Polegada a polegada fazia sua mente voar, Killian empurrou mais dentro dela, até estar enterrado até a base. Doeu, não havia dúvida disso, mas a dor não parecia nada. De fato, a dor parecia aumentar o prazer de fazê-lo.

Dain a atraiu para ele e deu-lhe um beijo nos lábios.

— Fique quieta — Murmurou. Começaram a se mover.

De repente pensar quase não era possível.

Se moviam muito devagar e com cuidado. Dain cravou os calcanhares na cama e empurrando para cima em seu corpo, enquanto Killian a penetrava por trás, dirigindo profundamente dentro de seu coração.

Gemeu longo e baixo e gritou a plenos pulmões. Ela nunca tinha conhecido um prazer que pudesse ser tão intenso. Nunca pensou que fosse possível.



Era quase assustador.

Quase.

Moira chegou a seu clímax duro e rápido. A escuridão nublou sua visão por um momento enquanto ela lutava por manter a consciência. Dain gemeu ante as violentas convulsões de sua vagina em torno de sua longitude.

Sentiu que ao gozar lubrificou mais sua vagina, facilitando o empurrão de seu membro em seu corpo impermeável. Sem dúvida, eles continuavam trabalhando dentro e fora dela, acelerando seu ritmo. Seus sons de prazer misturados e fundidos, ricocheteando nas paredes do quarto. Nunca se sentiu tão deliciosamente *possuída* por completo como se sentia agora.

Seu último orgasmo a levou direto a outro. Seu corpo tremia e sua respiração se acelerou. Eles a fodiam mais rápido e um pouco mais duro e estendendo seu clímax, enchendo todo seu mundo.

A sensação de seus corpos fazendo um sanduíche dela e rápido, o deslizar do suor de sua pele sobre a dela era o paraíso. Sua respiração e gemidos combinados dispararam seus sentidos. A encantava saber que eles estavam por completo concentrados nela neste momento, obtendo prazer de seu corpo e querendo proporcionar o mesmo.

Dain agarrou a parte de trás de sua cabeça e atirou sua boca a sua. A beijou, sua língua enchendo sua boca, dançando com a dela. Engoliu seus gemidos. Se levantou mais alto que pode dentro dela e ela sentiu seu membro explodir. Gemeu eroticamente contra seus lábios e sentiu o disparo de sua ejaculação chegar profundamente dentro dela. Atrás dela, Killian conteve o fôlego e também se liberou.

Respirando pesadamente, Dain a atraiu para seu corpo completamente. Killian se deslizou para fora dela, e Dain lhe deu a volta, a colocando debaixo dele. Sua respiração ficou tão forte e rápida como a dela e seus orgasmos combinados e o óleo que tinham usado deslizava entre suas coxas. Dain passou a mão suavemente em sua cabeça e a beijou longa e forte. Depois se afastou e ficou admirando-a com uma intensidade que fez encolher seu coração e seu corpo pegar fogo, incrivelmente, voltando a vida embaixo dele.

— Oh, Moira — Gemeu Dain entrecortado em seu ouvido — Você é meu paraíso. Me dá paz. Permaneceu assim durante muito tempo, e Moira sustentou ele e cerrou os olhos.

Finalmente, Dain saiu deixando livre seu corpo, uma perda que lamentou, e a atraiu para si, aconchegando-se por trás. Killian a cobriu do outro lado, beijando-a nos lábios antes de recostar e fechar seus olhos. Uma letargia cômoda, satisfeita se apoderou de seu corpo. Todo seu corpo doía, mas era uma dor deliciosa. Uma que não mudaria por nada.

Depois, acomodada, quente e segura situada entre seus corpos grandes, sua respiração profunda lhe deu sono e se deixou levar.

Quando despertou o fogo estava ardendo outra vez, atendido pela mão cuidadosa de alguém. Moira se encontrou colocada amorosamente debaixo das quentes mantas grossas da



cama. Se virou para seu lado e viu as costas largas de um homem. Seus lábios se curvaram em um sorriso, estirou a mão e acariciou seu cabelo. Dain. Havia ficado com ela a noite toda. Uma cálida sensação de calor atravessou seu peito.

Dain despertava com seu toque dando a volta. Seu rosto se desfez. Seu sorriso se dissolveu. Killian.

— Está decepcionada, Moira — Disse Killian em voz baixa. Estendeu a mão envolvendo uma mecha de seu cabelo ao redor de seu dedo — Não nos agradamos bem a noite?

Um sorriso piscou em seus lábios. Alisou com a palma de sua mão sua bochecha sem barbear.

— Oh, sim, o fizemos, de fato — Murmurou.

— Mesmo assim não está contente de me encontrar em sua cama quando acorda?

Ela vacilou um momento e depois empurrou as cobertas afastando-as e pegou o casaco de alguém, provavelmente de Dain, que havia colocado no extremo da cama para ela... Antes que se fosse. O colocou para rebater o frio da manhã e encontrou um par de sapatilhas. Também as colocou.

Killian se sentou na cama. As cobertas caíram na sua cintura, revelando a extensão de seu peito musculoso. Cruzou os braços sobre seus joelhos, e a ação definiu seus bíceps. Seu lindo rosto tinha uma expressão confusa, fazendo que as lágrimas picassem seus olhos. Qualquer outra mulher aceitaria sua proposta em um abrir e fechar de olhos. Qualquer mulher, especialmente uma como ela, pobre e sem perspectivas, seria uma sorte e uma honra ser notada por um homem como Killian.

E, entretanto.

E, entretanto, queria seu irmão prejudicado. Queria o irmão que estava destinado a partir seu coração e destruir sua alma. Não fazia sentido que fosse Dain e não Killian quem disparava seu sangue e fazia que seu coração batesse mais rápido. Não tinha sentido que fosse Dain a quem amasse e não Killian.

“Oh, o que estava errado com ela?” Seu bom senso e seu cérebro diziam que preferia a Killian... Mas seu coração só queria um homem, Dain.

— Moira? — Perguntou Killian — O que está acontecendo?

Recolheu seu cabelo longo e fez um nó em sua nuca. Enquanto o fazia, ela deu um meio sorriso — Nada está errado, Killian.

Se empurrou pra fora da cama até ela nu. Quando a alcançou pôs as mãos sobre seus ombros e a fez olhar pra ele.

— Está mentindo. Posso vê-lo em seus olhos. Posso supor o que a preocupa?

Ela o olhou com a boca aberta.

— Ama meu irmão — Disse com voz terna — Sabia disso antes, Moira. Já te disse ante, lembra? Não há necessidade de sentir culpa de que não sinta por mim o mesmo que sente por ele.



À noite, a forma em que se olhavam, e a forma que se tocavam — Sacudiu a cabeça — Não há dúvida em minha cabeça de que te ama.

Tentou soltar sua cabeça de seu aperto, mas ele a segurou pelo queixo. Ela olhou para ele com os lábios tremendo e as lágrimas brilhavam em seus olhos.

— Quando eu virei para você essa manhã... Pensava que era Dain quem tinha ficado, não eu — Disse baixinho.

Ela vacilou e assentiu.

Killian a abraçou apertando-a e beijou o topo da cabeça. Solto uma risada.

— Moira, não entende? Me alegre de que o ame e não a mim. Dain precisa de seu amor mais que eu — Passou seus dedos por seu cabelo e ela enrolou seus braços ao redor de sua cintura, aspirando seu cheiro masculino — Como te disse antes quero te ajudar a chegar a ele. Quero te ajudar a romper suas defesas. Creio que meu irmão me queria aqui a noite, em parte, para formar uma barreira entre você e ele. Talvez esteja chegando a ele, Moira, mas não sabe como reagir a isso. Talvez esteja assustado. Se eu puder te ajudar a aproximá-lo de você, vou fazê-lo — Negou com a cabeça — Mas nenhum pensamento de culpa, por favor!

— Sinto muito — Murmurou ela. Mudou para que pudesse olhar em seu rosto — Já deve saber que não posso me casar com você. Nem se Dain me afastar no final. Nunca poderia me casar com você.

Inclinou a cabeça e a beijou ternamente em seus lábios.

— Gosto de você e a respeito. Poderíamos fazer uma boa parceria, mas nunca te a mei, Moira. Não da forma que ama Dain. Não acontece nada se não aceitar meu pedido.

Moira solto o fôlego que nem sabia que estava prendendo. Ela se afastou e Killian permitiu. Ele foi buscar sua roupa e começou a colocá-la.

— Mas...Dain... — Murmurou só o suficientemente forte para que a ouvisse — Nunca estará pronto para os sentimentos que tenho para dar. É uma causa perdida.

Killian pôs sua camisa sobre a cabeça e fez uma pausa e suspirou.

— Honestamente, Moira, meu irmão é em grande parte um mistério para mim. Não pretendo entender seu coração. Sei que o vi te tocar, te olhar, a noite, com um amor que nunca tinha visto dentro dele. Mas se ele está disposto a reconhecer esses sentimentos, bom, isso não sei.

— Eu sei — Contestou ela suavemente. Caminhou para a porta, mas se deteve antes de sair do quarto — É um homem extraordinário, Killian. Um dia encontrará uma mulher e se apaixonará a primeira vista. Será forte e apaixonado e inegável. Ela te corresponderá com o mesmo amor a primeira vista. Eu juro.

Ele deu um meio sorriso.

— É uma profecia? — Perguntou com uma voz brincalhona.

Ela lhe devolveu o olhar com toda seriedade.



— Eu sinto profundamente dentro de mim, Killian. É um conhecimento de que este evento será forte e profundo em seu futuro.

Saiu do quarto e voltou para o seu. Estava, de fato, em seu futuro. Podia senti-lo em cada parte de seu corpo.

Mas também sentiu seu próprio futuro... E esse não era tão brilhante. Estava cheio de dor agonizante e escuridão. Talvez morte.

Capítulo 7

Moira levou sua égua para fora do estábulo, verificando sua sela e se assegurou de que suas bolsas de mantimentos estavam bem presas. Blix e Athna estavam perto dela, olhando-a com seus olhos escuros, emotivos. Sentiram que estava indo embora.

Tinha estado tão quente nas duas últimas semanas que podia ficar sem suas luvas enquanto trabalhava fora. O sol acabava de se levantar e o cinza seguia colorindo o céu. As nuvens não o fizeram, sem dúvida, haveria muita luz para viajar chegando a tarde.

Já era hora de ir a Porto do Paraíso. A neve tinha derretido o suficiente para assegurar seu caminho, e o frio diminuía a cada dia que passava.

Ela deu a Blix e Athna uma boa esfregada na barriga e beijou suas cabeças em sinal de despedida. Moira puxou o capuz sobre sua cabeça, pôs as luvas de lã pesada e montou em sua égua. Quando o cavalo, não acostumado a levar um cavaleiro porque tinha ficado no estábulo tanto tempo, dançava embaixo dela. Olhou para o castelo pela última vez.

Tinha escolhido a madrugada para ir embora a fim de evitar qualquer despedida triste. Não queria dizer a William, Bess, Killian... Ou Dain, adeus. Especialmente a Dain. Engolindo um repentino bolo de lágrimas em sua garganta, voltou a cabeça de sua égua para o portão de saída de Aeodan e começou sua viagem.

Nas três semanas decorridas desde seu encontro com Killian e Dain, ela e Dain tinham feito amor várias vezes mais. Ia a ele as vezes no meio da noite e a rodava por baixo de seu corpo e a tomava lentamente, tão lentamente e com cuidado, e com tanto amor em seus olhos que seu clímax a destroçava, deixando-a com lágrimas nos olhos.

Cada vez que acordava na manhã seguinte, estava em uma cama vazia.

Às vezes, ele chegava a seu quarto e eles rasgavam suas roupas e queimavam seus corpos uma e outra vez até o amanhecer. Quando acordava, o fogo estava aceso e sentia-se cômoda e quente em sua cama... E ele tinha ido. Os encontros a deixavam se perguntando se simplesmente tinha sonhado.

Tocou seu estômago. *Esperava estar levando um filho dele. Oh, como o queria.* Perguntou em várias ocasiões se queria que ele tomasse precauções. Tinha um preparado a base de ervas que podia tomar para prevenir a gravidez, ou poderia abortar. Sempre disse não.



Chegou até o topo da grande colina em frente ao castelo, descobrindo o caminho que a levaria até Porto do Paraíso. Se virou e olhou para o castelo pela última vez, depois virou a sua égua e começou a descer pelo caminho. Ao meio dia ouviu o galopar de cascos pelo caminho atrás dela. Por temor de bandidos, rapidamente levou sua égua até a linha das árvores e pegou sua espada de corte afiado que estava amarrada a sua sela e a segurou em sua mão. Não tinha vivido tanto tempo sozinha no bosque sem ter aprendido a se proteger.

Dois encapuzados, um em um cavalo negro monstruosamente enorme e o outro em um branco do mesmo tamanho chegaram a sua visão, enquanto se detinha entre os galhos das árvores. Rezou para que sua égua ficasse tranquila, mas foi para o lado e quebrou um galho. Os cavaleiros se detiveram. Seu coração se alojou em algum lugar justo ao sul de suas amígdalas.

— Moira? — Chamou um.

Killian.

Afundou sua espada e saiu da linha das árvores.

— Killian? Dain?

Impulsionaram seus cavalos até ela.

— Porque me seguem? — Perguntou ela.

A montaria negra de Dain se adiantou.

— Porque fugiu como um ladrão antes do amanhecer? — Sua voz tinha um tom de aço. Seus olhos estavam zangados.

— Pensei que seria mais fácil dessa maneira.

A montaria de Dain se dirigiu junto a dela. Sua égua sacudiu a cabeça ante a proximidade de outro cavalo.

— Não vamos permitir que viaje sozinha até o Porto do Paraíso, Moira.

Ela apertou sua boca numa linha fina e dura.

— Isto é problema meu, não seu. Não tenho nenhum desejo de envolvê-los — Ela fechou um olhar em Killian — Nenhum de vocês.

Dain estendeu a mão e pegou seu queixo com suavidade. Guiou seu olhar ao dela. Seus olhos azuis claros se formaram redemoinhos pela ira.

— Me envolveu no momento em que te vi na entrada de meus portões, no momento em que me permitiu me meter em sua cama, minha senhora. Isto é meu problema — A soltou e recuou até seu cavalo uns passos atrás — De nós dois.

— Que aconteceria se te atacassem daqui até Porto do Paraíso, Moira? — Perguntou Killian com o cenho franzido.

Ela encolheu os ombros.

— Lidaria com isso como tive que lidar com os ataques antes de conhecê-los. Estou muito acostumada a cuidar de mim mesma.

— Talvez seja a hora de que se acostume que alguém cuide de você — Disse Dain. Antes que pudesse responder, virou sua montaria para Porto do Paraíso — Vamos — Disse com aspereza.



Ela e Killian viram Dain passar diante deles. O seguindo, Killian dirigiu seu cavalo com sua égua para o caminho.

Dain ficou na dianteira a maior parte do dia, se aproximando só para discutir com eles alguma coisa relacionada a logística de sua viagem.

— Parece muito agitado — Comentou Moira enquanto olhava as costas rígidas de Dain — Espero que não seja por minha culpa.

— Creio que ele se pergunta se de verdade encontrar a Cyric será tudo, Moira. Creio que é isso que o altera.

O sol tinha começado a cair por baixo das montanhas no oeste, mas o céu continuava brilhante e sem nuvens. Talvez viajaria mais tempo antes de se deter. O caminho para Porto do Paraíso que vai desde o território de Aeoli não era para fracos de coração. Eles levariam dois dias de duro montar antes de chegar a seu destino, a capital de Nova Ecasia.

— Diga-me, Killian, nunca perguntei antes. Sei que seu irmão tem as asas de uma coruja nevada, mas que asas você possui? Tem as mesmas já que são gêmeos?

Sacudiu sua cabeça e sorriu.

— Herdei as mesmas asas de Rue d'Ange, nosso famoso antepassado. Tenho as asas de um falcão. Quer ver?

As abriu lentamente, para não assustar os cavalos. Se estenderam amplas, largas e lindas, com múltiplas sombras cinza e negras.

— São lindas — Sussurrou. Alargou a mão e passou seus dedos suavemente na ponta de uma asa — É de verdade.

— Tentando impressionar Moira com suas asas, Killian? — Dain chamou ao sair mais adiante.

— E porque não? — Gritou Killian depois com uma gargalhada. Lentamente as recolheu dentro de seu corpo.

Três horas mais tarde chegaram a uma pequena cabana encravada no bosque.

— É um pavilhão de caça — Explicou Killian enquanto empurrava a porta aberta — A usamos para fazer escala cada vez que viajamos a Porto do Paraíso. O interior estava decorado com o que pareciam móveis feitos a mão. Havia uma cama grande no centro da sala e vários colchões e colchonetes espalhados por todo o canto do local. Uma mesa larga de pé em um canto, perto de uma das lareiras. Uma lareira ficava no extremo oposto da cabana.

Dain e Killian começaram a tarefa de recolher lenha para fazer fogo para esquentar o frio e Moira achou uns lençóis e fez a cama maior.

A temperatura havia descido quando o sol se pôs e Moira se lembrou da noite que haviam compartilhado todos juntos, não podia pensar que era atrevida se sugerisse que poderiam dormir todos juntos para conservar o calor. Talvez inclusive, Dain pudesse engolir sua repulsa e dormir a seu lado durante a noite toda. Arrumou os travesseiros na cabeceira da cama um pouco mais



energicamente do que tinha previsto enquanto pensava. Uma mecha de seu cabelo se soltou de seu penteado e o afastou zangada de seus olhos.

— Está tudo bem? — Perguntou Dain, que chegou com uma braçada de lenha.

— Bem — Disse suavemente enquanto colocou a mecha atrás da orelha. O olhava com olhos famintos ao deixar cair a carga perto da lareira e começou a quebrar a lenha — Vou buscar um pão que tenho em meus alforjes — Disse e foi para a porta.

Dain se levantou e pegou seu braço interrompendo seu caminho. Ela deu um olhar para ele e logo a seus olhos, com os lábios entreabertos. *“Querida Doce Deusa! O menor contato a deixava necessitada”*.

— Killian pegou uma lebre selvagem e está preparando no espeto.

— O pão pode acompanhar...

Ele a atraiu para si e a beijou, cortando o resto de sua frase.

— Moira — Exalou seu fôlego. Se pôs em frente a ela — Me assustou essa manhã. Tive medo quando senti que tinha deixado o castelo sozinha.

Seus olhos se arregalaram.

— Sentiu?

Ele assentiu com a cabeça.

—Talvez seja...

— Um pouco de sua magia.

— Ou talvez seja uma conexão que eu e você compartilhamos. Nós compartilhamos uma, você e eu, deve saber que , que...

Ela se inclinou e o beijou. As lágrimas sufocaram seus olhos e garganta.

— Eu sei — Sussurrou com voz entrecortada. A dor inundou seu interior — Por favor, não fale em voz alta — Então se virou e saiu da cabana.

Praticamente correu para sua égua. Com toda pressa lutou para conseguir abrir o alforje e buscou dentro o pão. O abriu e ficou olhando o pequeno pacote de couro. Então as lágrimas nublaram a visão e se apoiou no cavalo, deixando um par delas cair. Se espalharam no couro e olhou com a visão nublada como rolaram para a terra.

Atrás dela ouviu a porta da cabana se abrir e fechar. Então chiou abrindo-se uma vez mais.

— Moira? — Perguntou Killian — Está bem?

Rapidamente, limpou seus olhos com as mangas do casaco.

— Estou bem— Ela ofereceu um sorriso — Só um pouco cansada, suponho.

Ouviu suas pisadas no chão e prontamente sentiu seu corpo a seu lado. Estendeu a mão virando-a e a puxou para ele. Moira cerrou seus olhos enquanto a vontade de chorar realmente se apoderou dela. Fez todo o possível para sufocar sua tristeza e sentia as lágrimas queimar seus olhos. Colheu o pacote de couro em uma mão e apertou o punho da outra contra a parte da frente do pesado casaco de Killian com tanta força que suas unhas entraram em sua palma.

Killian envolveu seus braços em volta dela e beijou o topo de sua cabeça.



— A mim não parece bem — Murmurou.

Deixou escapar uma risada, um som sufocado. Não pode falar por um momento, temerosa de que seu corpo a traísse e se desmanchasse num ataque de soluços, simplesmente se relaxou no corpo quente e forte de Killian, absorvendo o consolo que oferecia. Doía tanto querer muito algo e que negassem. Nunca tinha querido tanto o amor de outro mais do que queria o de Dain. Sentia como se uma parte de sua alma se murchasse em nada ao ver o resignado olhar em seus olhos, ouvir de seus próprios lábios que nunca poderia corresponder a seu amor.

Engoliu seco e clareou a garganta, por fim dominando sua emoção.

— E- estarei bem — Se afastou um pouco dele, discretamente, secando as lágrimas com o dorso da mão — É verdade que agora mesmo não me sinto assim, mas vou ficar bem... Com o tempo.

Killian olhou duvidando, depois dobrou sua cabeça e tomou sua boca em um beijo longo, sensual. Seus lábios e língua se enredaram e cruzaram, e Moira podia saborear suas lágrimas.

Quando seus joelhos ficaram fracos e o prazer retumbou até sua medula, a soltou. Deu um passo para a cabana e fez sinais com a mão. A expressão de seus olhos disse que ele não acreditou.

— Vem. A noite está caindo e a temperatura está baixando rapidamente. Está fazendo muito frio para ficar aqui fora. Temos fogo aceso lá dentro e o coelho que peguei está quase assado.

— E os cavalos?

— Tem um local a pouca distância, um pequeno estábulo. Vou levá-los agora para passarem a noite.

Entrou na cabana. A pequena área já estava abrigada.

Entrou em seus afazeres de colocar a mesa, localizar pratos e utensílios, enquanto Dain e Killian cuidavam dos cavalos.

Depois que tinham comido, Dain se retirou para a cama, e ela e Killian se sentaram um pouco mais, falando em voz baixa perto do fogo. Por último, também se retiraram e se deslizaram para debaixo das mantas, perto de Dain. Por um momento, se permitiu a fantasia de que esta era sua cabana, onde viviam juntos apaixonados, que se tratava de uma noite como outra qualquer, a rotina de uma casal formado.

Dain se virou para ela e a envolveu em seu abraço. Aspirou o aroma de seu cabelo e encontrou a beirada de sua camisola, alisando suas palmas para cima de seu corpo como se simplesmente tivesse que tocar sua pele. Sentiu Killian se deslizar para suas costas. Juntos, sem dizer uma palavra, ele e Dain tiraram seu vestido pela cabeça. Terminou apanhada entre os dois nua. Sua respiração começou a acelerar.

Em silêncio, suas mãos manejaram seu corpo, esfregando suas costas, seus seios e nádegas. Suas mãos os percorreram também, esbarrando nas suas. Ela passou seus dedos sobre os peitos deles e desabotoou suas camisas e calças.



— Mas — Ofegou ela enquanto Killian chupava seu mamilo — Precisamos descansar — Terminou sem ar.

Dain a arrastou para baixo e grunhiu.

— Ao diabo com descansar, te desejamos. Dain a beijou, e depois desceu para pegar um de seus mamilos em sua boca.

Killian tomou o outro e imediatamente se esqueceu do que estava protestando. Gemendo, ela passou os dedos por seus cabelos enquanto eles davam um banquete com seus seios. Suas mãos encontraram sua vagina, onde trabalharam juntos para empurrá-la mais e mais, levando-a ao êxtase e fazendo-a empapar suas mãos e os lençóis com sua excitação.

— Provar — Murmurou incoerentemente — Quero provar a ambos... Ao mesmo tempo — Deusa, se sentiu quase bêbada entre os dois.

Empurrou para cima e viu seus corpos magníficos completamente nus. Ficando na beirada da cama lado a lado, ambos os membros deliciosamente duros. Se ajoelhou na beira e tomando suas bolas em suas mãos. Com um ruído que era quase um ronronar em sua garganta, ela se inclinou e lambeu a crista de cada um de seus membros. Ambos gemeram e Moira cerrou seus olhos, saboreando seus sons de excitação e o fato que os tinha ao mesmo tempo. Ela envolveu a cabeça do membro de Dain e lambeu sobre ela e acariciou de cima até embaixo a longitude de Killian. Uma e outra vez manuseou, chupou e lambeu o eixo de um, enquanto acariciava o outro. Seus gemidos fizeram eco pela cabana, aumentando sua própria excitação.

Agarraram seu cabelo, esfregando suas costas, acariciavam seus seios, e quando podiam, cruzavam suas mãos para baixo desde suas nádegas até sua vagina. Estava tão excitada, seu sexo parecia uma inchada e enrijecida fruta madura.

Por último, Dain se separou e a montou por trás com um grunhido de antecipação. Meteu o membro de Killian em sua garganta, levando-o quase até a base, enquanto Dain agarrava seus quadris e se metia nela por trás.

Killian esfregou seus ombros e enrolou seus dedos por seu cabelo solto enquanto ela o mamava selvagememente, de acordo com sua excitação.

Dain deixou escapar um gemido enquanto se metia até as bolas dentro dela. Ele segurou seu quadril com uma mão e acariciou seu clitóris estendido e necessitado com a outra, enquanto começava a empurrar.

Moira gemeu por uma estocada em sua boca. Seus olhos quase saltaram de sua cabeça ante a deliciosa sensação do membro de Dain dentro dela e a perfeita, suave e firme maneira em que acariciava seu clitóris, quase deixando-a louca. Solto o membro de Killian, torturando-o com sua língua até que suas mãos a puxaram pelo cabelo e seus quadris empurraram para frente. Pouco a pouco estocou dentro de sua boca. Ela sentiu seu membro saltar contra sua língua e seu corpo ficou tenso. Engolindo-o, ela lutou para manter a parte posterior de sua garganta relaxada para aceitar seu tamanho, enquanto que Dain se aliviava dentro e fora dela com golpes potentes e estáveis.



Moira ficou quieta, se deleitando pela forma em que os dois homens empurravam em seu corpo. Seus gemidos e o som de sua respiração tranquila encheram o ar da cabana. Seu corpo retumbava e pulsava com a presença dos dois e a possessão que exerciam sobre ela.

Por fim, Killian gritou e o disparo desceu por sua garganta. Ela engoliu sua ejaculação instintivamente, sentindo o calor do mesmo cobrir sua garganta.

Killian tirou seu membro dela e recuou. Respirava com dificuldade e tinha um olhar aturdido, satisfeito em seus olhos. Atrás dela, Dain pegou o ritmo de seus embates, fazendo-a gemer e chamar seu nome. Em um instante, ela se encontrou de costas. Dain a montou e explodiu de novo dentro dela, um movimento possessivo que a fez gritar de assombro e arquear suas costas. Ele ficou olhando-a com o mesmo olhar consumido em seu rosto que sempre tinha quando fazia amor com ela. O que fez aumentar o ritmo cardíaco e sua respiração de capturada em sua garganta. Ele penetrou sem piedade em seu corpo com um profundo, longo e inclusive, mesmo ritmo, levantando seus quadris pra satisfazer seus golpes. O som de seu acoplamento era uma bofetada de pele contra pele.

A seu lado, Killian se estendeu entre seus corpos e acariciou seu clitóris uma e outra vez. Seu olhar fixo absorto em seu rosto. Ele usou um creme que cobria sua vagina para lubrificar seu clitóris. A carícia constante da ponta de seu dedo sobre o nó de nervos sensíveis foi mais do que podia suportar.

O mundo de Moira se destróçou. O prazer explodiu a partir de seu sexo, envolvendo-a em êxtase total. Ela jogou a cabeça para trás nos travesseiros e gritou. Por cima dela, Dain fez o mesmo.

Consumidos e mais que satisfeitos, os três desabaram sobre a cama.

Killian começou a rir.

— Por Anot, mulher — Grunhiu com voz rouca. Deixou escapar uma risadinha — Pensava que não poderíamos dormir na mesma cama sem fazer isto.

Dain a atraiu para ele e a beijou na testa.

— É muito irresistível para nós, Moira. Deveria ter se dado conta disso até agora.

Killian a atraiu para seu lado e pôs um beijo suave em seus lábios. Com os homens um de cada lado, abrigada pelo fogo e ainda mais quente por fazer amor, adormeceu.

Quando acordou de manhã, Killian estava ao seu lado na cama, mas, a pesar de que tinham dormido com seus membros entrelaçados, Dain tinha desaparecido.

Depois, além de toda razão, irritada, jogou as cobertas de lado, e rapidamente colocou um casaco, sapatos, uma capa e saiu para buscá-lo.

Ele não estava longe da cabana, olhando para baixo no rio enquanto ela fez que ele se voltasse para olhar para ela.

— Por quê? — Exigiu saber.

— Porque o que?



— Porque nunca me permitiu o prazer de despertar ao seu lado?

Ele a pegou em seus braços e a levou para trás até o tronco de uma árvore grande. Ela sufocou um grito de surpresa e ele inclinou a cabeça e a beijou profundamente, enquanto desabotoava suas calças. Guiou a sua mão para seu membro. Estava duro. No mesmo instante, a pesar de estar dolorida de suas relações sexuais, só umas horas antes, se sentiu umedecer entre suas coxas. Ele interrompeu o beijo.

— Cada vez que te vejo, te desejo, Moira. Te desejo. Nunca termina. Minha fome por você é insaciável.

Acariciou seu membro e ele gemeu.

— Isso não foi uma resposta — Disse com queixo erguido.

E ainda assim, não respondeu. Em vez disso, buscou sua capa e reuniu a suas saias até a cintura. Nem sequer sentiu frio. Encontrou sua vagina nua, e acariciou e atormentou e penetrou com seus dedos longos e magistrais até que seu creme escorria por suas coxas e havia esquecido sua pergunta.

Dain podia fazê-la despertar com um olhar. Seu toque era suficiente para fazê-la esquecer como respirar, como pensar. Ele era como uma boa bebida, que a tinha convertido em viciada. Ela não sabia como seria capaz de deixá-lo ir. Neste momento ela só queria fingir que nunca teria que fazê-lo.

Ele a pegou pelas nádegas e a levantou. Deslizou facilmente para baixo em sua ereção e a manteve apanhada entre seu corpo e a árvore. Era olho no olho, conectados com o olhar e o sexo. Era mais íntimo que qualquer coisa que jamais tinha experimentado.

— Se pudesse, gostaria de passar o resto de minha vida enterrado dentro de você — A beijou ternamente e começou a empurrar — O único lugar onde posso encontrar paz é nos seus braços.

Ela lhe devolveu o beijo, entrelaçando seus dedos pelo cabelo de sua nuca e deixou que a tomasse contra a árvore. Estocou dentro dela até que sua vagina deu espasmos e convulsões de prazer em torno de seu eixo, até que gemeu baixinho em seu ouvido e se perdeu em seu interior. Quando tudo terminou, a segurou com força, sussurrando seu nome uma e outra vez em seu ouvido.

Cerrou seus olhos e esperou fervorosamente que estivesse grávida.

Algo, qualquer coisa, que pudesse ter dele.

Capítulo 8

Porto do Paraíso se ergueu como uma cidade feita pela mão da Deusa enquanto se aproximavam do norte. Dain se sentia impressionado por ela cada vez que vinha aqui.



Torres a altos edifícios de todas as cores imagináveis de pedras se erguiam atrás das grossas muralhas da cidade. Porto do Paraíso tinha sofrido alguns danos durante a guerra, mas os cidadãos tinham reparado a maioria dos estragos, assim mal eram visíveis.

A cidade estava em uma entrada do grande oceano que rodeava Nova Ecasia em três lados. Era um território pequeno, que se encontrava na fronteira do território Sudhra e o território Nordan. Lorde Gregor e sua esposa, Lady Anaisse, fundaram a cidade, acreditando que, com a finalidade de curar a brecha entre os dois países depois da guerra Sudhraian-Nordanese, era importante para os Lordes e suas esposas governantes fazê-lo num lugar neutro.

— Oh, querida Deusa! — Exclamou Moira a sua esquerda.

— Nunca esteve aqui? — Ele perguntou.

Ela negou com a cabeça, seus olhos arregalados.

— Nunca imaginei que seria tão imenso!

Eles entraram pela porta norte. Os guardas lhes deram avisos enquanto passavam, mas saudaram a ambos, a ele e Killian. Os emblemas que levavam marcados em suas capas os marcavam por terem sido oficiais do exército de Nova Ecasia durante a guerra. Isso concedia a eles uma medida de respeito.

Eles levaram seus cavalos pelas portas e para dentro do aparente caos. O estrépito da cidade chegou aos seus ouvidos primeiro, vendedores ambulantes gritando em um esforço por vender seu pescado fresco, pastéis de carne, fitas para cabelo e outras bagatelas. Os sons de cascos de cavalos e rodas de carruagens nos paralelepípedos e o som de bate-papo e risadas completavam a cacofonia.

O cheiro do oceano perto mantinha o ar com um cheiro salubre. Se misturava com a essência da cidade, esterco de cavalo, humanidade, e fumaça das fogueiras. Era um cheiro acre que marcava a cidade distintamente como Porto do Paraíso.

Moira deteve seu cavalo no centro de tudo aquilo e olhou abertamente boquiaberta.

Killian jogou a rédea e se pôs a rir.

— Vamos, amorzinho. Devemos encontrar alojamento antes da noite.

Eles foram pelo caminho principal, passando pelas tendas de comida, modistas, ferreiros e pubs. Finalmente, deram com uma hospedaria que não parecia muito suja e que anunciava ter água e comida quente. O garoto do estábulo pegou as montarias e por meia coroa extra que Killian lhe lançou, disse que levaria suas bolsas para dentro para eles.

O interior do estabelecimento era sobretudo limpo. Um grande fogo rugiu em um canto e as mesas se alinhavam no primeiro andar do grande refeitório.

O cheiro acre da cera de uma vela, a comida cozida e os corpos sem banhar dos viajantes assaltou seus narizes quando entraram. O taberneiro, um homem corpulento de meia idade com cabelo de cor vermelho brilhante, lhes disse que tinha dois quartos livres na pousada. Eles pegaram ambos e ordenaram banhos para os três, além de comida quente enviada aos seus quartos.



Eles estavam muito felizes de escapar subindo as escadas, as chaves dos quartos na mão. Moira foi ao primeiro quarto e abriu sua porta. Ela supôs que agora que estavam no povoado, voltariam a realidade. Dain provavelmente ficaria com seu irmão. A porta se abriu e lançou um olhar, com esperança tão pateticamente triste, aos dois homens.

— Que infernos está fazendo, Dain? — Disse Kllian enquanto dava uma cotovelada a um lado, e saiu pela porta do quarto ao lado do seu. Deu uma piscada a sua direita antes de dizer — Este quarto é só meu. Encontre outro para ficar — E fechou a porta na cara de Dain.

Dain calou por um momento em frente a porta. O bloqueio se estalou na casa do outro lado. Ela não podia ver a expressão no rosto de Dain devido as sombras. A mão ainda estava na maçaneta, com a chave na mão, ela o olhou.

Depois de uma batida de coração ele se virou e caminhou para ela.

— Espero que não se importe.

Ela sacudiu sua cabeça e empurrou a porta aberta. Era um comentário estranho considerando todas as coisas que tinham feito juntos nos últimos meses, mas a cidade parecia atirar a realidade uma pausa cortante. Estar ali fez que o resto parecesse algo como um sonho... Um sonho agriado para ela.

Eles entraram num quarto decorado de maneira simples. Uma cama suficiente para duas pessoas estava em uma parede. Uma cômoda permanecia perto da parede em frente, e uma banheira grande de bronze dominava um canto. Havia uma janela que tinha uma vista para fora sobre a rua principal. O garoto entregou suas bolsas e uma serva trouxe um prato quente de carne assada com verduras e duas jarras de cerveja.

— Então, estamos aqui — Disse Dain depois de engolir um bocado — Agora o que?

Ela tomou com cuidado um gole de cerveja.

— Ainda não sei. Estava fortemente convencida de que tinha que vir aqui. Agora tenho que... Confiar que seremos guiados a ele — Ela encolheu os ombros — Ou ele a nós. Depois disso, não estou certa.

Dain ficou em silêncio. Ele continuou comendo.

— Se o encontrarmos, Dain, como se sentirá? O que fará?

Ele pôs um bocado de comida sobre o prato e se levantou. Passeou até a janela e se apoiou contra o beiral, contemplando a aglomeração de pessoas.

— Não sei — Disse em voz baixa.

Sentiu um toque suave no braço.

— Vai ... Matá-lo pelo que fez com Andreea? Por trair sua amizade e sua confiança enquanto estava na guerra?

— Não! — Disse energicamente. Quando ela se afastou dele, suavizou a voz — Não. Andreea teve uma parte tão importante a desempenhar como Cyric a teve no que passou — Fechou seus olhos e passou a mão por seu queixo sem barbear — Já tiveram muitas matanças. Não quero mais



sangue em minhas mãos. Eu disse que o mataria, mas... — Ele negou com a cabeça — Estou cansado da morte.

Acariciou sua bochecha com as costas da mão.

— Isto é o que te faz um homem real, Dain. É por isso que me... Preocupo tanto com você.

Ele pegou sua mão e a puxou para si.

— Mas nunca me confunda com um bom homem, Moira. Está bem? Nunca faça isso. Isso poderia significar sua vida.

Seus olhos se abriram, mas ele passou junto a ela. Alguém bateu na porta. Eram os servos que traziam o primeiro lote de água quente para seus banhos. Moira poderia tomar seu banho primeiro. Depois que tivesse terminado teria que puxar o tampão da parte de baixo da banheira e drenar a água, depois enchê-la de novo para ele.

Eles esperaram até que os jovens servos terminaram, então Dain a puxou para ele e a beijou com ternura. Esta mulher lhe dava paz. Era a única pessoa que tinha sido capaz de fazer isso. Com amor em cada um de seus gestos, a desnudou e a baixou dentro da banheira. Usando uma barra de sabão com essência de lavanda que tinham deixado, devotamente lavou seu cabelo e cada polegada quadrada de seu corpo. Como se a quisesse, a venerasse, a adorasse. Ele sentia todas essas coisas e mais. Lamentou que não pudesse ficar com ela. Depois de que os dois tomaram banho e que fizesse amor até que seus gritos sacudiram as paredes do quarto, ele a atraiu para si embaixo dos lençóis da cama e passou os dedos por seu cabelo. Gostava muito da sensação de seu corpo nu contra o seu.

— Amanhã temos que ir a Torre do Governo e solicitar uma audiência. Os descendentes dos Primeiros sempre tem prioridade. Eles podem saber do paradeiro de Cyric — Ele murmurou antes de adormecer.

Amanheceu com uma doce promessa de primavera no ar. Os pássaros nas árvores que salpicavam a rua de pedras gorjeavam sua satisfação com o mundo em geral.

Moira abriu a janela do quarto e aspirou o cheiro da cidade. Fazia muito calor, muito mais quente do que estava nas montanhas de Aeoli.

Só uma coisa empalideceu seu ânimo.

Quando acordou Dain tinha ido uma vez mais.

Se afastou da janela e voltou a se sentar na beirada da cama. Ela já deveria estar acostumada a isso, mas cada vez que acordava sozinha se entristecia.

Bateram na porta e se levantou para atender. Dain e Killian estavam do outro lado com caixas nas mãos. Cada um deles estava com roupa nova.

Eles a receberam com beijos e deixaram as caixas em cima da cama. Ela os seguiu curiosa.

Dain estava vestido todo de negro. Botas negras de couro para montar até os joelhos embainhavam seus pés. Sobre as botas calças bem feitas de tecido escocês de camurça macia de



aspecto caro. Levava uma camisa de tecido fino negra com laços na parte superior. Os laços de couro estavam desfeitos, dando água na boca na visão de seu peito musculoso.

Tinha amarrado seu cabelo com uma tira de couro negra.

As roupas de Killian eram quase idênticas as de seu irmão, menos as botas que eram de cor marrom e sua camisa branca.

— Acordei essa manhã e não pude dormir mais, assim eu e Killian fomos comprar roupas para você colocar para podermos fazer uma visita a Torre do Governo — Disse Dain. Jogou a parte de cima de uma caixa e tirou um delicioso vestido pronto de cor verde escuro — Tomei a liberdade de selecionar um para você. Pensei que essa cor seria melhor para você pelos seus olhos e tom de pele.

Moira levou uma mão aos lábios para evitar estender a mão e tocá-lo. Ela nunca teve nada tão fino e tão caro. Ela nunca usou nada próximo deste material sobre sua pele.

Killian tirou um espartilho verde claro que tinha pendurado pequenos sóis e luas, uma roupa de baixo de linho branco de outra caixa e um par de sandálias brancas.

— É lindo — Disse suspirando.

Dain o pôs sobre a cama.

—Não posso esperar para vê-lo em você, Moira. Vamos enviar uma serva para te ajudar a se vestir. Com esse espartilho, você precisará.

Saíram do quarto e Moira se esticou e tocou a roupa, acariciando o material macio entre seus dedos.

Alguém bateu na porta e ela saltou, surpreendida. A serva chamou a porta, e depois entrou.

Uma hora mais tarde Moira estava vestida com sua roupa decadente e seu cabelo penteado para cima. A donzela tinha deixado umas mechas soltas ao redor de seu rosto e na por trás de seu pescoço e os tinha encaracolado para suavizar a aparência. Moira agradeceu a criada por sua ajuda e desceu para se reunir com Dain e Killian.

Estavam lá fora rindo e falando com o rapaz do estábulo. Eram dois homens que não acreditavam na diferença de classes. Ela amava ambos por isso.

Killian a olhou e fez uma reverência. Ele levou sua mão a seu coração e caiu contra a parede de fora da pousada com exagero.

— Moira, você está espetacular. Temos que ir agora ou podemos subir ao quarto um pouquinho? — Ele sorriu maliciosamente.

Dain ficou olhando com um sorriso nos lábios e um olhar quente em seus olhos. Não tinha que dizer nada, em absoluto. O que pensava estava escrito em seu olhar, e ela ruborizou profundamente e olhou para outro lado.

O rapaz do estábulo levou seus cavalos e eles passearam por Porto do Paraíso até o oceano e a Torre do Governo.

Moira respirou fundo quando chegaram a parte oriental da cidade e o Oceano Álbán ficou a vista. A sua esquerda e a direita bulia a cidade em toda sua ruidosa e fragrante beleza.



Diretamente em frente a ela, passando no fim do caminho e uma praia arenosa, descansavam as tranquilas águas azul esverdeadas do mar. Ela nunca tinha visto tanta água antes. Seus dedos se curvaram mais estreitamente nas rédeas de sua montaria.

— É tão lindo — Murmurou.

Dain olhou para ela.

— Talvez, quando isto terminar e seus ataques tenham se curado, poderemos ir.

Ela lhe deu um sorriso tenso. As palavras estavam bem, o sentimento era bonito, mas a dúvida e o medo brilhavam claramente em seus olhos e esfriaram seu coração em vez de esquentá-lo. Quando isto terminasse, ela voltaria para casa a seu pequeno lar no bosque e Dain voltaria a ser um ermitão em seu castelo.

E seu coração estaria destruído além de toda esperança de reparação. Uns momentos depois, Killian e Dain a levaram para a esquerda, por uma rua cheia de lojas caras de bolos, chocolaterias e roupas finas.

Em frente a ela estava uma alta torre branca com uma cúpula dourada.

— É a Torre do Governo? — Perguntou ela.

Killian se virou para ela.

— A única. Aí é onde o Conselho de Ministros e o Grande Senhor Eleito disputam... Er, *discutem* assuntos de estado para os três territórios.

— Quem nos ajudará? — Antes que ela soubesse que Dain e Killian viriam com ela, tinha pensado em chegar a Torre do Governo para pedir ajuda. Agora que ela viu a imponente estrutura e a entrada altamente vigiada, se encheu de gratidão que tivessem chegado tão longe.

— Os filhos e filhas mágicos dos Primeiros Filhos são sempre bem vindos aí e Dain e eu conhecemos a vários dos ministros pessoalmente.

Killian clareou a garganta.

— Todo mundo se surpreendeu pela aparição de Dain na cidade.

Moirá nem sequer tinha pensado nisso. Depois de ter passado tanto tempo com Dain, tinha esquecido o que o resto do mundo acreditava dele, o que tinha acreditado dele muito tempo atrás. Sem dúvida, os que sabiam quem era ele o olhavam de esguelha, talvez o temessem.

Chegaram as portas e Killian murmurou umas palavras aos quatro guardas que vigiavam a entrada da Torre. Todos eles olharam a Dain antes de permitir entrada deles.

Atravessaram as portas e um jardim bem cuidado, que os levou por um caminho de paralelepípedos alinhados com flores. No final, numa plataforma circular grande, se elevava uma fonte com uma estátua de Lorde Gregor e Lady Anaisse, os fundadores de Porto do Paraíso e os arquitetos do atual sistema de governo.

Mãos estáveis saíram correndo e pegaram seus cavalos, e ela, Killian e Dain entraram pelas grandes portas de madeira entalhada que conduziam ao vestíbulo de mármore e cristal da Torre.

Um homem vestido com uma túnica de seda verde e dourado se levantou de onde estava sentado atrás de uma grande mesa de vidro e se aproximou deles.



— Boa tarde, senhores — Inclinou a cabeça para Moira — Minha Senhora. Em que posso servi-los?

Dain se adiantou.

— Sou Dain d’Ange — Os olhos do homem se arregalaram ao ouvir seu nome. Seu corpo estava notavelmente mais rígido. Dain continuou como se tudo fosse absolutamente normal, como se um dos mais misteriosos e perigosos homens de Nova Ecasia não acabasse de entrar na Torre do Governo. Dain se virou para ela e Killian — Este é meu irmão, Killian d’Ange, e esta é Moira ki Sienne, chamada assim por seu antepassado direto. Viemos com a esperança de obter uma audiência particular com o Ministro Barrow ou a Ministra Christo.

O homem levantou uma sobrancelha cinza.

— É sobre...?

— Bom, isso é particular. Barrow e Christo são amigos pessoais de nosso pai. Estou certo de que qualquer um deles estaria disposto a gastar cinco minutos de seu tempo para falar conosco.

O homem vacilou, arrastando seu olhar de cima abaixo em Dain e fazendo caretas ligeiramente. Por fim deu a volta.

— Verei o que posso fazer — Disse enquanto saía do vestíbulo.

Dain se voltou para eles, as sobrancelhas arqueadas.

— Vejo que minha reputação me precede.

Ficaram na porta de entrada por um longo tempo, olhando o ir e vir das pessoas. Moira teve ânimo de dizer ao mordomo da entrada congestionada que instalasse umas cadeiras. Finalmente, as portas duplas no extremo oposto se abriram e uma mulher alta caminhou por elas. Era alta e magra, com o cabelo de cor cinza preso num coque. A longa túnica branca de um Ministro do Governo a envolvia.

Um grande sorriso iluminou seu rosto de traços finos.

— Killian, Dain! Passou um longo tempo — Disse a mulher enquanto se aproximava com a mão estendida.

Dain apertou a mão da mulher e a puxou para um abraço.

— Ministra Christo. — Dain saudou.

— Ministra? — Exclamou a mulher com um riso leve — Nunca servi a vocês dois. Dain, é tão bom te ver longe daquele castelo — Se virou para Killian e o saudou com o mesmo entusiasmo.

— Christo, esta é Moira, ela é uma feiticeira descendente direta de Lady Sienne — Killian apresentou.

Christo pegou sua mão e a apertou com carinho. Moira gostou dela nesse instante.

— Estou encantada de te conhecer — Disse Christo — Agora vamos entrar em meu escritório. Só tenho uns minutos entre minhas reuniões. O trabalho de um ministro nunca termina, temo.



Eles seguiram Christo pelas portas duplas e uma sala redonda enorme onde os ministros e seus secretários se dedicavam a conversa, os debates as vezes esquentavam, com outros homens e mulheres que estavam vestidos com caras túnicas e vestidos formais.

Christo se virou para ela, marcando seus olhares inquisitivos.

— Os ministros tomam o conselho de seus representantes regionais em uma variedade de assuntos entre as reuniões de governo — Ela explicou.

O estrondo encheu o salão, o que dificultou a Moira ouvir Christo.

Christo os levou rodeando a sala redonda e saíram por uma das muitas portas que Moira podia ver. Logo que a pesada porta entalhada se fechou as suas costas, o som se deteve completamente. Tudo ficou em silêncio.

Seus passos ressoaram pelo corredor enquanto Christo os levava por mais portas e um conjunto de mesinhas com vasos de flores frescas. Finalmente chegaram a uma porta entalhada com a imagem de um homem com grandes asas.

— Você é uma Ministra de Aeolian! — Exclamou Moira.

Christo abriu a porta e os fez entrar em seu escritório.

— Um dos cinco atribuídos ao território.

Entraram no escritório com painéis de madeira e Christo se virou para eles.

— Portanto, para ele ter te trazido aqui é sem dúvida porque veio me pedir em particular. Deve ser importante para ter trazido Dain a Porto do Paraíso — Ela se sentou na beira de uma grande escrivaninha de mármore — O que é que precisa?

— Esperávamos que soubesse do paradeiro de Lord Cyric H'valric — Disse Dain sem preâmbulos.

Christo se endureceu visivelmente.

— Bom, de todas as coisas que poderia ter me pedido, nunca pensei nisso — Fez uma pausa e franziu os lábios — Porque me pergunta isso, Dain?

— Ele não pede para si mesmo, Ministra Christo. Ele pergunta em meu nome — Interrompeu Moira — Eu sou a que deseja encontrar a Cyric, não Killian ou Dain.

Christo voltou seus olhos azuis em direção a Moira.

— E por quê?

— Eu sou uma feiticeira, abençoada com uma pequena quantidade de capacidade de premonição. As vezes posso sentir o que está no futuro, e as vezes tenho visões. Faz um tempo, estive tendo visões de Lord Cyric e de Lord Dain. São acompanhadas de dores de cabeça intensas e as vezes me fazem desmaiar. Quando procurei Dain, deixei de ter ataques quando ele apareceu — Fez uma pausa.

— Mas ainda as tem com Cyric e sente necessidade de procurá-lo por alguma razão — Concluiu Christo por ela.

— Sim.

Christo voltou a olhar para Dain.



— O problema é que Dain pode desejar matar a Cyric.

Moira viu os músculos na mandíbula de Dain trabalharem. Sua coluna enrijeceu. Era evidente o quanto a viagem tinha custado a ele.

— Pensei que não acreditasse que Dain fosse capaz de assassinar — Disse Killian em voz baixa — Achei que nunca acreditou que Dain matou Andreea.

— Não acredito — Respondeu Christo.

— Então qual é o problema? — Perguntou Killian.

Christo se levantou da beirada da mesa e se aproximou de uma parede com vários documentos emoldurados.

— Não creio que Dain tenha matado Andreea. Ele a amava. Conheci Dain desde que ele era uma criança e ele não tem o crime dentro de seu coração. Não tenho dúvida disso. Nem sequer a guerra teria modificado isso. Nem sequer se tivesse a magia negra dentro de si — Ela atravessou a Dain com um olhar duro — Não importa que Dain fale em contrário. Há alguma outra explicação para o sucedido. Como recordará, lutei pra libertar Dain depois do incidente por falta de provas.

— Lembro muito bem disso, Christo — Disse Dain — Eu e minha família agradecemos por isso.

Christo virou para ele.

— Sem dúvida Dain não ama Cyric, é certo dizê-lo. Qualquer um pode ir longe e dizer que Cyric é responsável por toda a aflição na vida de Dain. Portanto, existe a possibilidade que queira se vingar.

— Não quero estar no mesmo lugar que Cyric, Christo — Disse Dain baixinho — Eu não quero nem respirar o mesmo ar que ele. Estou fazendo isto por Moira. Simples assim. Não tenho nenhuma intenção de tocá-lo, sequer... — Mordeu o final da frase quando percebeu que com sua magia não teria necessidade de tocá-lo.

Christo se virou para Moira com um sorrisinho nos lábios e um olhar especulativo nos olhos.

— Bom, bom — Murmurou quase para si mesma. Continuando mais forte — Bem. Que assim seja. Eu sei onde está Cyric. Dain, por favor, saia da sala.

— Por quê? — Perguntou Killian.

Christo encolheu os ombros.

— Se decidir compartilhar a informação que estou a ponto de dar a Dain depois, não tenho controle sobre isso. Eu simplesmente não quero ser responsável por informar a ele.

— Vou sair — Disse Dain. Se virou e saiu da sala.

Christo esperou até que Dain fechasse a porta atrás dele antes de falar.

— Encontrarão Cyric na cidade de Sarar, Sudhra. Se encontra na ponta mais meridional do território. É longe, são mais ou menos oito dias de viagem desde Porto do Paraíso. Não é uma cidade grande. Não terão problemas para localizá-lo assim que cheguem — Ela pegou suas mãos — Não recomendo contar a Dain, e eu os advirto sobre levá-lo com vocês.

Killian bufou.



— Como se pudéssemos impedi-lo — Olhou para Moira — Ela precisa encontrá-lo e não há maneira possível que Dain permita que faça por sua conta.

Christo dedicou um sorriso lento.

— Sim, entendo que se preocupe por ela. É bastante evidente na maneira em que olha para ela. Isto é muito bom.

Moira sacudiu a cabeça negando.

— Está errada.

Christo se pôs a rir.

— Não creio.

A porta se abriu e um jovem meteu a cabeça dentro da sala.

— Ministra Christo, a reunião agrícola está começando.

Christo assentiu com a cabeça .

— Tenho que ir agora. Boa sorte.

— Obrigada, Ministra Christo — Disse Moira de coração.

— Obrigado — Disse Killian.

— O prazer foi meu... E uma leve apreensão — Ela se moveu para a porta — Não seja um forasteiro, Killian, e dê minhas saudações a Dain.

A seguiram pela porta e olharam enquanto ia. Dain se uniu a eles momentos depois de que Christo desaparecesse de novo pela porta no final do corredor.

— Onde vamos? — Dain perguntou com uma voz plana.

Killian e Moira trocaram um olhar.

— Sudhra — Disse Killian.

Uma vez de volta ao hotel, ordenaram que subissem com a refeição, e comeram no quarto de Mora e Dain. Todos pareciam tão aliviados por finalmente saberem onde encontrar a Cyric, e na borda também.

Dain comia em silêncio, com uma expressão intensa em seu rosto, que parecia centrado sobretudo nela.

Ela tomou um gole de vinho e olhou para ele, ao ver seus lábios na borda do copo e sua garganta engolir. Deusa, só seu quente olhar, predador, podia fazer seu sexo umedecer.

— Está bem? — Perguntou olhando para baixo.

Ele se levantou sem dizer uma palavra e pegou sua mão, fazendo-a se levantar.

Killian atraiu seu olhar como Dain a atraiu para si e esmagou sua boca na dela. Ela cerrou seus olhos diante a investida de sua boca e sentiu a Killian nas suas costas, suas mãos percorrendo seu corpo .



Ela se arqueou, desfrutando da sensação das quatro mãos dos homens possessivos sobre seu corpo. Dain inclinou a cabeça e suavemente mordeu o terno lugar onde seu pescoço se une ao ombro, enviando calafrios por seu corpo, sentindo seus músculos, e encontrou seu membro através das calças. Ele estava duro para ela.

O único som era de suas respirações e o roçar da roupa dela se soltando. Ficou nua diante eles, seus seios cheios e mamilos excitados. Ela se agarrou a camisa de Killian, mas ele a deteve. Juntos, ele e Dain, a levaram até a cama e recostaram. Cada um deles foi a um lado oposto dela, suas mãos a exploraram.

Ela tentou se virar para Dain, mas ele a impediu. Apertou suas duas mãos sobre sua cabeça no colchão e ficou olhando-a nos olhos.

— Está amarrada e incapaz de se mover, Moira. Não pode ver ou sentir as cordas, mas estão aí.

Mordeu os lábios e assentiu. Killian arrastou seus dedos até seu quente e inchado sexo, e seus olhos giraram para trás. Sua vagina estava gordinha e volumosa. Ela estava molhada para os dois e seu clitóris excitado e ansioso.

Killian separou seu traseiro e o manteve ali a força até os joelhos, assim ela estava estendida por completo e exposta. Se meteu entre elas e ela sentiu seu fôlego quente banhar sua vagina. Killian gemia baixo em sua garganta ao mesmo tempo que a lambia do ânus a seu clitóris, uma e outra vez, em movimentos que nublavam sua mente. Moira arqueou as costas ao sentir sua investigadora língua torturando a excitada carne de seu sexo. Seu clitóris cresceu e saiu do seu capuz.

A cabeça de Dain baixou primeiro a sua boca para um beijo possessivo, que ela retribuiu com desespero, então abaixou e afundou um de seus mamilos entre os lábios e o chupou e umedeceu. Moira cerrou os olhos e ofegou de prazer ao ter estes dois homens, única e completamente enfocados em seu corpo. Para ela não havia sensação melhor que a que tinha neste momento.

A mão de Dain foi para baixo, roçando os pelos de seu sexo. Seus dedos tropeçaram com os de Killian, enquanto cada um lhe dava prazer. Dain esfregou seus dedos em volta de seu clitóris enquanto Killian chupava os lábios e trespassava sua língua dentro dela.

Hoje eles não estavam torturando-a deliberadamente retendo seu clímax. Hoje estavam focados completamente no assunto em questão. Moira se retorcia e arqueava as costas enquanto gozava de maneira explosiva para eles.

Killian empurrou os dedos dentro dela enquanto Dain torturava incessantemente seu clitóris e o primeiro orgasmo rodou em seguida veio o segundo.

Seu corpo zumbia, ela se arqueou, incapaz de aguentar mais.

— Por favor — Estava a ponto de soluçar — Preciso sentir os dois — Estava chegando ao ponto em que necessitava seus toques tanto como necessitava ar para respirar.

Mantendo seus olhares sobre ela, ambos, Dain e Killian, ficaram nus. A cada peça de roupa que caía a um lado, Moira se sentia mais necessitada.



Dain a apertou contra ele e a beijou. Passou suas mãos sobre seu corpo com avidez, atormentando seus mamilos e arrastando seus dedos por seu sexo, empurrando-a novamente a borda da navalha do clímax. Atrás dela, Killian pressionou seu corpo contra o dela, aprofundando as mãos por entre as bochechas de seu traseiro torturando seu ânus, e deixando beijos no ombros e por trás do pescoço.

Moira gemia baixinho e girou de frente a Killian. Ela lhe deu um beijo forte e profundo, agressivo, provocou com sua língua para testá-lo. Ele interrompeu o beijo e arqueou as costas com um grito de assombro quando ela descobriu seu membro e o bombeou.

Moira mordeu e lambeu seu caminho pelo magnífico corpo de Killian e levou seu precioso órgão a boca. Seu fôlego silvou fora dele no momento do contato e enterrou as mãos em seu cabelo, seu corpo todo tenso. Ela girava a língua ao redor da cabeça lisa, cerrando os olhos. A encantava tomar a estes dois homens na boca tanto quanto amava lambê-los. Por trás dela Dain correu seus dedos em sua vagina e torturou seu clitóris de um lado a outro com a ponta do dedo. Abriu seus lábios e cravou sua língua dentro dela, fazendo-a perder o ritmo sobre o pênis de Killian e gemer ao seu redor.

De repente, ela foi arrastada para trás contra o peito de Dain. A empurrou contra ele e separou suas coxas, estendendo-a como se fosse uma refeição para Killian. Killian se ergueu entre suas pernas, olhando com avidez sua vagina inchada, gotejante.

— Tome-a — Ofegou Dain em voz baixa — Quero ver fodendo-a até que goze.

Sua voz retumbava em seu peito e nas costas dela, fazendo-a tremer e ter calafrios de necessidade.

Killian se levantou em suas mãos e joelhos, seus olhos escuros de paixão. Ele passou um dedo tentadoramente sobre seu sexo e Moira gemeu .

— Me quer aqui? — Perguntou, sustentando seu olhar no dela. Meteu um dedo dentro de sua vagina e o levou pra dentro e pra fora, até que ela estremeceu.

— Sim — Ela ofegou.

Ele esfregou os dedos ao redor da entrada que parecia abrir e fechar com avidez ao seu toque. Graças a Deus, ele guiou seu membro para dentro. Killian jogou a cabeça para trás com um gemido quando se colocou profundamente dentro dela. Moira arqueou a coluna pela sensação de tê-lo. Ele era muito parecido com seu irmão em todos os aspectos, ainda que Killian fosse um pouco mais longo enquanto que Dain era mais grosso.

Dain meteu as mãos para acariciar seus seios e girar seus mamilos entre os dedos. Tinha o peito quente contra suas costas e seu membro duro apunhalando na parte baixa de suas costas.

— É bom, Moira? — Perguntou perto do ouvido, enviando calafrios por suas costas — Te enche completamente?

— Sim — Murmurou ela febrilmente.

Killian estabeleceu um ritmo lento e fácil, se metendo nela com movimentos longos e constantes. Moira se retorceu e moveu a cabeça sob o erotismo de ter Dain abraçando-a



enquanto Killian a tomava. Isso a fez quase insensível da emoção. Dain alisou a mão por seu corpo e brincou com seus seios e mamilos, todo o tempo murmurando em seu ouvido o quanto ela o deixava excitado. Killian aumentou o ritmo, mexendo seus quadris com força e abrindo-a para a base de seu membro a cada golpe. Moira gozou gritando nos braços de Dain enquanto ele a mantinha perto.

— Sim, isso, amor — Murmurou Dain — Me encanta te ver gozar.

Se agarrou nas pernas de Dain, incapaz de responder nos últimos estertores do clímax. Moira sentiu que os músculos de sua vagina aprisionavam o eixo de Killian apertadamente, ordenhando-o. Killian empurrou profundamente nela uma última vez e gemeu enquanto se liberava em seu interior.

Logo que os tremores passaram se recostou tremendo no grande corpo de Killian, Dain saiu debaixo dela e pegou algo nos alforjes. Quando voltou, ela sabia o que queria. Ela ficou de joelhos e se ofereceu a ele, o desejo esquentava seu sangue diante a ideia de Dain dentro dela. Ela o tomaria da maneira que ele quisesse. A única coisa que queria era manter uma relação íntima com ele durante o maior tempo possível. Killian caiu a seu lado, arfando. Brincava distraidamente com seu peito, torturando seu mamilo ao mesmo tempo que Dain se cobria com óleo e acomodava a cabeça de seu membro em seu ânus. Ela ficou tensa, como sempre ficava.

Dain estendeu a mão e suavemente alisou o cabelo solto em seu pescoço.

— Calma. Sabe que vai gostar — Murmurou.

Sim, sabia que o faria.

Mordeu o lábio enquanto ele empurrava a coroa sedosa, passou o anel apertado de nervos e ela fechou os olhos. Killian olhava enquanto o desejo aflorou a seu rosto e acariciou seus seios sem descanso. Dain começou a acariciar seu corpo. Ela se retorcia embaixo dele, fazendo-a retroceder para ele para que fosse mais longe nela. Ele deixou escapar um profundo gemido, e apertou as mãos em seus quadris para segurá-la no lugar. Com seu forte aperto ele se conduziu dentro dela, fazendo-a gritar de assombro e arranhar os lençóis. Killian passou as mãos por seu corpo enquanto Dain a empurrava mais e mais perto do clímax. Brincava com seus mamilos e acariciava com a ponta do dedo seu clitóris inchado. Quando Moira gozou estava em um frenesi de gritos. Ela resistiu embaixo dele e chamou o nome de Dain e Dain perdeu o controle. Ele empurrou mais dentro dela e gozou.

Ofegando, brilhando de suor e saciada além de toda crença possível, Moira se derrubou na cama. Cerrou os olhos, sentindo os panos frios em seu corpo, enquanto eles a limpavam, então a dura, quente pressão de seus corpos, um a cada lado dela.

Dain a atraiu para si e a beijou na testa. Killian se acomodou em suas costas. Moira adormeceu envolvida numa alegria profunda, seu corpo e coração se sentiam muito queridos.

Como poderia deixar isto?

Mas o final estava perto. Podia senti-lo.



Capítulo 9

Dain esteve em muitas ocasiões em Sudhra e cada vez gostava menos.

Quando Sudhra foi uma nação soberana em vez de território de Nova Ecasia, tinham sido muito intolerantes com qualquer um que não fosse leal no culto ao Deus Anot. Suas opiniões sobre o sexo eram primitivas. Um homem poderia cometer adultério, mas uma mulher que cometesse adultério era castigada com a morte. Embora houvesse uma crescente operação de escravidão sexual no país que todos sabiam mas ninguém estava disposto a reconhecer abertamente.

Consideravam as mulheres como propriedade, sem direito a falar como faziam antes. As mulheres da nobreza tinham mais facilidades, mas as de berço humilde, as mulheres que compunham a imensa maioria da parte feminina da população, suas vidas deviam ser algo infernal.

O eco dessa cultura persistiu. Deixou um rastro indelével no país de modo que inclusive cem anos mais tarde o aspecto das formas anteriores ainda corrompiam a terra. Apesar de que agora as mulheres tinham os mesmos direitos dos homens em Sudhra, continuava existindo uma enjoativa e asfixiante sensação de desigualdade.

A cidade de Sarar era pequena e especialmente enjoativa. Mas ainda assim, Dain podia sentir Cyric aqui. Se aproximou da janela do pequeno quarto que compartilhava com Moira e puxou as cortinas de linho cinza de lado, para olhar o mercadinho na rua.

Tinha que ser sua imaginação. Simplesmente estava ansioso diante a perspectiva de rever Cyric. Sem dúvida que era a causa da sensação de sua raiva se deslizando sob sua pele como um gato selvagem tentando sair de sua jaula. Não podia permitir isso, mas parecia uma batalha constante, já que tinha chegado a mantê-lo comprimido, amarrado em seu interior.

Sua raiva queria liberdade. *Concentre-se.*

Moira pôs sua mão na parte de baixo de seu braço, o surpreendendo.

— Odeio este lugar — Murmurou — É tão incrivelmente quente. Parece em pleno verão quando deveria ser primavera.

Ela se apoiou nele e olhou a rua poeirenta, onde os comerciantes se instalavam por mais um dia de mercado.

— Passamos por uma mudança drástica de clima durante nossa viagem, é verdade.

Para Dain, parecia que o clima tinha mudado durante a noite. Neste extremo sul fazia calor, muito calor para seu sangue Aeolian do norte. As flores floresciam em abundância aqui, perfumando o ar com uma doçura que parecia tão fora de lugar quanto seus sentimentos.

Se aproximou e beijou a Moira no topo da cabeça. O cheiro de seu corpo instantaneamente o deixou duro. *“Deusa, como o afetava essa mulher”*. Ele se preocupava por ela... Profundamente.

Lamentou não poder ficar com ela. Assim eram as coisas, eles enfrentariam a Cyric e depois se separariam. Era a única maneira que poderia ser. Dain só queria salvá-la dos ataques psíquicos.



Na árdua viagem a este lugar, teve três deles. Cada um esteve perto de parar seu coração. Parecia que quanto mais perto se acercavam de Cyric pior ficava.

Talvez quando isto terminasse e Moira estivesse livre dos ataques, livre de continuar sua vida, ela e Killian seriam capazes de encontrar a felicidade juntos. Dain sabia que cada um se preocupava com o outro, e quem sabe se o cuidado um dia se transformasse em amor. O coração de Dain se apertou ante a ideia de perdê-la. Como se isso matasse uma parte de sua alma. Não tinha outra opção, sem dúvida. Ele era um homem muito perigoso para ela ficar com ele, e se tivesse que perdê-la para alguém, seria melhor seu próprio irmão. Dain sabia que Killian a trataria da maneira que Moira merecia ser tratada.

Ela se virou e afundou o rosto em seu peito.

— Não posso ter suficiente de você, Dain — Sussurrou. *“Ah, ela lia sua mente”*. Ele não se cansava dela, tampouco. Cerrou os olhos um instante por causa da dor aguda que lacerou pelo seu corpo pelo pensamento de sua perda.

— Agradeço por vir comigo. Sei o quanto é difícil pra você — Continuou.

Se ela soubesse por quê.

Dain inclinou sua cabeça para a dela e a beijou. Seus lábios pareciam tão lisos e macios em sua boca. Sua língua contra a sua o deixou duro. O sabor dela disparou seu sangue. Ele empurrou contra seu estômago, fazendo-a sentir exatamente o que ela fazia, e ela deslizou sua mão entre seus corpos para esfregar seu pênis, fazendo-o gemer. Os dois estavam esgotados pela intensa viagem. Tinham chegado a noite anterior e tinham alugado quartos de imediato em uma pousada do centro. Ele, Killian e Moira tinham chegado tarde para a ceia e compartilharam uma garrafa de vinho caro de cor vermelha celebrando sua chegada. Killian tinha bebido além da conta. Tinham dormido profundamente a noite passada, mas estavam se recuperando da celebração da noite anterior.

De todos os modos, ele a queria como sempre a queria, e parecia que ela se sentia do mesmo modo. Ela liberou seu eixo já duro de suas calças e acariciou sua dobra para baixo. Dain enrolou suas mãos em seu cabelo macio e a atraiu para sua boca para outro beijo. Ficou faminta, entrelaçando sua língua na dele, enviando ondas de excitação por sua coluna. Seus dedos dançavam sobre seu membro, com habilidade para encontrar os pontos chave que possuía. Tinham chegado a conhecer o corpo do outro em seu caminho de amantes nos últimos dois meses.

Dando-lhe um olhar malicioso, se deixou cair de joelhos e lambeu em volta da cabeça de seu eixo. Seus quadris foram para frente e deixou escapar um sibilo entre os dentes apertados. Moira o levou a boca sem nenhum preâmbulo e aspirou, deixando que a cabeça de seu membro se deslizesse para as amígdalas e garganta.

Dain inclinou sua cabeça para trás e gemeu. Apertou suas mãos nos ombros dela. Cavou e massageou suas bolas com uma mão, enquanto com a outra trabalhava na base de seu eixo levando dentro e fora de sua boca numa velocidade cada vez maior, deixando a cabeça de seu



membro deslizar em sua garganta apertada. O calor de sua boca o deixou louco de necessidade de se enterrar profundamente até as bolas em sua doce vagina.

O tirou de sua boca e passou a língua exatamente embaixo da cabeça de seu membro, lambeu e chupou no lugar exato embaixo dela, onde era mais sensível.

O corpo de Dain ficou tenso, seus dedos se enrolaram nos cabelos na parte detrás de sua cabeça. Seus quadris se adiantaram para meter seu membro em sua boca uma vez mais, sem poder se conter. Lançou um olhar ardente para ele enquanto brincava com a ponta da língua.

E isso foi tudo. Isso foi tudo que pode controlar.

Ele se balançou e a sentou na beira da mesa mais perto, estendendo-se de pé entre suas pernas. A beijou e depois apertou sua testa na sua.

— É uma bruxa, minha pequena. Me tenta além de todo o controle possível.

Ela sorriu.

— Esse era meu objetivo, Dain.

Ele a atraiu para ele, posicionando-a para que seu centro ficasse na beira da mesa e as pernas caíssem pelos dois lados de seus quadris. Subiu a saia de sua camisola até seus quadris. A ação brusca apagou o sorriso de seu rosto. Sua vagina roçou seu pênis, e gemeu e mexeu seus quadris, tentando conseguir um pouco de fricção. Ele deslizou sua mão entre seus corpos e esfregou seu clitóris com a ponta do dedo índice. Isso o inchou e despertou.

Ele deixou escapar uma risada.

— Ansiosa, não é verdade?

— Por você, sempre — Disse ela com um grito afogado.

Ele tirou sua camisola pela cabeça e jogou ao chão. Seus mamilos sobressaíam de seus seios exuberantes, como pequenas cerejas. Cada vez que ele via sua nudez, sua beleza fazia seu coração saltar de golpe. Agarrou seus seios com a palma de sua mão lambendo cada mamilo excitado por vez, até que ela gemeu por ele.

— Apoia suas mãos atrás de você na mesa, para que seus lindos seios nus fiquem descobertos para mim.

Ele recuou e bebeu se enchendo da visão dela. Nesta posição, seus seios foram empurrados para frente, em um erótico oferecimento. Seu sexo estava excitado, cheio e úmido com seu creme fazendo-o brilhar.

— Como se sente agora, Moira? — Perguntou em voz baixa.

Sua respiração veio rapidamente.

— Excitada, vulnerável... Impaciente.

Ele deu outra risada baixa e se aproximou dela. Sua mão foi a sua vagina, deslizando seus dedos sobre e ao redor das dobras polidas de seus lábios vaginais, usando a umidade para banhar seu clitóris inchado. Seu dedo se deslizou pelo nó de nervos excitados e cresceu mais em virtude de seu trabalho. Ela gemia e movia seus quadris para frente, como se estivesse buscando algo que a enchesse.



Dain meteu seu dedo jogando lentamente e o escorregou em sua fatia quente, firmemente apertada. Um gemido selvagem soou desgarrado da garganta de Moira e suas costas se arquearam. Acrescentou um segundo dedo, que estendeu ainda mais seus músculos, e empurrou dentro e fora dela.

— Oh, Doce Deusa! — Sussurro, cerrando os olhos — Sabe exatamente o que eu gosto, Dain. Ele grunhiu baixo.

— Como isso? — Ele encontrou o ponto de prazer e esfregou com as pontas dos dedos — Você gosta disso?

Moira resistiu e gemeu baixo na influência de seus dedos que trabalhavam nela. Seu polegar foi a seu clitóris em círculos em redor e redor. Ela chegou ao clímax longo e duro. Seus músculos se apertaram ao redor dos dedos dele e gritou seu nome.

Ele retirou a mão e pôs seu membro em sua entrada.

— Meu nome soa tão doce em seus lábios, Moira — Ronronou ele.

Ela empurrou seus quadris para frente ainda que a ponta mal tivesse entrado e balançou seus quadris.

— Por favor, Dain. Me dê mais — Sussurrou com voz rouca.

Pouco a pouco ele entrou, sentindo sua macia, e quente vagina encerrando seu membro como uma luva perfeitamente encaixada. Finalmente, se encaixou em seu interior até a base de seu membro.

— Você é a mais apertada, sedosa mulher que já senti ao redor de meu membro, Moira — Disse estremecendo. Baixando sua boca ao seu seio com um grunhido, ele tomou um mamilo na boca e o lambeu com a sua língua. Ao mesmo tempo, ele pressionou as mãos em suas nádegas e começou a empurrar dentro e fora dela.

Moira chegou a seu clímax de novo e seus músculos vaginais ao redor de sua longitude se convulsionaram, fazendo Dain gemer em volta de seu mamilo. Ele bombeou nela sem descanso mais duro e mais rápido até que Moira foi penetrada completamente. A empurrou a outro orgasmo, e gozou com um bramido, banhando o interior de seu ventre com sua semente. O prazer envolveu seu corpo, levando-o mais e mais alto.

Ele se agarrou a ela e afundou seu rosto em sua garganta para respirar o doce aroma de sua pele. As ondas do clímax o aliviaram, deixando-o relaxado e satisfeito.

Moira o envolveu com seus braços e ficaram conectados pela pélvis. Juntos, se agarraram, respirando com dificuldade, Dain fechou seus olhos e desfrutou da sensação dela ao redor e contra seu corpo. O cheiro dela no nariz, e o som de sua respiração agitada e suave em seus ouvidos.

Levantou a cabeça e a beijou longamente.

— Te amo, Moira — Murmurou.

O corpo dela ficou rígido.



As palavras tinham saído de sua boca sem perceber. Ele não se arrependia de tê-las dito. Era certo. Amava a Moira mais que havia amado a qualquer mulher.

— Dain — Murmurou de novo — Eu também te amo. Deusa — Sua voz se partiu — Muito.

Ele pôs uma mão em sua bochecha. *Como desejava ficar com ela.*

—Te amo Moira, com todo meu ser, mas deve saber que...

Ela negou com a cabeça.

— Não vamos falar disso agora, Dain. Podemos... Podemos pretender por um dia que não tem nada que se interponha entre nós?

Ficou olhando para ela. Um dia iria explicar que era porque a amava que não podiam ficar juntos... Mas não hoje. Hoje Moira poderia ter qualquer coisa que ela desejasse.

Alguém bateu na porta. Pegou a camisola de Moira e ela a deslizou pela cabeça enquanto ele subia suas calças.

— Entre — Disse Dain.

Killian botou a cabeça no quarto.

— Vocês dois são o suficientes barulhentos para despertar toda a pousada — Se queixou.

Dain se pôs a rir.

— Muito vinho a noite passada, Killian?

Killian só se despediu com a mão.

— Vou voltar para a cama — Grunhiu enquanto fechava a porta.

Moira apertou a mão de Dain, feliz de estar simplesmente tocando-o. Hoje eles poderiam desfrutar dessa pequena cidade e se recuperar de sua viagem tão dura desde Porto do Paraíso. Se ela visse um mapa de Nova Ecasia, poderia encontrar Aeoli em seu extremo mais ao norte e esta cidade em seu extremo sul. Era como se Cyric tivesse ido tão longe como pode sem sair do país para escapar de Dain.

Perdida em seus pensamentos, se deteve diante de um comerciante de joias e examinou um pingente de prata que representava uma coruja com as asas abertas. Ela se lembrava das vezes que tinha visto Dain descer da torre do castelo em Aeodan com suas asas de coruja nevada imensas. Ela alisou seu polegar sobre ele, sorrindo ao recordar.

Antes que sequer percebesse, ele tinha feito. Dain tinha comprado o colar e colocou em volta de sua garganta.

— Dain — Disse, assinalando-o com encanto — Eu vi a etiqueta. É muito caro...

— Shhh — Pegou sua mão e se misturaram na multidão. — Ficou lindo em você.

Compraram um par de bolos de frutas e mordiscaram enquanto caminhavam pelo mercado examinando as mercadorias. Pela primeira vez em muito tempo, Moira relaxou.

Ela se permitiu sentir felicidade e satisfação, sem pensar no futuro. Ela deslizou sua mão na de Dain, e sorriu. Ele devolveu o sorriso e se inclinou para dar um beijinho nos lábios. O beijo de



um casal acostumado a se tocar, a compartilhar seus corpos. Um beijo singelo de amor compartilhado.

A emoção fechou sua garganta. A alegria inchou seu peito.

Foi quando sentiu o puxão psíquico.

Se deteve no meio da avenida, fazendo parte da multidão que fluía ao seu redor. Dain se desviou para um lado para examinar alguns punhais de prata. Moira sentiu o puxão de novo. Desta vez um brilho do rosto de Cyric o acompanhava. *“Poderia ser que ele estivesse no mercado em algum lugar?”*

Mordeu o lábio inferior, olhando para Dain. Ele estava ocupado negociando o preço de um punhal e a bainha da cintura, provavelmente para substituir o seu. Ele tinha mencionado que queria comprar quando saíram essa manhã.

Se tratasse de Cyric de alguma maneira puxando por ela agora, seria melhor que Dain não o encontrasse. Ela sentia que deveria manter Dain fora dessa situação tanto quanto fosse possível. Compreendia bem que ele não queria saber nada de Cyric H’valvric.

Se aproximou dele e tocou seu braço, interrompendo sua disputa com o comerciante.

— Vou estar três postos abaixo olhando tecidos — Disse.

A beijou rapidamente.

— Nos encontraremos ali.

Sentindo-se intensamente culpada por sua mentira, se deixou engolir pela multidão. *“Era o melhor”*, se assegurou. Queria proteger Dain tanto como fosse possível.

Moira se deslizou entre o vendedor de tecidos de seda e um comerciante de frutas. O vendedor de frutas deu uma cotovelada ao passar.

— Maçãs frescas — A mulher foi seduzida — Brilhantes e suculentas, diretamente do pomar de maçãs de Mid-Nordan.

Ela sacudiu sua cabeça e continuou, sentindo o fio de magia debochando dela, puxando-a. Moira passou pela multidão de pessoas, seguindo-as. A levaram por uma rua semi ocupada, logo para baixo a outra de menor afluência. Por fim, um beco lateral.

Se deteve na desembocadura da rua, se perguntando se tinha perseguido um fantasma. Um brilho negro passou no outro extremo do beco e isso a estimulou. O beco se abriu a um enorme pátio bem cuidado. Uma casa grande com altas colunas de ouro que adornavam a varanda da frente de grande tamanho. Moira arqueou uma sobrancelha.

“Alguém certamente pensava muito sobre si mesmo para construir tal casa”.

Seria Cyric?

Ficou de pé na sombra por vários minutos, vigiando a casa. Seu melhor curso de ação era descobrir quem era o dono da propriedade. Ela caminhou até as portas da frente, e se assustou tanto que quase saiu de sua pele. Nesta situação, seu sexto sentido lhe disse que tinha que proceder com mais cautela. Moira era tenaz, sentindo a presença de pessoas a seu redor.

Deu a volta para regressar por onde tinha vindo e correu diretamente a um peito largo.



Moira olhou o rosto de um homem grisalho. Ele a segurou pelos braços.

— Lorde Cyric a está esperando — Disse o homem e começou a arrastá-la até a casa.

O pânico a afligiu por um momento, então em uma reação primitiva lançou chutes. Pisou no pé do homem e quando ele soltou um grito de surpresa e dor, soltou seu braço se livrando dele e correu para o beco...Só para que outros dois homens bloqueassem seu caminho. Moira se deteve e olhou ao redor freneticamente, em busca de outra saída do pátio.

— Sabia que estava aqui, Moira — Disse uma voz de barítono atrás dela — Enviei os homens para trazê-la para falar comigo.

Pouco a pouco se virou e viu a Cyric diante da porta.

— Vamos — Ele fez um gesto com a mão — Não vou te machucar — Deu meia volta e entrou em sua casa.

Estava esse fio de magia de novo, puxando-a , puxando-a para Cyric.

Curioso e fazendo sinais por forças invisíveis, ela o seguiu.

Capítulo 10

— Killian!

Killian acordou com uma dura sacudida no ombro.

— Uf! — Foi tudo que podia dizer como a força de ter bebido tudo que bebeu na noite anterior se veio abaixo sobre sua cabeça.

— Grande Deusa, Dain. Você e Moira estão fazendo barulho suficiente por toda uma vida hoje.

— Se foi — Disse Dain, se atirando na cama junto a ele — Procurei a manhã toda por ela. Ela simplesmente desapareceu.

Killian se sentou e passou uma mão pelo cabelo. Em sua cabeça cada batimento de seu coração golpeou com uma força incrível.

— Que quer dizer com que Moira se foi? — Perguntou lentamente.

— Estávamos no mercado. Ela me disse que tinha visto alguns postos para baixo, que iria visitá-los e quando fui procurá-la não estava ali — Dain gritava — Vamos, temos que encontrá-la.

Na voz de seu irmão se ouvia muito claramente uma nota de ira e medo. Killian sabia o muito que tinha chegado a querer a Moira. Dain nunca se perdoaria se algo acontecesse com ela.

Killian se levantou tranquilamente e pegou sua roupa.

— Relaxe, Dain. Esta é uma cidade pequena. Ela não pode estar longe.

— Sim, mas Cyric está aqui — Contestou Dain .

Killian se deteve um momento enquanto metia a camisa sobre a cabeça.

— Eu sei.



Moira entrou em um salão ricamente decorado. Móveis antigos, que datavam de antes da guerra Sudhraian- Nordanese, se Moira não estivesse errada, decorava o salão. Cortinas escuras de seda vermelha cobriam as janelas, fazendo que a câmara ficasse mais escura. Cheirava fortemente a lírios, que estavam em jarros coloridos em cada superfície possível.

— Entre — Disse Cyric — Sente-se — Fez um gesto para uma cadeira incômoda de costas retas.

Ela sentia que a magia a obrigava a entrar no local. Ela levantou os olhos da cadeira a Cyric e o conhecimento explodiu contra ela. A magia não emanava de seu interior como ela tinha pensado originalmente. Vinha dele.

— Você — Sussurrou — Você possui magia.

A boca muito bem formada de Cyric se iluminou com um amplo sorriso.

— Levou esse tempo todo para sentir? Deve ser porque estou retendo meu poder. Neste caso, deixa que te ajude a entender.

Outra força mágica roçou o salão. A dita magia roçou a magia de Moira, empurrando a mesma. Uma vibração pulsante estranha e sombria passou por ela. Moira perdeu o fôlego por um momento.

— Isto é magia negra — Era a única maneira de descrever a explosão curta e violenta de poder que Moira sentiu a atravessando. Enfrentou sua própria magia, que se rebelava contra ele brevemente antes de se retirar totalmente.

Depois, outra explosão de energia a golpeou. Sentia que pulsava por sua vez, depois a espetava. Moira caiu de costas, estendida sobre o tapete atrás dela. A dor explodiu por seu estômago e fechou os olhos, lutando através da onda de náuseas que lhe afligiu. O poder se afastou, deixando-a com uma sensação de fraqueza.

Levantou os olhos para Cyric através do emaranhado de seus cabelos, ao perceber com inquietude o quanto Cyric era mais poderoso que ela.

Cyric sorriu.

— Veio antes que eu esperava — Soava como uma serpente que engoliu um gato — Sabia que viria, mas não te esperava tão cedo.

— Como sabe quem eu sou? — Moira pôs toda a raiva fria que sentia no tom duro de sua voz.

— A habilidade de premonição, minha filha. Eu vi você e seus namorados vir faz muito tempo.

— Porque se importa com quem sou? Não tenho nenhuma conexão com você.

Cyric caminhou até ela e se abaixou. Inspirou profundamente perto de seu cabelo — Seu fedor é dos dois, mas a maior parte de Dain — Cyric riu debochadamente ao mencionar seu nome — Sou Aviat também, Moira. Tenho um excelente olfato e posso cheirar que se deitou com ambos... Em várias ocasiões — Soltou uma gargalhada maliciosa curta — Se apaixonou por Dain, é



óbvio. Todas as mulheres o fazem. Mas veio aqui sem nenhum deles, não? — Seu tom era de admiração — É incrivelmente valente ou estúpida. Vou apostar neste último.

A raiva fez tremer todo seu corpo.

— Não respondeu minha pergunta.

Cyric sorriu.

— Se transformou na puta dos irmãos d'Ange — Sua voz era mais suave como uma carícia — Acho isto muito intrigante.

Tinha o cabelo longo e embaraçado, escurecendo sua visão do rosto de Cyric. Ela sustentou seu olhar, cheia do conhecimento de que poderia morrer.

Moira passou a seu outro lado, fingindo chateação e procurou sua adaga embainhada ao seu lado. Seus dedos se curvaram ao redor da manga.

— Dain não matou sua esposa — Disse com certeza — Você o fez.

Ele só riu.

— Acredite no que quiser. O amor é sempre tão cego. Você o ama tanto! Essa é a razão de vir aqui sem ele, o único que o salvou de ter que olhar em minha cara, não é verdade?

Ela sacou sua adaga e se virou para ele, foi uma aterrissagem dura e profunda no centro de seu peito. O sangue brotava pela sua camisa de linho branco. Cyric gritou de surpresa e rodou para um lado.

Moira se levantou e correu para a porta. Punhal na mão, ela a abriu e sentia a luz gloriosa da liberdade em seu rosto... Logo antes de uma mão carnuda se fechar em seu ombro e a fazer girar.

Os guardas do pátio.

Lutou selvagememente, dando chutes, gritando e mordendo. Foi a garganta e os olhos, a seus ouvidos os uivos de dor a satisfaziam. Dois homens a agarraram, um por cada braço. Um deles cerrou a mão ao redor de seu pulso que segurava a adaga e o apertou. A dor brotou da longitude de seu braço até o ombro, mas não quis renunciar a sua adaga.

A mão enorme do guarda a pegou pela parte de trás da cabeça e o rosto de Cyric encheu sua visão. Lutou contra os guardas e só conseguiu arrancar alguns fios de seu próprio cabelo.

— Vamos — Grunhiu o guarda. Mordeu sua mão, ela gritou e abriu a mão. A lâmina caiu no chão do vestíbulo.

Moira levantou a vista, seu olhar centrado em Cyric. A morte brilhava em seus olhos enquanto se acercava dela. O sangue manchava a frente de sua camisa cara.

Cyric estalou a língua. Moira estava cansando de ouvir esse som.

— É incrivelmente poderosa e nem sequer o sabe. Você nem sequer tratou de aproveitar sua magia — Ele jogou a cabeça para um lado — Ou tem medo de suas capacidades?

Moira se calou por um momento, levando em consideração suas palavras.

“Querida que usasse sua magia em sua defesa? Usá-la com intenção de machucar alguém?”

Cyric se pôs a rir.

— Posso ver que nunca lhe ocorreu.



Moira teve problemas com os guardas que seguravam seus braços.

— Que quer de mim? — Exigiu saber enojada.

— Eu deveria fazer essa pergunta. Você é a que me buscou.

Ela se calou.

— Sim. Sim, é verdade — Ele enfocou seu olhar nela — Para falar. Nada mais.

— Falar de que? Que vou falar com a amante de meu pior inimigo? — Disse Cyric.

Ela negou com a cabeça.

— Não sei. Fui levada a você por alguma razão, além deste mundo. A Deusa e o Deus me manipularam para procurar primeiro a Dain e depois a você. Não sei por quê.

— Hmmm — Cyric acariciou a barba, pensativo — Leve-a a meu quarto.

“Seu quarto?” Os alarmes soaram na cabeça. Ela lutou ainda mais forte contra os guardas, já que a levaram pra fora do pátio e de volta ao corredor. Os guardas abriram uma porta e a jogaram num quarto grande. Caiu de lado sobre um tapete e logo se levantou, só pra encontrar a si mesma incapaz de mover a porta. Ela puxou a maçaneta da porta e a golpeou com os punhos fechados, deixando que sua raiva saísse aos borbotões dela. Sua magia começou a queimá-la por dentro deixando-a quente e forte.

Por fim, se virou e olhou ao redor da câmara. Vendo a cama de madeira entalhada, armários, mesas e cadeiras. O quarto era enorme. Não tinha janelas. Não havia outras portas que pudesse ver, tampouco. Nenhum meio de evacuação imediata aparente, ela se lançou de onde se apoiou contra a porta e começou a ir pelos armários e aparadores, buscando algo que pudesse usar como arma. Moira tirou a roupa de Cyric e acabou jogando-a no chão, espalhou seus sapatos, mas não pode encontrar nada para usar como arma. Tinham retirado tudo, obviamente, o quarto esteve limpo antes que a jogassem dentro dele.

Desanimada e desolada, se sentou em um dos finos tapetes que cobriam o chão, no meio da desordem que tinha feito. Olhando para cima, viu a coisa perfeita. Ao lado da lareira tinha um atizador. *“Como podia ter perdido de vista uma coisa assim?”* Se arrastou sobre o tapete e foi até seu lugar no porta ferramentas de fogo. O metal frio era forte em suas mãos e lhe deu confiança.

“É incrivelmente poderosa e nem sequer o sabe”. As palavras de Cyric ressoavam em sua mente. *“A magia como uma arma?”* Mordeu o lábio e contemplou o jogo. *“Talvez”.*

As lágrimas cravaram em seus olhos. Uma caiu em seu colo, outras salpicaram as costas de sua mão. Não chorava porque estava assustada por si mesma. Chorou por Dain. Cyric não tinha admitido, mas ela sabia no mais profundo de seu coração que a magia de Cyric havia matado a Andreea.

Dain esteve se castigando por nada.

Isso era o que seus poderes tinham que descobrir. Esse foi o propósito de seus ataques, todo. Ela tinha que demonstrar a Dain que estava errado e livrá-lo da prisão em que tinha encerrado a si mesmo.



Ela segurou o atizador mais forte ainda. Não havia maneira de que ela não fosse sair dali e dizer a Dain que era inocente.

“A magia como arma...”

Moira cerrou seus olhos e encontrou o fio de magia que tinha se entrelaçado com sua alma. Ela podia senti-lo as vezes, brilhando como um salva-vidas de outro dentro dela, mas nunca o tinha buscado conscientemente.

Chegou o momento de saber o forte que era na realidade.

Capítulo 11

Dain apertou os dentes quando a casa de Cyric apareceu a vista. Estava em um lugar muito afastado da parte principal da cidade então logo a viu, pensou em Lorde Cyric, o senhor de todos, manejando esta pequena cidade. A casa mais parecia um castelo, e não tinham poupado gastos para garantir que todos que todos que a vissem soubessem como Cyric era poderoso e rico.

Dain olhou para Killian e caminharam para a casa, agradecidos pela escuridão da noite que os protegia.

Logo que Moira ouviu os passos no lado oposto da porta, ela se apressou a se esconder atrás da porta.

— Pequena Damaaaaa — Chamou um dos guardas em um forte sotaque Nordanese. A porta se abriu lentamente — Pequenaaaa... Uf!

Moira levou o atizador duro diretamente na garganta do homem, então o deixou cair de novo sobre sua cabeça. Ela estremeceu e tratou de não gritar enquanto o fazia. Nunca em sua vida tinha usado suas mãos para a violência, só para cura, mas não tinha tempo para se arrepender e ficar com frescuras agora.

O guarda desabou de joelhos diante dela, inconsciente. O sangue brotava de sua testa. A bandeja que estava levando se esparramou no tapete, fazendo muito mais barulho do que ela queria.

Deixou cair o atizador no chão do tapete e rapidamente baixou até o homem, espada e adaga curta. Com dedos trêmulos, empurrou o punhal na cintura da saia e agarrou com força a espada em sua mão, caminhou com passos silenciosos sobre o tapete grosso. Ela avançou para a porta, assomou para se assegurar de que não tinha ninguém e depois escapuliu pelo corredor para a parte principal da casa.

Franziu o cenho ao passar por uma mesa de mogno com um jarro de ouro com flores nele. Ela teria jurado que não estava ali antes, estava certa. E a imagem do pôr do sol na parede oposta tampouco estava ali antes. Algo estava errado.

Uma vez que fez sua primeira volta a esquerda, ela soube que algo estava terrivelmente errado. Ela não deu essa volta quando os guardas a tinham levado para o quarto de Cyric. Todos os



cruzamentos e voltas que ela tinha feito quando os guardas a levaram a força, foram cuidadosamente documentados em sua mente para que depois ela pudesse encontrar seu caminho de volta. Mas parecia que a casa tinha mudado de alguma maneira. Ela virou para a direita e chegou a um beco sem saída. Ela soprou com impaciência e voltou a recuar o caminho que acabava de fazer. Ela sabia que não poderia ter esquecido o caminho. Tinha que ter outra explicação e Moira estava certa de que não iria gostar.

Encontrar um pequeno quarto do modelo sudharian dos quais Cyric parecia aficionado a pôr em sua casa. Cerrou os olhos em busca de um fio de sua magia. Ela encontrou um pequeno rastro pela sala e o agarrou. Nunca se aproveitou de sua magia antes. Sempre saiu a luz de forma natural. Agora trataria de aplicar nesta casa a fim de descobrir seus segredos.

E também encontrar uma saída pra ir em busca de Dain e Killian.

Killian e Dain estavam buscando desesperadamente uma maneira para entrar e tirar Moira.

Killian observou seu irmão desaparecer numa esquina da casa só para voltar com uma expressão sombria em seu rosto.

— Juro pra você que tinha uma janela aqui antes — Grunhiu Dain, com um músculo tremendo em sua mandíbula — A porta de entrada desapareceu também.

— Esta casa está muito protegida por magia, irmão — Disse Killian, olhando a enorme estrutura. Baixou o olhar para Dain — Sabia que Cyric era um descendente dos Primeiros Filhos?

Dain sacudiu a cabeça fortemente. A luz da lua mostrava que algo brotava em seu rosto. Esperança, talvez? Killian tinha o mesmo sentimento, tinha a esperança que queimava o peito neste momento. Se Cyric tinha magia, isso significava uma possibilidade de que Dain não tinha matado Andreea, depois de tudo.

— Talvez tenhamos um mago de companhia — Disse Dain com um tom monótono.

— Talvez. Não saberemos até que possamos entrar e descobrir o que está acontecendo.

Moira caminhava seguindo o fio de magia e num instante sentiu que golpeou uma parede alta potente e cheia de poder. Perdeu o fôlego devido a sensação. Moira temia que Cyric fosse capaz de sentir o que estava fazendo.

Ignorando a possibilidade já que não tinha outra escolha senão tentar, ela abriu os olhos e introduziu toda a consciência na casa, sentindo como se fosse um ser vivo. A falsidade foi o que a golpeou primeiro.

Ela franziu o cenho, sentindo a estranheza da estrutura. Se sentia fora. Pulsando sua magia nela. Sentindo que algo em seu peito começava a crescer quente.

Ela apertou a palma da mão entre seus seios pela sensação desagradável.

— Mostre-me a verdade — Murmurou.

Prendeu a respiração enquanto o ar em frente a ela brilhava uma vez, duas vezes. Ela cerrou os olhos por um momento devido a vertigem e quando os reabriu a casa que lembrava estava de



novo em seu lugar. Franzindo o cenho, olhou a sua direita e viu o quarto em que ela tinha entrado primeiro.

“Talvez seu desejo tivesse desfeito o feitiço de ilusão que tinha sido posto na casa?”

“Oh, Doce Deusa. Cyric saberia que ela fez isso com certeza”.

O pânico correu por suas veias. Ela avançou para fora do quarto e se manteve perto da parede, o que a fazia caminhar diretamente para a porta.

Cyric saiu das sombras em frente a ela e a segurou pela garganta. Prendeu a respiração. Ele a empurrou contra a parede atrás dela, seu controle continuava fechando a traqueia de Moira. Ela tentou afastar a mão com seus dedos soltos, mas seu domínio era como aço.

Levantou uma sobrancelha e sorriu.

— Vai a algum lugar?

Recobrando seu ânimo, se lembrou de sua arma. Deslizou a espada da bainha e a empurrou para ele. Cyric a soltou e deu um salto para trás bem a tempo. A ponta da espada cortou sua camisa de linho branco, e o sangue de Cyric encheu sua barriga. Ele ficou olhando a ferida com surpresa.

“Esta foi a segunda vez que ela tirava sangue dele”, pensou com satisfação.

Com os olhos muito abertos e a respiração pesada, Moira se virou e correu para a porta. Antes que ela tivesse dado cinco passos, algo como uma corda grossa, pesada de magia, pareceu se envolver ao seu redor. Ela tropeçou e caiu de cara no chão de ardósia. A espada afiada voou da mão de Moira e se deslizou pelo vestíbulo.

Ela usou sua magia contra as cordas mágicas para tentar desfazê-las. Moira empurrou e tirou a magia de Cyric freneticamente, ao ouvir as pisadas de sua bota no chão, que parecia estar cada vez mais perto.

Finalmente ela rompeu seu domínio e se virou para a frente, a raiva aquecia seu sangue até o ponto de ebulição. Com sua emoção, sentiu que aumentava sua magia. Nunca soube que podia usar sua magia em uma batalha dessa maneira...E se sentia bem aproveitando seu poder.

Um lento sorriso apareceu nos lábios finos de Cyric.

— Encontrou a arma que deixei para você na sala, estou vendo. Queria ver o que faria para tentar escapar — Seus olhos se escureceram e seu sorriso desapareceu — Mas nunca imaginei que seria capaz de desfazer o feitiço de ilusão que encobria a casa.

Buscou a adaga escondida nas dobras de sua saia. A sua esquerda sentiu a presença de dois homens que ela reconheceu imediatamente.

Ela deixou escapar um suspiro de alívio.

— Você — Disse do chão para Cyric — Você é a causa da dor de todos os d’Ange.

Ele deu de ombros.

— Andreea queria finalizar nossa relação quando Dain voltou. Estava zangado.

— Foi intencional?

Um lento sorriso floresceu nos lábios finos de Cyric.



— É óbvio. Fazer parecer que foi Dain que fez foi um golpe de gênio. Não tem a magia, por certo. É imbecil.

Sua magia explodiu dentro dela e ameaçou transbordar. Ela a conteve com esforço, lutou contra ela, dar uma meta. A magia de Cyric se inchou e empurrou contra a dela, enfrentando a sua. A morte lutando contra a vida. Putrefação erodindo a purificação.

— Assim agora ele sabe — Disse com satisfação.

Se pôs a rir.

— Ele nunca saberá por que a informação vai morrer com você — Ele se balançou sobre ela. Ela levou a adaga para frente para apunhalar seu peito, mas simplesmente desapareceu. Dain escapou das sombras e o golpeou de lado. Juntos, ele e Cyric rodaram pelo chão de ardósia.

Moira estremeceu olhando-os rodar a seus pés e golpear entre si.

Cyric deu chutes na cabeça e Dain cambaleou para trás, aturdido. Killian se encontrou na luta, com espada no alto, mas Cyric envolveu sua magia em volta dele, o detendo em seu lugar. Cyric levantou nesse momento sua mão e sentiu que a magia de Moira se unia a dele. A dele era negra, poderosa e letal.

Moira fechou seus olhos e guiou sua magia sobre ele com o objetivo de despojá-lo da sua. Só seu instinto a conduzia agora, nada mais. Moira centrou seu poder no meio de seu peito, se sentia como peças de fundição e sentiu o fortalecimento da mesma. Cyric se fixava nela e sentia que parte de seu poder levantava a cabeça, como um grande gato olhando um rato.

Moira abriu os olhos e deixou que a sobrecarga de energia saísse dela como uma onda gigantesca. Ela gritou ao liberar tanto poder e sentiu uma dor que a rasgava por dentro.

Cyric gritou, dando um passo atrás tentando se afastar da explosão de energia.

— Eu captei seu poder e o expulsei contra você! — Gritou Moira enquanto tratava de levar ar aos pulmões.

Ela sentiu algo se liberar de Cyric e também como a liberação saía para cima. O ar ao redor deles aumentou perto da ruptura e depois caiu sobre si mesmo. Um som como de algo se quebrando encheu a sala.

— Não — Gritou com angústia Cyric. O poder escuro e pesado que previamente tinha enchido a sala se dissipou.

Killian desabou de joelhos, livre.

Moira se pôs de pé, a dor martelando sua cabeça. Ela tinha expulsado todo o poder que tinha para extrair a magia de Cyric dele e espalhá-lo aos quatro cantos do mundo. Manchas escuras apareceram em sua visão e ofegou, se derrubou no chão e caiu no nada.

Capítulo 12



— Moira! — Gritou Dain. Deu um passo para ela, mas Cyric o impediu. Fúria borbulhou dentro dele com força, tão forte e tão rápido como quando tinha voltado pra casa da guerra e encontrou Cyric fodendo sua mulher.

Mas desta vez sabia que não tinha magia suficiente para matá-lo. Ele entreabriu os olhos. Só tinha sua espada.

Dain deu um passo para trás e tirou a espada de sua bainha. Se pôs de pé em posição de batalha e brandiu para Cyric. Sua voz tremia de raiva absoluta, fria quando falou.

— É meu, Killian! Mantenha-se atrás! Cyric, desembainhe sua espada.

Cyric olhou para Moira e estalou a língua.

— Mas ao menos tenho a satisfação de saber que o fato de me despojar de minha magia a matou. A fraca pequena mucosa.

— Pegue sua espada— Gritou Dain.

— Com esta, são duas das suas companheiras de cama que matei até agora, não é verdade, Dain?

Sopesou a espada e correu para Cyric, mas Cyric sacou sua espada e deu um passo fora do caminho de Dain. Cyric trouxe sua própria espada ao redor na intenção de tomar Dain por trás, mas Dain virou a tempo de bloquear o arco descendente de Cyric.

Dain xingou por permitir que Cyric manipulasse suas emoções e fazê-lo perder o controle. Com dificuldade, ele lutou por uma medida de neutralidade, um lugar onde pudesse brigar com a mente limpa. Dain respirou fundo e brandiu sua espada com meios golpes, provocando que suas espadas chocassem uma contra a outra. Eles se mantinham próximos enquanto Cyric tentava empurrar Dain contra a parede, com o que sua espada esteve perigosamente perto de sua garganta.

O fôlego rançoso de Cyric chegou a seu nariz.

A Dain não importava. Cyric poderia ter sua magia negra poderosa, forte... Mas não havia maneira dele ganhar espada contra espada.

Em sua visão periférica viu Killian se aproximar deles, espada no alto. Dain olhou nos olhos negros de Cyric enquanto ordenava em voz baixa.

— Esta é minha vingança, Killian. Mantenha-se longe dela. Eu o tenho justamente onde quero.

— Uh, você tem?

Dain enganchou os pés em volta dos tornozelos de Cyric e o varreu, derrubando-o sob seus pés. A espada de Cyric caiu no chão de pedra a seu lado e Dain trouxe sua própria espada para baixo até seu peito sem fanfarra, sem preâmbulos.

— Sim, o tenho — Disse Dain enquanto olhava nos olhos surpresos de Cyric — Isto é por Andreea e Moira — Deu a volta na lâmina e a pressionou no corpo de Cyric.

Cyric deu um olhar aturdido em seu rosto. Ele gorgolejou uma vez e seu sangue deslizou do canto de sua boca, então a luz em seus olhos se apagou.



Dain deixou que sua espada caísse no chão e correu para Moira. Killian já estava ali. Dain se agachou a seu lado, a emoção brotava dentro dele. Se realmente estivesse morta, não sabia o que faria. A tomou em seus braços, notando um hematoma na testa e um corte no lábio. Sua cabeça caiu para trás, deixando a descoberto seu pescoço fino e as veias azuis bem marcadas.

— Pelo sangue de Anot — Suspirou Killian, se inclinou e pressionou sua mão na garganta dela — Está viva, ainda que a duras penas.

A esperança explodiu quente e dura dentro dele. Dain a esmagou contra ele e cerrou os olhos, aspirando o fresco aroma de seu cabelo. Então ele a levantou e caminhou para a porta.

— Vamos levá-la de volta ao quarto.

Moira acordou deitada comodamente na cama da pousada. Alguém a havia coberto com um lençol, mas nada além, pelo calor. A cabeça doía e seu corpo estava dolorido, mas além disso se sentia bem. A última coisa que se lembrava era desfiando a magia de Cyric pra longe dele.

De repente, preocupada, ela havia desfiado a dela longe no processo, ela cerrou os olhos e buscou os fios de seu poder.

Ela suspirou. Ainda estava ali, diminuído e fraco pelo esforço, mas estavam ali.

Murmúrios a fizeram levantar o olhar. Dain e Killian estavam na janela olhando a rua.

Ela sorriu, sabendo em seu coração que Cyric tinha sido eliminado de suas vidas para sempre. Deixou que seu olhar viajasse sobre eles com amor. Como se preocupava pelos dois. A emoção que sentia por eles era diferente, mas intensa em cada um de maneira individual. Os sentimentos tinham feito que seu coração inchasse e as lágrimas cravassem seus olhos.

Killian, ela o amava por sua risada fácil e sua maneira sutil. Encantava a forma em que amava a seu irmão e como faria qualquer coisa por ele. Nisso, tinham muito em comum. Ela amava a forma em que tocou o corpo de uma maneira quase reverente e a escuridão que enchia seus olhos quando era estimulado ao ponto de se partir.

Dain. Seus olhos se encheram de lágrimas. Deusa, como o amava. O queria por sua intensidade, sua honra, e seu propósito único em tudo que fazia. Amava como a olhava com carinho em seus olhos. Amava quando a tocava e fazia o fogo surgir ao longo de seu corpo. Amava o cheiro dele e seu sabor. Ele veio encher uma parte dela que nem sequer sabia que estava vazia. Se tivesse que se separar dele, não sabia se seu coração suportaria.

Dain se afastou da janela fechada e encontrou seu olhar. Tinha o cabelo despenteado e olheiras marcadas sob seus olhos. Ela sorriu.

— Está acordada — Disse com voz rouca, tensa e se aproximou dela.

Killian se afastou da janela. Um sorriso se desenhava em seus lábios.

— Moira — Murmurou.

Dain a agarrou suavemente em seus braços e espalhou beijos na testa, nas bochechas e na boca. Então ele a abraçou e murmurou em seu cabelo.

— Pensei que fosse me deixar.



Ela o envolveu com os braços e cerrou os olhos.

— Nunca — Sussurrou.

Dain acomodou suas costas nos travesseiros e Killian pegou sua mão, depois se inclinou e a beijou.

— Cyric não nos perturbará mais — Ele sussurrou contra sua boca.

Ela assentiu com a cabeça.

— Como se sente? — Disse Killian, se estabelecendo ao seu lado.

— Me sinto como se alguém tivesse me batido com uma pá — Respondeu ela — Quanto tempo estive inconsciente?

— Perto de doze horas — Disse Dain — O médico veio e curou seus machucados, mas nos disse que não podíamos fazer nada além de esperar que acordasse. Temia que nunca o fizesse. Levantou a mão e acariciou sua bochecha, sustentando seu olhar.

Moira colocou tudo que sentia por ele em seu olhar e viu o indício de lágrimas enchendo os olhos de Dain.

Killian clareou a garganta . Beijou sua testa e se levantou.

— Bom, agora que este assunto desagradável está concluído, vou seguir meu caminho.

— Aonde vai, Killian? — Perguntou Moira.

— Acho que vou esta tarde. Talvez retorne a corte do senhor Arvand por um tempo, e deixe os dois um tempo sozinhos. Suponho que estará de volta a Aeodan logo que Moira esteja pronta.

— Nós, Killian — Respondeu Dain — Nos veremos ali — Se levantou e abraçou a seu irmão — Viaje com cuidado.

— Você também.

— Adeus, Moira — Killian piscou um olho para ela — Cuide de meu irmão. Ele te ama muito.

Ela sorriu.

— Como eu amo a ele. Viaje com cuidado, Killian — Respondeu ela. Killian deu um longo e prolongado beijo nos lábios, um beijo que era algo mais que simples adeus, e saiu do quarto. Moira ficou olhando para a porta, a alegria melancólica vibrava através de seu corpo.

Dain trouxe um prato com um pouco de pão e queijo e um copo de água. Moira se empurrou para cima com cuidado. Seu estômago rugia já a visão dos alimentos.

Dain afastou o cabelo de seu rosto.

— Logo que esteja pronta para viajar, conheço um lugar não muito longe daqui onde poderemos ficar perto do mar e caminhar na praia. Você gostaria de passar um tempo ali? É quente o suficiente para que possamos nadar na água

— Dain, sim. Ficaria encantada com isso — Ela deu um sorriso largo, só em pensar em seus pés se afundando na areia e na água lambendo seus pés. Pensar em Dain a seu lado enquanto ela experimentava essas coisas era ainda melhor.

— E então, quando tiver suficiente sol e praia, poderemos ir para casa, a Aeodan... Juntos — Disse.



Se inclinou para frente e o beijou, e depois murmurou com voz rouca em seus lábios.
— Nada neste mundo poderia ser melhor.

Fim



Nardo



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>